

EVERNIGHT PUBLISHING®



HARD *to* GET

KILLER OF KINGS BOOK 4

SAM CRESCENT
STACEY ESPINO





HARD to GET

Serie Killer of Kings

LIVRO 04

SAM CRESCENT
STACEY ESPINO

EQUIPE PL

Tradução: Lana Dream

Revisão Inicial: Mari Hossaka

Revisão Final: Sílvia Helena

Verificação: Thinker Bell

Leitura Final: Angéline

Formatação: Lola



P  L Série

APRESENTA

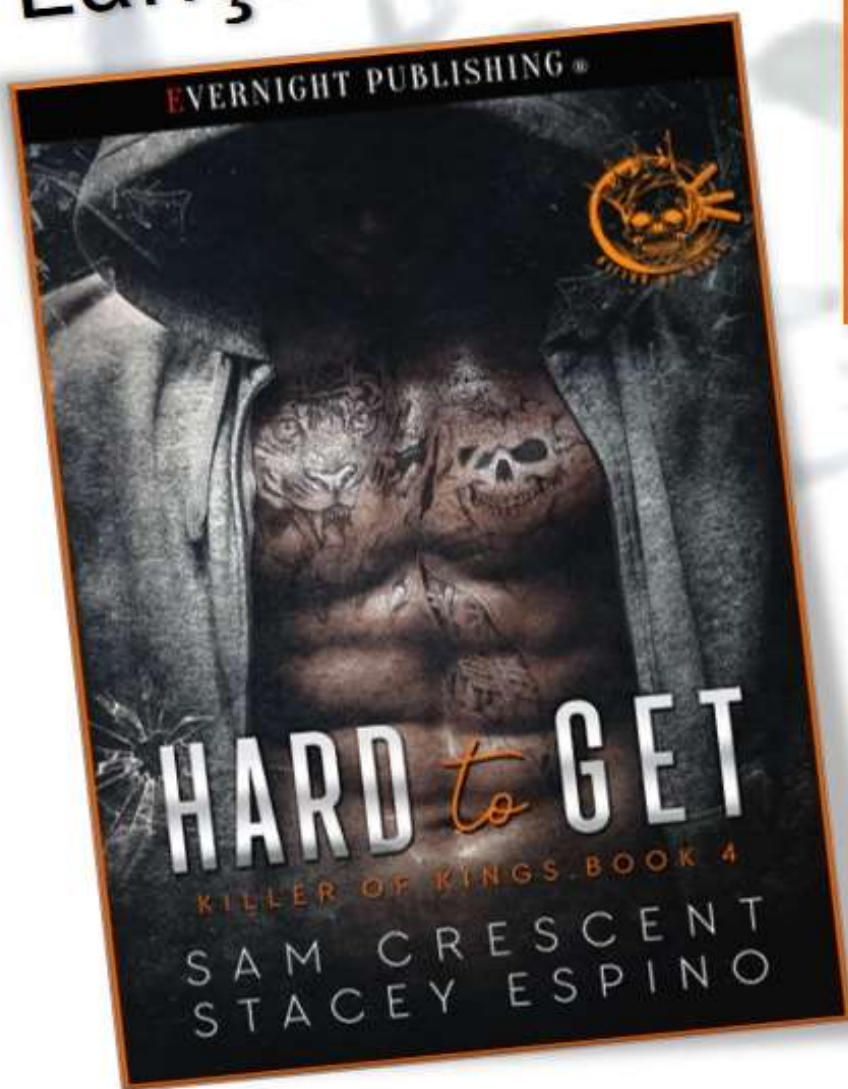
Killer of Kings

Lançamento

Em Breve



Distribuído



SINOPSE

Shadow é muito reservado, nunca mistura negócios com prazer. O seu negócio é matar. O prazer é a garota do lado.

Riley nunca teve ajuda enquanto crescia, mas está determinada a fazer algo de sua vida. Deu seu próprio sangue, suor e linha de crédito para comprar sua casa e a confeitaria. Tudo está perfeito, mas também não. Está sozinha e não consegue controlar a obsessão pelo sexy e misterioso vizinho.

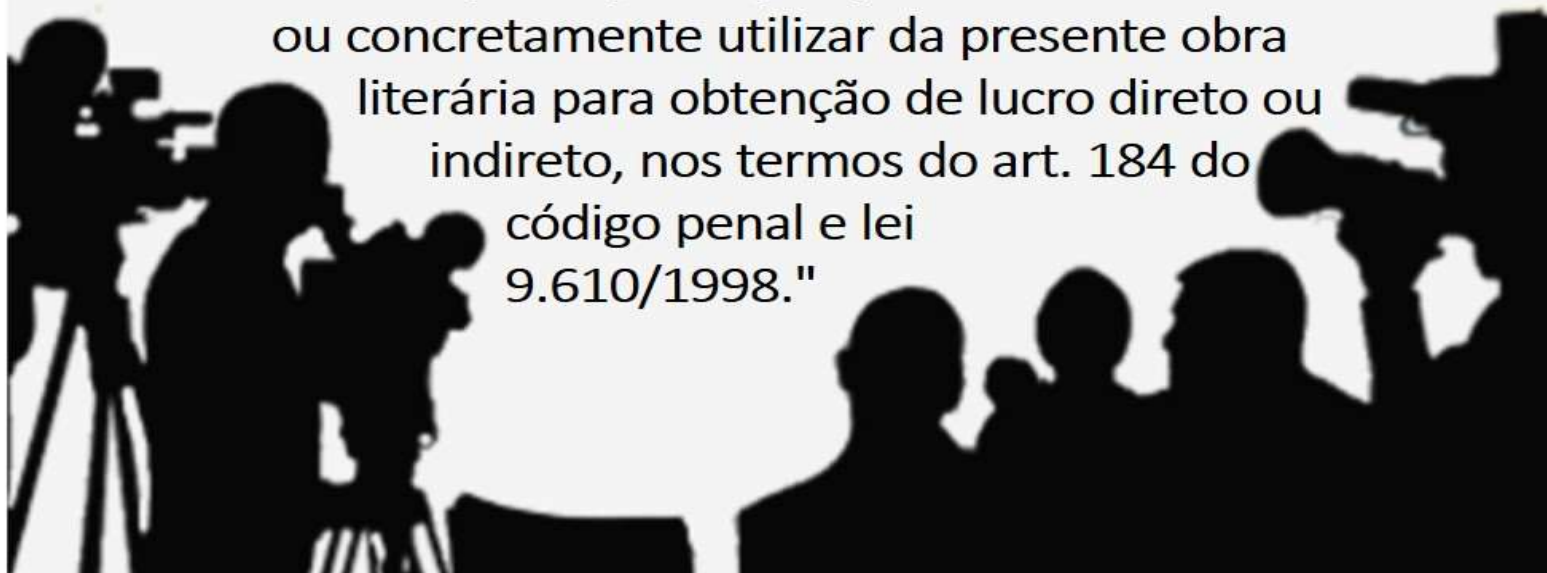
Shadow aperfeiçoou seu autocontrole ao longo dos anos, por isso ignora Riley naturalmente. Mas quando a tentação curvilínea se envolve em seu mundo, alvo de um grupo de assassinos, ele assume a responsabilidade pessoal por sua segurança. Ela é bonita, mal-humorada e pretende mostrar-lhe o quão sombrio e sujo pode ser. Se conseguirem permanecer vivos, podem simplesmente ter o amor de sua vida.

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”



**Favor não publicar nossos arquivos no
Facebook!**

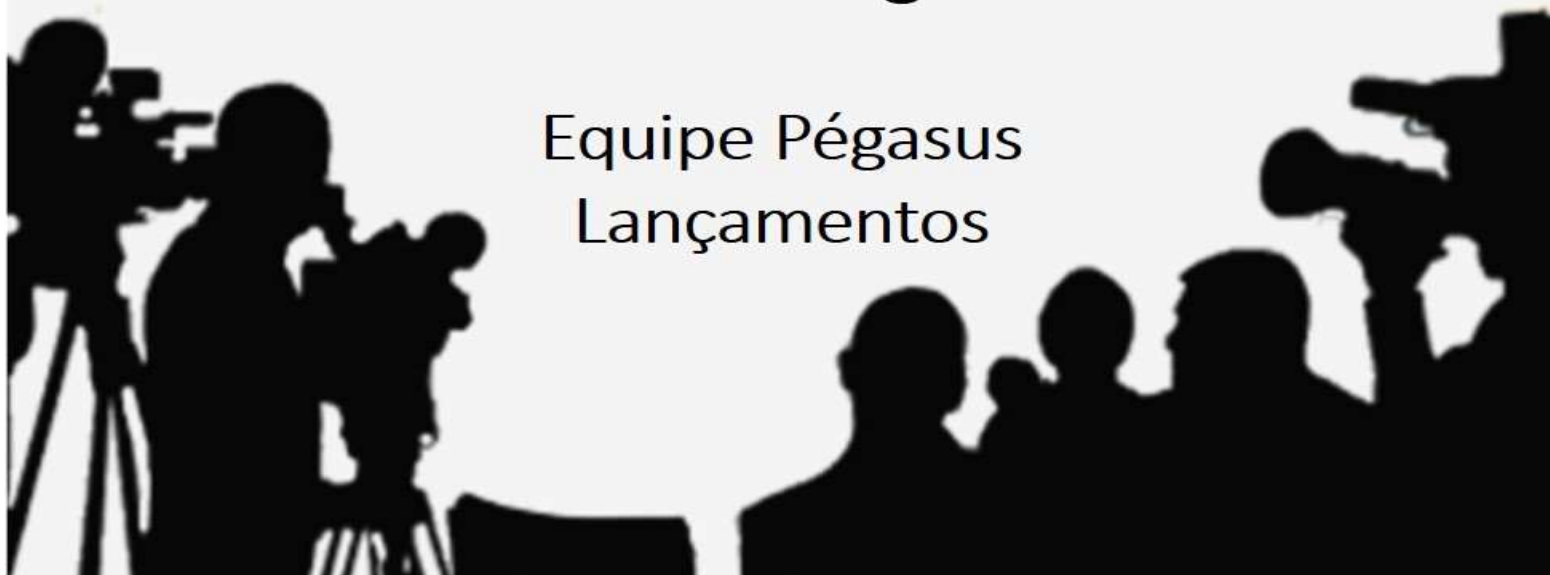
**Se você viu algum livro do PL no face, sem a
nossa autorização, converse com a
moderação.**

**Se você gosta dos livros feitos pelo PL
ajude!!!**

**Quem gosta respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no face, expondo
ao grupo de forma desnecessária.**

**Não aceitamos reclamações
sobre as traduções do grupo!
Não gostou, leia o livro no
idioma original**

**Equipe Pégasus
Lançamentos**





CAPÍTULO

UM

Riley levou o pequeno saco de lixo para a calçada e jogou-o na lata de metal. Assim como um relógio, seu vizinho, o Sr. Alto, Sombrio e Misterioso, fez o mesmo. Acenou para ele e como de costume, ignorou-a e caminhou de volta para sua casa.

Que idiota, pensou. Um idiota sexy, mas ainda assim um idiota.

Comprou o pequeno bangalô há quase um ano e meio, graças a um programa de subsídio do governo e muitos empréstimos bancários. Seus outros vizinhos pareciam amigáveis, afinal estavam em um bom bairro. Apenas ele era assim. Não sabia absolutamente nada sobre esse vizinho, nem mesmo seu nome. Nenhuma das suas tentativas de fazer contato teve sucesso, mas pelo menos não era apenas com ela. O homem era um recluso, mantinha-se afastado, evitando quase todos.

Riley pensou em todos os tipos de cenários emocionantes em sua cabeça. Há alguns meses atrás, se convenceu de que ele estava operando um laboratório de drogas ilegais. Arrastou-se ao longo dos arbustos depois que saiu e olhou por uma fresta das cortinas a

janela da frente. Foi decepcionante encontrar uma sala de estar muito normal, que poderia ver na capa de uma revista chata Casa & Jardim. Então, voltou à estaca zero, querendo saber quem o homem misterioso era realmente.

Ela voltou para casa para pegar as chaves do carro, sua bolsa, em saiu para trabalhar. Eram apenas quinze minutos até uma pequena praça ao ar livre. Riley deu seu sangue, suor, lágrimas e seu último centavo para abrir sua própria confeitaria. Era uma pequena loja e não podia pagar por uma equipe ainda, mas era dela. Não pararia por nada até torná-la um sucesso.

Bom dia, Riley.

Acenou para Janet, uma das agentes de seguros que trabalhava há duas lojas da sua. Riley conhecia a maioria das pessoas na praça, de proprietários a trabalhadores, mas não chamava nenhum deles de amigo. Preferia sua privacidade e era ferozmente independente desde que conseguia se lembrar. Era um risco muito grande investir em pessoas que, inevitavelmente, iriam decepcioná-la, não muito diferente de sua própria mãe e cada homem que já namorou. Sua melhor aposta era se concentrar em si mesma, sua confeitaria e o fato de que não precisava de outra pessoa para fazê-la se sentir inteira.

Depois que destrancou a porta de vidro e mudou a placa de fechado para aberto, acendeu as luzes e foi para trás do balcão. Hoje, tinha um bolo de casamento para preparar, dois bolos de aniversário e precisava começar suas fornadas habituais de pães,

bolos e biscoitos. Adorava cozinhar e criar algo a partir de ingredientes simples. Era sua fuga pessoal, sua terapia. Se estivesse chateada, podia se perder no processo, se estivesse com raiva, podia sovar a massa. Cozinhar a fazia feliz e dava-lhe um propósito.

— Ei. — Disse Janet, entrando pela porta da frente. Tudo bem?

— Você ouviu que alugaram a loja da esquina?

A maior loja na praça estava vaga há mais de seis meses. Desde que era para ser a loja âncora na praça, todos estavam ansiosos para que tivesse um inquilino.

— Mesmo? Por quem?

Ela revirou os olhos.

— Um bar. Você acredita nisso?

Riley encolheu os ombros.

— Muitas praças têm bares.

— Sim, mas ficam abertos até altas horas, quando nós duas estamos fechadas. Não posso ver como será um benefício.

— Não podemos fazer nada sobre isso. — Lavou as mãos e começou a pegar as tigelas nas prateleiras mais altas. — Estou acostumada a contar apenas comigo de qualquer maneira.

Nunca teve qualquer ajuda em sua vida, por isso não contaria com isso agora. Sim, rezava para o negócio prosperar, mas não apostava apenas nisso.

— Posso ver. Não acredito que cuida deste lugar sozinha. — Janet distraidamente folheou o menu de bolos no balcão.

— Bem, não estou ocupada o suficiente para contratar ajuda. Mesmo se estivesse, não poderia pagar.

Janet olhou para o relógio.

— É melhor eu ir. Tenho um cliente que chegará em dez minutos.

Uma vez que Riley ficou sozinha, se perdeu em seu trabalho, o cheiro de farinha e canela acalmou seus nervos. Por mais que tentasse não pensar nisso, estava sempre em sua mente. Se sua loja fechasse, perderia tudo, incluindo sua casa. Seria capaz de conseguir outro emprego, mas isso não mudaria o fato de que devia ao banco uma pequena fortuna.

Estava acostumada a sobreviver, mas não era fácil sem um rendimento fixo. Todos seus vizinhos eram casados, muitos com crianças, exceto seu aquele vizinho. Nunca viu uma mulher vir ou ir, nem visitantes. Agora que seus pensamentos estavam no homem misterioso, sua ansiedade diminuiu e seu corpo aqueceu. Como podia ter esse efeito sobre ela, especialmente quando não tinham trocado duas palavras?

Sua obsessão de infância com os livros de Nancy Drew alimentou sua curiosidade. Ele era um mistério que queria desvendar. Era um contador? Um agente secreto? O homem era alto e usava sempre preto, mesmo no calor. Talvez um guarda-costas?

Riu para si mesma enquanto colocava a primeira massa em uma assadeira untada. A leitura tornou sua vida tolerável e sua vida amorosa fictícia era também emocionante. Se apenas os heróis em seus romances fossem reais. Mesmo se fossem, sempre iriam para as donzelas em perigo e Riley nunca foi concorrente num concurso de beleza e não precisava ser salva.

A campainha soou quando duas mulheres entraram em sua loja conversando. Ela reconheceu-as de seu bairro.

— Oh, é você... desculpe, não me lembro do seu nome. — Disse a loira.

— Riley.

— Certo, você mora no fim da rua. Não sabia que trabalhava aqui. Sou Amanda e ela Karen, mora do outro lado da rua, de frente a mim.

Riley sorriu, limpando as mãos no avental para remover o excesso de farinha.

— É bom conhecê-las. Posso ajudar?

Amanda olhou para amiga, antes de enfrentar Riley novamente.

— Farei uma festa no fim de semana para comemorar o meu décimo aniversário de casamento. Preciso de um bolo grande, com miniaturas e alguns doces. — Disse ela. — Você recebeu um convite, certo?

Ela balançou a cabeça. Não era uma surpresa. Riley não se encaixava exatamente nos círculos sociais de seu bairro chique. Aos vinte e oito anos era mais jovem do que a maioria por ali. Seu cabelo naturalmente preto tinha algumas mechas azuis que sempre pareciam chamar atenção. Ela gostava de ser única, abraçando seu lado criativo e não se importando com o que as pessoas pensavam.

— Ele deve ter se perdido no correio. — Amanda disfarçou. Será que percebia o quão transparente era? Riley sempre foi uma boa juíza de caráter e essas mulheres eram muito dissimuladas. — Karen, você tem mais convites?

Karen procurou dentro de sua bolsa e entregou-lhe um pequeno envelope branco e dourado.

— Obrigada. — Disse Riley, aceitando o convite. Pegou seu bloco de notas. — Deixe-me anotar sua encomenda antes que esqueça.

No momento que fechou a noite, estava cansada. Amanda esperava sua encomenda pronta com apenas dois dias de antecedência. Normalmente, Riley recusaria um prazo tão apertado, mas não estava em condições de recusar uma encomenda grande assim.

Voltou para casa ouvindo sua estação de rádio favorita com as janelas abertas. Riley amava os dias mais longos de verão. Quando virou em sua rua, notou que seu vizinho saía da garagem. O mais louco pensamento surgiu em sua cabeça. Tentou afastá-lo, convencendo-se de que apenas perseguidoras loucas seguiam pessoas. Mas essa era sua chance de saciar sua curiosidade. Apenas o seguiria por pouco tempo, não causaria nenhum dano.

Riley mordeu o lábio enquanto passava sua casa, a uma boa distância atrás do SUV preto de seu vizinho. Quando chegaram à estrada, indo em direção à cidade, começou a amaldiçoar a si mesma por ser tão estúpida. Toda vez que decidia sair por esta próxima saída, discutia com sua consciência sobre ter chegado tão longe e acabava indo em frente. O homem dirigia como a porra de um maníaco, movendo-se dentro e fora do tráfego, bem acima do limite de velocidade. Quando finalmente virou em uma saída, sentiu-se aliviada por não ter ido muito longe.

Ficou a uma distância segura. Se a notasse, teria que enfrentá-lo todos os dias de sua vida. Isso seria um desastre. Ele parou em algum tipo de complexo desportivo ou centro comunitário, com estacionamento nos fundos. Ela estacionou poucos minutos depois. Era um bairro estranho, com grafite sobre praticamente todas as paredes e nas lixeiras. Riley respirou fundo quando saiu de seu carro. Podia sentir o cheiro de erva vindo de um grupo de homens atrás do edifício, por isso correu para frente tão rápido quanto pode sem chamar atenção.

Riley chegou à entrada de um grande ginásio aberto e movimentado, havia um ringue de boxe e muitos homens treinando. A mistura de sons de metal batendo e gritos a deixou atordoada enquanto tentava identificar o homem misterioso através da parede de vidro.

— Posso ajudar?

Ela se virou depois de ouvir a voz profunda, ficando cara a cara com um rosto severo. O homem usava apenas bermuda e fitas de boxe nas mãos. Agora que prestava atenção, havia quase uma dúzia de homens cobertos de tatuagens na entrada. Riley não estava preparada para isso. Dois homens se aproximaram dela e ela congelou. Não tinha nenhuma razão para estar ali e de repente desejou ter ido para sua garagem como fazia todos os dias depois do trabalho.

Porra, Nancy Drew!

— Você não é daqui. — Disse o homem.

— Eu estava procurando por alguém.

Ele cruzou os braços sobre o peito enquanto os outros homens a cercavam.

— Qual o nome dele?

Ela não podia responder. Não apenas porque não sabia o nome de seu vizinho, como de repente perdeu a capacidade de falar.

— Talvez tenha vindo à procura de uma distração — Disse outro homem atrás dela.

— Não me importo de ter uma almofada extra para os golpes.

Riley lembrou-se da faca que sempre carregava em sua bolsa. Abriu o zíper e começou a procurar casualmente no meio de todos os seus pertences. O idiota na frente dela pegou sua bolsa e jogou-a para seu amigo.

— Ei! — Gritou.

Estava muito cercada para correr ou tentar pegar sua bolsa de volta. Um pico de adrenalina a deixou tonta. Por que seu vizinho estaria ali, em uma das piores zonas da cidade? Estava cheio de gangues. Havia esfaqueamentos e tiroteios todas as noites, diziam as reportagens no noticiário.

De repente, todo o grupo de homens se afastou dela como se estivesse em chamas. Suas aparências de malícia foram substituídas por submissão. Não fazia sentido.

— Por que você está me seguindo?

Riley girou, quase caiu quando viu seu vizinho de pé na entrada. Ele era ainda mais alto de perto, quase dois metros, com ombros maciços. Seus olhos escuros não mostravam nenhum indício de emoção, apenas o mesmo quadro em branco que viu várias vezes.

— Eu n-não estava. — Ela gaguejou. Seu medo se transformou em um embaraço inebriante. Parecia Madame Desesperada ou talvez pensasse que era uma psicopata.

Ele tinha uma mochila de ginástica preta pendurada no ombro. Quando projetou o queixo, o homem que estava com sua bolsa correu para entregá-la de volta. Ela segurou-a contra o peito como um salva-vidas.

— Este é um bairro ruim. — Disse ele. — Não é um lugar para garotas. — Apontou um dedo para o ginásio e todos os homens atravessaram a porta dupla de vidro, deixando-os sozinhos.

Por que eles o ouviam? Por que sentiam medo?

De perto, ele parecia ter quarenta e poucos anos, mas porra, estava bem. A descarga de adrenalina, além de estar tão perto do objeto de sua obsessão, fez sua boceta pulsar com a necessidade.

— Estava de saída. — Disse ela.

— Seja esperta. Mantenha-se longe.

Caminhou ao redor dele já que não se moveu, indo para porta principal. No momento em que sua mão tocou a maçaneta, o alívio apareceu. Queria estar em qualquer outro lugar do que ali. O pior cenário se concretizou. E agora teria que enfrentar o homem misterioso, todos os dias de sua vida.



Shadow sabia que sua vizinha o seguia no momento que saiu de sua casa. Na verdade, sabia tudo sobre a moça curvilínea. Killer of Kings não contratava malditos amadores. Sabia que um idiota,

três quarteirões abaixo fumava um cigarro em sua varanda todas as noites, que a mulher do outro lado da rua estava enganando seu marido e que Riley Church viveu nas ruas desde os doze anos.

O que não entendia era por que ela o seguiu. Trabalhou duro para criar um verniz que mascarava seu estilo de vida, cada detalhe para manter vizinhos intrometidos na ignorância. Não importava o quanto tentasse, parecia que ter uma vida normal não estava nos planos.

Quando ele fez sua aparição no ginásio depois de olhar de certa distância, não gostou do medo que viu nos olhos de Riley. Shadow queria lhe ensinar uma lição para seu próprio bem, porra, escolhendo não intervir imediatamente. Quando os ouviu insultá-la, o surpreendeu a onda de possessividade que aqueceu seu sangue. Precisou de toda sua determinação para não retirar sua Glock e começar a atirar em um por um. Mas estavam apenas sendo jovens e respeitavam Shadow. Talvez fosse apenas medo.

Ele não tinha tempo para cuidar de uma garota determinada a ser morta. E com certeza não precisava dela xeretando em sua vida. Morou em sua casa na mesma rua por quase dez anos sem problemas. Recusava-se a mudar. Boss mencionou em diversas ocasiões que o melhor lugar para um assassino era um condomínio seguro ou uma casa afastada. Shadow sabia que estava brincando de casinha, tentando criar a vida que desejou desde a infância. Era tudo a porra de uma ilusão, mas era parte de sua humanidade e se recusava a desistir.

Então sua pequena e corajosa vizinha precisava aprender seu lugar. O restante do bairro mantinha distância e ela precisava fazer o mesmo. A via pela câmera de segurança, pelo menos uma dúzia de vezes tentando bisbilhotar em suas janelas ou espreitando sobre a cerca do quintal. Shadow não pensou muito sobre sua intromissão até hoje. Esperava que este susto tivesse algum efeito nela.

Depois de terminar sua habitual sessão de quinta-feira no ginásio, foi para casa. Esforçou-se mais do que nunca e sabia que Riley era a culpada. Não podia tirá-la da cabeça. Ela apenas chegava até seu peito e suas curvas eram ainda mais cheias de perto. Apertou os dentes, tentando não pensar em cravar seus dedos em seus quadris arredondados enquanto a fodia por trás. Era muito jovem para ele e não tinha tempo para uma mulher de qualquer maneira. Sua vida solitária lhe convinha.

Eram quase onze horas, apenas os postes de luz e o fraco brilho da lua iluminavam sua rua. Usou o controle da entrada e a porta da garagem se abriu enquanto se aproximava de sua casa. Seu celular vibrou momentos depois de entrar na garagem e desligar o motor.

— Sim.

— Eu o deixei livre por um tempo, mas tenho um trabalho para você. — Disse Boss.

Passou mais de um mês desde que Shadow ouviu falar do Killer of Kings. A limpeza depois que acabou com parte dos Dead

Angels MC foi a porra de uma dor de cabeça. Apreciou o tempo fora, mas estava pronto para voltar ao trabalho. Seu dedo coçava e precisava de uma saída mais eficiente do que o ginásio para a escuridão crescente dentro dele.

— Pode me enviar os detalhes?

— Este trabalho exigirá um pouco de reconhecimento. Quero ter certeza de que pegue o homem certo. Ele está acostumado a usar sócias. Pode lidar com isso? — Perguntou Boss.

Em todos os anos que Shadow trabalhou para Killer of Kings, errou apenas uma vez, dando a Boss informações erradas. Não era seu hábito e com certeza não deixaria isso acontecer novamente. Boss provavelmente manteria esse erro sob sua cabeça por anos.

— Sim, posso lidar com isso.

— Bom. Então enviarei os detalhes. — Disse antes de desligar.

Por mais que adorasse dirigir sua raiva para Boss, não podia. Shadow foi um fugitivo de orfanato desde antes que pudesse se lembrar. Era um adolescente magro, quebrado, vivendo nas ruas, lutando para sobreviver, quando seu anjo da guarda o encontrou aos dezessete anos. O homem mais velho o acolheu, mostrou-lhe o primeiro ato de bondade que conheceu e lhe ensinou como lutar. Devia tudo ao Sr. Karpenko.

Após suas excursões de trabalho, seu mentor o apresentou a Boss e o mundo do Killer of Kings se abriu para ele. Todos os que trabalham para Boss precisavam ser destemidos, prontos para ir ao

inferno e voltar por uma missão. Shadow não tinha medo de viver e morrer pela espada. Seus medos da morte eram mais antigos, começando com suas primeiras lembranças borradas de sua mãe morrendo lentamente de câncer de pulmão. O Sr. Karpenko era um dos muitos informantes de Boss e ele respeitava o proprietário do Killer of Kings.

Shadow empurrou seus pensamentos para longe e saiu do carro. Pouco antes de bater no painel de dentro da garagem para fechar a porta, viu uma sombra observando-o. Imediatamente levou a mão para trás pegando sua arma.

— Quem está aí?

— Sinto muito, é sua vizinha. Queria pedir desculpas pelo que aconteceu mais cedo.

Ele ajustou sua postura, deixando a arma na cintura.

— Por quê?

— Você estava certo. Estava seguindo-o. Foi estúpido, eu sei, mas minha curiosidade levou a melhor sobre mim.

Shadow estreitou os olhos, olhando para Riley Church sob o brilho das luzes da rua. Ela não sabia com quem se estava metendo. Perdeu a conta de seus assassinatos.

— A curiosidade matou o gato, não?

Ele se recusava a acender as luzes na garagem. Escuridão sempre foi um aliado em sua linha de trabalho e não queria encará-la agora. Talvez nunca.

— É uma parte muito ruim da cidade. — Disse ela, ignorando seu comentário.

— E?

— Por que você estava lá?

Desta vez riu, não pode evitar. Essa garota não era sua namorada ou esposa. Sua única conexão era a proximidade de suas casas. Ela nem tinha bolas de aço ou um desejo de morte. — Você mal pediu desculpas por me seguir e agora está me fazendo um interrogatório? Boa sorte com isso, gatinha.

— Certo. Não é da minha conta. Obrigada por me salvar daqueles idiotas.

Shadow precisava colocar um fim nisso antes de ficar fora de controle. Não precisava de um amigo, uma mulher ou um detetive particular invadindo sua vida. A única maneira de garantir que se mantivesse a distância era despertar um pouco de medo nela, porque obviamente o susto na academia não foi suficiente para colocá-la na linha.

Bateu a palma da mão no painel da parede perto de sua cabeça, fazendo-a pular. A porta dupla da garagem começou a descer.

— Aquela gangue não foi realmente um problema. — Disse ele, lento e com calma. — Deveria estar preocupada em estar sozinha comigo.



CAPÍTULO

DOIS

Deveria estar preocupada em estar sozinha comigo.

Riley mordeu o lábio enquanto pensava nas últimas palavras de seu vizinho antes da porta da garagem se fechar entre eles. Isso era uma ameaça, não era? De que outra forma poderia ser entendida? Sentada sozinha em casa, trancou todas as janelas, portas e estava sentada em sua mesa de jantar, com o macarrão que fez. As palavras passavam por sua cabeça, uma e outra vez.

Aquele lugar era assustador. Era um ginásio, mas aqueles homens queriam machucá-la. Viu o brilho em seus olhos e nunca se sentiu tão apavorada. Ao longo de sua vida, esteve em algumas situações difíceis, homens que queriam um pouco mais do que poderia dar. Era tudo parte do curso de viver nas ruas.

Às vezes ela era apanhada e jogada de volta no sistema de adoção. Ninguém dava a mínima, mas ela inteligente nas ruas. Riley sabia como cuidar de si mesma. Quando um excitado homem mais velho pensou que poderia deitar sobre ela, apontou uma faca para o pau dele, pronta para arrancá-lo.

O que achava mais irônico sobre seus tempos nas ruas, foi o fato das pessoas serem mais agradáveis com quem esteve. Talvez fosse porque era uma criança ou por estar no mesmo barco que eles, por assim dizer.

Havia outro tipo de pessoas com quem precisava tomar cuidado, os predadores, os que controlavam as ruas à procura de alvos fáceis. Riley viu o mal em primeira mão. Ela olhou-o nos olhos e viu a morte de frente.

Quando ela tinha dezesseis anos, um cafetão tentou levá-la a trabalhar para ele. Primeiro, tentou ser agradável, oferecendo-lhe comida, bebidas e coisas assim, mas não era uma adolescente vulnerável e novata nas ruas. Reconheceu a rotina e foi avisada sobre isso por algumas das prostitutas que conhecia. Disseram para não aceitar nada a menos que fosse nos abrigos. Precisou lidar com todos como se fossem o inimigo, sempre esperando o pior. Era uma forma deprimente de viver.

Riley saiu de suas lembranças e realmente não gostava de mergulhar em seu passado. Reinventou-se, trabalhando duro para chegar onde estava sem a ajuda de ninguém. Terminou sua massa, lavou o prato e depois foi para o quarto. Seu quarto era na parte de trás da casa, com vista para o jardim e parou quando viu seu vizinho mistério lá fora.

Havia algo diferente nele. Não combinava com a casa, a rua, o bairro. Este bairro era tudo sobre falsidade. Falavam bem em sua

cara e apunhalavam-o pelas costas. Riley não suportava pessoas falsas.

Alguns dos homens traíam suas esposas com algumas das vizinhas. Via tudo isso. Não se encaixava, nunca faria parte de sua pequena multidão e algo lhe dizia, que nem seu vizinho. Ele era como ela de alguma forma.

Riley viu-se cara a cara com a morte, conheceu a pura maldade de perto, mas havia algo mais sobre seu vizinho. Não sabia o que era, mas não conseguia parar sua obsessão sobre ele. Ele a deixava curiosa e para ela, isso era uma coisa muito perigosa.

Que segredos seu vizinho escondia?

Nem por um segundo acreditava que tivesse um emprego normal em horário comercial. Homens perigosos como os de ginásio não se afastavam por causa de um olhar de uma pessoa comum.

Deu dicas de si mesmo e isso apenas aumentou sua curiosidade.

No dia seguinte, quando estava dando os últimos retoques no bolo de aniversário que estava previsto para ser entregue as três, ainda não tinha conseguido descobrir qual o trabalho dele. Não tinha tempo para ficar olhando para o espaço, pensando em um homem e era exatamente o que estava fazendo.

Vamos, Riley, controle-se.

Quando o bolo foi embalado e colocado no refrigerador para garantir que o creme não derretesse, serviu os cookies e fez alguns

sanduíches para seus clientes regulares. E então congelou. Seu vizinho estava na porta de sua loja conversando com outro homem. Não reconheceu o homem, mas a seriedade no rosto de seu vizinho dava-lhe um ar ainda mais ameaçador. Balançou a cabeça e disse ao homem que não deveria estar ali.

Será que ouviu direito? Chamou o homem de Chefe?

Seria esta uma daquelas coisas BDSM?

E se interpretou mal seu homem misterioso?

Isto a deixava louca, sempre. Odiava ter uma dessas mentes curiosas que exigiam ter respostas. A menos que tivesse certeza de que as respostas estariam no lado oposto da página, nunca fazia um jogo de palavras cruzadas. Gostava de respostas para todas suas perguntas e se não pudesse tê-las, isso arruinaria todo o seu dia. Ela era tão estranha.

De repente, o vizinho gostoso olhou para cima e a viu olhando. Desta vez, porém, ela levantou uma sobrancelha.

Viu quando se despediu do homem, e entrou na sua loja. Assim que pela porta, o delicioso aroma de seu perfume almiscarado flutuou ao redor dela.

— Você está me seguindo de novo?

— Eu trabalho aqui. — Olhou para ele. — Por que você está me seguindo?

— Eu não estou. Esse é o seu hábito, lembra?

Ela sorriu. Estava flertando com ela?

— Não deixei a minha loja. Estou bem aqui e não tenho nada a esconder.

— Você está dizendo que eu tenho?

Isso era estranho.

— Claro que não. Posso ajudar em alguma coisa?

Olhou para a vitrine pequena que ela repôs naquela manhã com pães, bolos e biscoitos, batendo com os dedos no vidro.

— Você gosta de cozinhar? — Perguntou.

Estava tentando ter uma conversa amigável? Ela não tinha nenhuma pista. Tudo nele era um enigma.

— Sim, eu gosto. — Depois de tudo que passou cozinhar a relaxava e dava um propósito. Havia algo sobre a criação de um bolo a partir do zero e transformá-lo em algo bonito, isso era o que amava mais do que qualquer outra coisa. Era seu sonho que sua confeitaria fosse um pouco maior, mas agora se contentaria com o que podia receber. — E você? O que você faz? — Perguntou. Se ele fez uma pergunta, permitia os mesmos direitos.

— Eu lido com vários investimentos. Trabalho em casa.

Sua resposta foi vaga, mas ficou chocada por ele lhe dar uma resposta, no entanto. Olhou para fora da janela e não conseguiu evitar.

— Você é gay? — Sentiu calor em seu rosto e ele pareceu um pouco surpreso. — Não é um problema ou qualquer coisa. Apenas...

você estava muito perto daquele homem lá fora e o chamou de Chefe. Por mim está tudo bem.

Ela não pode deixar de lembrar quão assustados aqueles homens pareciam. Pare de divagar!

— Como você sabe que o chamei de Chefe? — Ele perguntou, inclinando a cabeça para o lado.

Ela conseguia ler lábios. Isso a ajudou quando era uma garota nas ruas.

— Eu vi você dizer o nome dele. Não é tão difícil.

Ele fez aquela coisa franzindo a testa.

— Pode entender conversas apenas lendo os lábios de alguém?

Ok, estava começando a ter um grande interesse nisso e ela já não se sentia confortável.

— É melhor começar a trabalhar. Você quer alguma coisa?

— Sim. — Disse ele, contornando o balcão invadindo seu espaço.

— Ei, esta é a minha confeitaria e agora você está invadindo meus limites.

Ele a agarrou pelo braço e levou-a para janela. Gostava de como seu aperto era forte em seu braço. Não pegou a faca, mas ficou tentada por um segundo.

— O que eles estão dizendo? — Perguntou, apontando para um homem e uma mulher.

Conseguiu chamar sua atenção, o que agora desejava realmente não tê-lo feito. Soltando um suspiro, decidiu jogar. O que havia de errado com um pouco de diversão? Ela fez isso tantas vezes para se divertir ao longo dos anos.

— Você precisa parar de enviar mensagens. Minha esposa está ficando desconfiada. — Disse ela. — Posso ver apenas se não se moverem. A mulher eu não consigo ver, ela está de costas para nós.

— E aquele casal ali? — Apontou para as pessoas sentadas em um banco no interior de uma das outras lojas. Eles estavam muito longe e ela balançou a cabeça.

— Eu posso ler os lábios. Não tenho olhos biônicos. — Ela soltou-se de seu aperto. — O que você estava fazendo naquele ginásio?

— Treinando.

— Eles têm medo de você. Por quê? — Cruzou os braços, desafiando-o.

Nunca em toda sua vida foi tão pessoal ou tão invasiva. A partir do momento que começou, não pode parar. As palavras foram apenas caindo fora como se tivessem vontade própria.

Ele não disse uma palavra.

— Qual é seu nome? — Perguntou ela. — Esta é uma pergunta justa. Você me agarrou e me tratou mal desde o início. Acho que tenho o direito de saber o seu nome.

Sorriu.

— Vou te dizer meu nome quando você merecer. — Ele deixou a loja depois de um piscar de olhos e uma onda de frustração a tomou de surpresa. Colocando as mãos em seus quadris, foi para trás do balcão. Iria descobrir tudo sobre ele.

Mesmo com a ameaça pairando sobre sua cabeça, ela não se importava. Queria saber quem era seu vizinho. Seu sensor de problemas estava formigando e esse homem estava cheio deles.

Shadow observava de um canto escuro enquanto Riley fechava sua loja. Nem sequer percebeu que manteve vigilância sobre ela o dia todo. Ele a subestimou, isso era certo. Quando ela disse o nome de Boss, ele quase se afastou. Claro, quase começou a rir quando perguntou se era gay. Não tinha nada contra ser gay, apenas definitivamente não era. Preferia mulheres, mas adorava quando elas não tinham corações e flores em seus olhos. Ele não era um bom homem.

Sua vida no Killer of Kings fez isso. Ser um assassino vinha naturalmente para ele. O que queria era se encaixar. Esteve nas casas de Viper, Killian e Bain. Elas eram como fortalezas e constantemente vigiadas.

Gostou da ideia de ser uma pessoa comum, algo que lhe escapou sua vida inteira. O que não esperava era ter uma vizinha intrometida, o que era exatamente o que Riley era.

Ela era intrusiva, mas acreditava que sua capacidade de ler lábios era um dom que poderia usar a seu favor. Precisaria ter cuidado com ela. Boss não queria que alguma informação vital do

caso saísse e sabendo como Shadow tinha uma memória fotográfica, tudo o que precisava era ouvir ou olhar para alguma coisa, ele se lembraria. Essa era uma de suas habilidades.

Um olhar para um mapa e se lembraria pelo resto de sua vida. A habilidade lhe serviu bem no serviço militar e durante sua vida como um assassino.

Nessa última missão de Boss, o homem não tinha um nome, pois estava constantemente mudando de rosto. O idiota era procurado em vários países por quase todos os crimes imagináveis. Boss tinha contratos de várias fontes, por isso seria um grande pagamento, uma vez que o homem fosse abatido.

Nem sempre era sobre dinheiro para Boss. Em seu tempo livre, gostava de ajudar certas causas. Shadow sabia em primeira mão que o coração de Boss não era todo sombrio e uma de suas batalhas era o tráfico de mulheres e crianças. Cerca de cinco anos atrás, Shadow caçou um homem que sequestrou o filho de um homem rico. Pagou um preço alto por seu resgate seguro. Descobriram um mercado negro especializado no contrabando de mulheres e crianças. Shadow ficou irritado enquanto Boss fez cada homem envolvido se arrepender. Ele os caçou e declarou guerra a qualquer um que tivesse alguma coisa a ver com isso. Shadow testemunhou Boss torturar uma mulher que espancava crianças para mantê-las submissas, para que pudessem ser vendidas. Havia muita podridão no mundo.

Com as costas de Riley para ele, Shadow caminhou até que ficou de pé diretamente atrás dela. Ele manteve-se nas sombras, porque assim poderia se camuflar. Ninguém jamais podia ouvi-lo.

— Você está fechando tarde. — Disse ele.

Ela suspirou e virou-se. Riley pegou sua bolsa, puxando uma faca e segurando-a na frente dela.

Quando o reconhecimento suavizou suas feições, abaixou o braço.

— Não gosto de ser espreitada. — Disse ela. — O que você quer?

— Você não usou essa faca na noite passada. — Notou que não tremia. O que aconteceu com ela que a fazia tão confiante ao usar uma faca?

— Eu não achei que precisaria dela. Você me disse que era a ameaça real, de qualquer maneira. Moro ao seu lado. Se não me disse seu nome, começarei a chamá-lo de Ghost.

Shadow sorriu. Nunca conheceu uma mulher como ela. Era uma lutadora.

— Preciso de uma carona para casa. — Ele mentiu.

Colocou a faca na bolsa e deu um passo para trás.

— Ok. Entre.

Riley era um mistério, isso era claro. Sentado no banco do passageiro do carro, a observava dirigir. Ela não tentou manter uma

conversa casual e durante vários minutos o silêncio encheu o carro, o único som que se escutava era o barulhento motor.

— Shadow é o meu nome. — Disse, dando-lhe a verdade.

Riley bufou.

— Mesmo? Não demorou muito para ganhar essa sua confiança. O que eu fiz?

— Você me pegou de surpresa com a faca.

— Todo cuidado é pouco.

— Não é exatamente um bairro ruim. — Disse ele.

— É por isso que gosto, mesmo que não me encaixe. E vivi ao seu lado por um tempo e se está tentando se misturar, falhou. Você se destaca tanto quanto eu. Também não me importo. É bom ser um pouco diferente. Pelo menos continuo tentando me convencer de que é bom. — Colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, isso o fez querer estender a mão e enrolar um cacho no dedo. Mas não fez nada.

— Porque não nos encaixamos?

— Nós não sentimos a necessidade de participar. Não somos falsos. Não precisamos fingir ser algo que não somos. Estou acostumada a ficar sozinha. Limpei mesas em um clube de strip quando tinha quatorze anos. — Ele riu quando ela lhe disse.

— Como? — Ele perguntou.

— Convenci o dono de que era melhor e mais barata, provei isso também. Pagava cem dólares por semana para limpar a cerveja. Era dinheiro fácil e não precisava inventar truques para tê-lo. — Estacionou em sua garagem e se virou para ele. — Metade das pessoas neste bairro não entenderia isso. Eles são ignorantes sobre o que acontece no mundo real. — Ela saiu do carro e ele fez o mesmo.

— Você irá me seguir esta noite? — Perguntou. Não que ele tivesse qualquer intenção de ir a algum lugar. Seu único encontro era com o computador para memorizar tudo o que podia sobre sua missão. Não seria fácil e tinha a sensação de que levaria mais tempo do que um simples encontrar e eliminar.

— Não. Esta noite estou realmente cansada. Quero comer e relaxar. Além disso, já consegui descobrir seu nome. Tenha uma boa noite, Shadow. — Acenou com a mão e deixou-o sozinho.

Shadow não ficou ali parado, mesmo que achasse sua voz suave. Em vez disso, entrou em sua casa e encontrou Boss esperando por ele.

— Você demorou a chegar em casa. Estava sentado no canto, lendo uma revista.

— Eu me enrolei.

Boss assentiu.

— Ela será um problema? — Apontou para trás dele, claramente a casa de Riley.

— Não. Ela não será. — Conversar com ela foi o mais divertido que experimentou em um longo tempo. Ela era bonita e diferente. Não queria que Boss a tornasse um alvo. — Esse arquivo que você tem sobre ela não tem tudo o que é importante. Precisa dizer a Maurice para fazer melhor.

— Conseguiu tudo o que era legal.

— O que quer dizer com tudo o que era legal? — Perguntou Shadow. Ele se preocupava com essa mulher. O que precisava fazer era colocar a maldita cabeça de volta no jogo e rápido.

— Todo mundo tem duas vidas. Há tanta coisa que você pode encontrar online. Registros médicos e coisas assim. Dou a informação que as pessoas pedem e deixo que eles façam seus próprios julgamentos e isso inclui você também. O arquivo tem apenas metade da verdade sobre ela. Precisava cavar mais fundo para encontrar a verdadeira merda.

Shadow concordou.

— Mantereí isso em mente. — Deixou de ser a proprietária chata de uma confeitaria com um passado difícil, para algo muito mais interessante.

O fato de ter a coragem de puxar uma faca para ele o fez perceber que ela valia a pena. Claro, nunca esteve em perigo. Mas achava bonito ela tentar ameaçá-lo. Amava este bairro, mesmo com todos os idiotas falsos que viviam ao seu redor. Entre seu trabalho, poderia apreciar a distração de desvendar Riley.

— Diga-me outra vez porque não me enviou este arquivo por e-mail. — Perguntou Shadow, apontando para a pasta no colo de Boss.

— Esse homem tem estado escondido durante anos. Ninguém jamais teve uma foto dele. A coisa é que ele gosta de assumir novas identidades, novas caras, o que faz com que seja mais difícil ser capturado. Ele tem sócias também. Pelo que me disseram, sabe quando alguém está sobre ele e isso faz com que fique atento. Não quero correr esse risco. Lide com extremo cuidado. Sem erros, sem sujeira. O que preciso de você é que esteja cem por cento certo de que sabe quem é o homem certo. Não me importa quanto tempo levar, mas faça-o como se fosse um hobby. Seja determinado, seja focado.

— Entendi. Levar meu tempo, sem bagunça, sem limpezas. Eu entendo, Boss.

— Bom. — Boss levantou-se e saiu sem outra palavra.

Shadow olhou para o arquivo. Esta era sua vida. Ele era o único que se mantinha nas sombras e encontrava pessoas que não queriam ser encontradas. Killian podia lidar com o trabalho, mas sempre fazia muito ruído. Shadow mantinha silêncio e sabia que Boss apreciava isso.

Desceu em seu porão depois de desarmar os alarmes. Acendeu rapidamente a luz, ligou todas as telas de computador e observou Riley sentada à sua mesa.

Enquanto ela estava no trabalho naquela manhã, colocou câmeras em toda sua casa. Não faria um movimento sem que eu soubesse e não sentia qualquer remorso sobre o que quer que fosse.



CAPÍTULO

TRÊS

— Eu não sou paga o suficiente para esta merda. — Riley murmurou baixinho. A mulher do final da rua não tinha tempo para pegar o bolo que encomendou na confeitaria para sua festa, então ela ligou para a Riley pedindo para deixar tudo em sua casa. Riley deveria estar chegando para a festa de aniversário como uma convidada, mas não tinha planos de realmente aparecer.

Agora precisava fazer malabarismos com a enorme caixa de bolo e várias caixas menores enquanto tentava encaixá-los em seu apertado Toyota Corolla. Ela não fazia entregas porque seu carro mal aguentava do trabalho até a casa. A rua geralmente estava vazia quando ela saía todas as noites, mas hoje estava movimentada, o novo inquilino estava ocupado no bar organizando sua inauguração para o dia seguinte.

Finalmente sentada no assento do motorista, cuidadosamente saiu da praça em direção à casa de sua cliente. Ficou com medo do bolo se mover na caixa ou estragar antes de chegar. Era muita pressão cozinhar para um grupo de vizinhos que já a via como a ovelha negra do bairro.

A rua estava cheia de carros estacionados para a festa, parou na entrada, fazendo o percurso com todas as caixas de bolo precariamente equilibradas. Quando chegou, estava sem fôlego. Música se ouvia desde a calçada. Felizmente havia alguns fumantes na varanda da frente, que abriram a porta para ela. Encontrou o balcão mais próximo e deixou tudo, os braços gratos pela pausa.

— Oh, Carol, obrigada. — Disse Amanda, aparecendo através da multidão de convidados.

— É Riley. — Ela corrigiu.

— Certo... — Amanda colocou as mãos nos quadris e deu-lhe uma olhadela pouco discreta, uma vez mais. Todos usavam sua melhor roupa de noite e Riley tinha a roupa manchada de farinha. Ela olhou e se sentiu completamente fora do lugar e odiou o sentimento muito familiar de ser menosprezada. Sua vida inteira foi uma luta. Como adulta colocou barreiras, convencendo-se de que não dava a mínima sobre a opinião das pessoas. A realidade nem sempre era tão simples.

— Seu pedido está todo aí. Deve ficar refrigerado.

— Seu marido virá com você? — Perguntou Amanda. Karen veio por trás de sua amiga, ajustando uma echarpe enorme por cima do ombro. Certamente elas sabiam que Riley era solteira. É claro que sabiam. Era como na escola novamente.

— Erm, não, estou sozinha.

Ela queria fugir para o santuário de sua própria casa. Este não era seu ambiente, não que ela foi alguma vez uma pessoa popular.

Quando uma mão quente pousou em seu quadril, empurrou. Ninguém tinha permissão para tocá-la. Ela se virou, pronta para dizer ao idiota para manter suas mãos para si mesmo.

Era ele.

O vizinho mistério.

Shadow.

— Você está pronta para ir? — Perguntou.

Depois de lembrar como falar, ela respondeu.

— Sim, eu estou pronta.

Riley amou o olhar de choque no rosto das outras mulheres. Elas pareciam tão estúpidas como ela se sentiu. Ainda assim, não desperdiçaria esta chance.

— Mantenha o som baixo. — Disse Shadow para Amanda. — Alguns de nós precisamos trabalhar na parte da manhã. — Ele levou Riley para a porta da frente com uma mão nas suas costas. Ela não se opôs, não apenas porque estava grata por estar deixando a festa, mas gostava de seu toque. Mais do que deveria.

Uma vez que eles estavam fora na calçada, ela parou e olhou para ele, pressionando a mão no peito para mantê-lo no lugar.

— O que é que foi isso?

— O que você quer dizer? — Ele se vestia todo de preto, calça casual e camisa de colarinho aberto. Estava bonito, mas sempre o achou lindo de qualquer forma.

— Mesmo? Quer dizer, onde você deveria estar me levando?

— Você é mais esperta do que isso, Riley. — O homem não tinha expressão, uma lousa em branco com os aqueles olhos perversos. O crepúsculo da noite dava-lhe uma aura ameaçadora. Seus instintos lhe diziam que deveria sentir medo, mas não sentia.

Ela exalou, passando a mão pelo cabelo.

— Eu a estava salvando. Você me disse que não podia suportar pessoas falsas.

— Por que você estava lá? Tentando a sorte? — Riley não se conteve. A maior parte do tempo, quando deveria manter a boca fechada, continuava falando.

Ele franziu a testa.

— Eu não estou interessado em cadelas mimadas. — Shadow começou a caminhar para o final da rua.

Riley mordeu o lábio inferior, seguindo junto com ele. Ela assumiu que mesmo seu vizinho recluso cairia de amores pela boneca Barbie de Amanda e seus amigos.

— Bem, obrigada. Você não precisa sair por minha causa. — Disse ela.

— Eu não estava lá para socializar, apenas para ajudá-la. De acordo com suas regras, posso fazer uma pergunta.

Ela sorriu.

— Claro, pergunte.

As luzes da rua se acenderam, a música da festa desaparecendo à medida que se aproximavam de suas casas.

— Você esteve em um orfanato desde que tinha doze. O que aconteceu antes disso?

— Eu nunca lhe disse isso. — Seus nervos inflamaram-se. Como ele poderia saber isso sobre ela?

— Se estava servindo mesas aos quatorze anos para evitar se prostituir, tenho certeza que estava no sistema. — Disse ele. — O que aconteceu antes disso?

Esse homem era mais curioso do que ela. Riley lhe devia uma resposta, mas a pergunta era muito mais invasiva do que pedir um simples nome. Ela não gostava de se aventurar tão longe em suas lembranças. Elas eram más e desejou que pudesse apagá-las de sua cabeça completamente.

— Por que você se importa?

— Eu tenho uma mente indagadora. Considerando que você gosta de me espionar, eu quero saber com o que estou lidando.

Ela franziu a testa e apertou os dentes. Sua primeira reação era dizer-lhe: desapareça. Era boa em colocar paredes e manter as pessoas à distância. Mas ele estava certo. Riley andou bisbilhotando-o, porque sua mente curiosa a deixava louca se a ignorasse. Ainda se recusava a admitir a verdade.

Eles pararam na frente de sua calçada. Ela se virou para ele, com as mãos defensivamente nos quadris.

— Minha infância não é da conta de ninguém, apenas da minha. Além disso, não tem nada a ver com quem eu sou hoje.

— Sinto muito, mas não concordo.

— Então sua infância deve ter sido realmente fodida. — Disse ela. Riley imediatamente se arrependeu de suas palavras. Ela soou como uma cadela, mas se protegia com as palavras quando se sentia ameaçada.

— Sim, foi.

Então ele caminhou até a porta da frente sem outra palavra. Riley se sentia como uma idiota. O homem a salvou da festa, foi até sua casa e fez uma pergunta. O que havia de errado com ela?

Parte dela queria correr atrás dele e pedir desculpas. Novamente. Ela não tinha ideia de qual era a história desse homem e mais do que ninguém, sabia o que era ter uma infância miserável.

Ela o viu entrar antes de ir para casa. Como sabia que precisava salvá-la da festa? Por que se importava? Uma pequena parte de seu coração esperava e se perguntava se ele gostava dela. Relacionamentos não funcionavam exatamente com ela, nunca. Gostava de sexo, gostava de homens, mas a coisa em longo prazo sempre falhava. Riley estava convencida de que atraía idiotas, mantendo o sonho de uma vida normal e felizes para sempre, fora de alcance. Talvez ficar longe de Shadow fosse o melhor a fazer.

Durante a próxima semana, ela mal viu seu vizinho. Ela o viu sair de casa uma vez tirando o lixo como de costume. Ele a ignorou como quando ela se mudou, mas era estranho agora.

Depois de fechar no final da sexta-feira à noite, o estacionamento já estava cheio, uma mistura de carros e motocicletas. O novo bar na praça estava atraindo uma multidão desagradável. Algumas lojas já haviam reclamado e apenas estavam abertos há uma semana. Riley não se importava porque geralmente já estava fechada antes de começar a ficar turbulento.

Ela acabou de colocar suas chaves na fechadura do carro quando Janet apareceu por trás dela.

— Riley!

— Não apareça assim. — Disse ela, apertando o peito.

— Eu não posso trabalhar desse jeito. — Disse Janet. — Não posso nem chegar ao meu carro.

— Por que não?

— Está lá. Estou com muito medo de chegar perto daqueles caras assustadores. — Janet segurou seu blazer fechado enquanto olhava o carro no outro lado da rua.

— Você quer que a acompanhe até ao seu carro? — Perguntou Riley.

Janet exalou.

— Você iria?

Riley assentiu, colocando as chaves de volta em sua bolsa.

— Não tem problema. — Depois da vida que ela viveu homens rudes e bêbados não a assustavam. — Tente estacionar em frente a seu escritório na próxima vez.

— Eu sei. Eu vou. — Disse Janet. — Não costumo ficar até tarde, mas precisava terminar alguns documentos.

Atravessaram a rua juntas. A risada alta e xingamentos se misturavam com a música do bar. A porta estava aberta e um grupo de homens estava ali. Riley sentia cheiro de maconha e isso agitava seu estômago. Ela mudou-se para um bairro bom para fugir deste tipo de merda.

Uma vez que as viram, os mais velhos olharam, assobiando e abrindo suas bocas sujas.

— Basta ignorá-los. Eles são como cães selvagens, não olhe nos olhos deles. — Disse Riley. Ela esperou que sua amiga chegasse com segurança a seu carro, então ela ficou para trás quando saiu da calçada. Janet deu uma pequena volta antes de desaparecer de vista.

— Venha até aqui, boneca. — Uma voz rouca gritou. — Eu tenho uma surpresa para você.

Riley se encolheu quando se afastou, mostrando o dedo médio sem olhar para trás. Bêbados a revoltavam, especialmente bêbados que a chateavam, às oito horas da noite, quando ela apenas queria chegar em casa do trabalho.

— Puta gorda!

Ela revirou os olhos e entrou no carro. Se havia uma coisa com a qual estava acostumada, era com insultos. Riley não permitia que opiniões de outras pessoas a afetassem. Pelo menos tentava. Era outra parte da parede que construiu ao redor de si para não se machucar. Adorava seu corpo e tomava conta de si mesma. Houve tantas vezes que pode ter dito sim às drogas e a prostituição, mas se respeitava demais para isso. Era uma luta constante para ela e uma que estava determinada a vencer.

Riley estacionou em sua garagem, seu humor azedo, apesar de suas tentativas de empurrar os comentários rudes para longe. Será que Shadow achava que ela estava muito gorda? Pare de se torturar, Riley! Está noite ela tomaria um banho longo e agradável após o jantar para relaxar. Deixaria o resto do mundo lá fora e se perderia em um bom livro ou simplesmente fecharia os olhos e deixaria sua mente vagar enquanto relaxava nas bolhas. Parecia um bom plano para ela.

Até o momento que foi para a cama naquela noite, esperava uma boa noite de sono, não ser acordada pelo telefone às duas e quarenta da manhã. Quando se sentou para verificar quem estava ligando, era o alarme em sua confeitaria. Franziu a testa. Não havia nada de real valor para roubar, exceto bolos velhos que ela jogaria fora na parte da manhã. Então se lembrou dos misturadores caros e suprimentos que mantinha na parte de trás e seu coração começou a acelerar.

Ela lutou para se vestir e lutar contra o sono. Riley orou para ser um alarme falso.



Shadow queria saber mais sobre Riley Church. Ele estava obcecado com ela desde aquela noite com a faca. O pensamento de um problema viver na porta ao lado, uma mulher que poderia desvendar seus segredos, não combinava com ele, então precisava de informações. Desde que ela se recusou a dar-lhe qualquer coisa, conseguiu o que podia a partir de um pouco de escavação mais profunda feita por Maurice, mas não tudo. A verdadeira história precisava vir de Riley.

Já que seu próprio contrato ainda estava na fase de reconhecimento, tinha muito tempo para assistir Riley nas grandes telas em seu porão. Ele tinha sua rotina memorizada. Havia poucos desvios, exceto esta noite, quando ela chegou em casa duas horas mais tarde que o normal.

Ela caminhou pelo corredor, suas pequenas mãos em punhos apertados. Algo aconteceu para perturbá-la e ele se lembrou de que precisava se conectar com sua confeitaria também. Quando ela começou a tirar suas roupas no quarto, desviou o olhar da tela. Não precisava ver mais. Riley já o deixava todos os dias com tesão. Sempre foi eficiente em manter suas emoções e desejos sob controle. Não havia uma mulher na porra desse mundo que poderia

entrar em sua cabeça ou tentá-lo em sua cama, até agora. A pequena causadora de problemas com boas curvas ficou sob sua pele e ele não tinha certeza de como lidar com isso.

Amor à primeira vista era uma piada, algo inventado para romances baratos. Ela certamente não pertencia a um homem que se dedicava a matar para ganhar a vida, um que jurou nunca deixar suas emoções virem em primeiro lugar. Shadow não precisava ou queria uma família. Então por que não podia tirar Riley sua cabeça? Por que estava pronto para matar por ela?

Naquela noite, os sensores de movimento que colocou na casa de Riley dispararam, acordando-o. Ele mal teve tempo de ver sua saída da garagem, na madrugada. Porra!

Onde ela estaria indo a esta hora? Mais uma vez, não deveria se preocupar. Ela era louca e uma enorme complicação para seu estilo de vida escolhido. Mas ao invés de ir para acama como queria, estava ocupado verificando os cliques em suas Glocks. Ele tomou um copo de suco de laranja enquanto usava o localizador GPS de seu carro em seu celular. Ela estava voltando para a confeitaria.

Ele colocou o copo na pia, pegou sua jaqueta e saiu.

A praça estava geralmente vazia nestas horas. Ele reuniu-se ali com Boss e outros contatos durante a noite inúmeras vezes e nunca a viu assim. O bar da esquina não servia grelhados e mostrava esportes como anunciado. Era um buraco para motociclistas e marginais encherem a cara. Eles tomavam mais da

metade do estacionamento. Shadow parou nas imediações e observou Riley entrar em sua confeitaria. Ele decidiu chegar mais perto e investigar.

Shadow desligou o motor e atravessou a rua para a confeitaria. Ao se aproximar, a luz de dentro contrastou com a escuridão de fora, o que lhe permitiu ver as lágrimas. A janela da frente foi quebrada. Ele abriu a porta e entrou, fazendo Riley hesitar até que viu que era ele. Cacos de vidro trituraram sob suas botas.

Ela usou as mangas da camisa para remover qualquer evidência de lágrimas.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu a vi sair. Fiquei preocupado.

— Então você me seguiu?

Ele a ignorou, avaliando os danos enquanto caminhava ao redor.

— Acho que foi apenas um daqueles bêbados turbulentos. — Disse ele.

— Não, isso foi intencional. — Riley entregou-lhe um tijolo com uma nota anexada a ele. Ele removeu o elástico e leu: Fique fora da nossa praça PUTA GORDA!

Ela encolheu os ombros.

— Agora já era, certo? Eu deveria saber que isso aconteceria. Quer dizer, a minha própria confeitaria... Sonhos não se tornam

realidade para garotas como eu. — Riley tentou mostrar desinteresse, mas não o enganava.

— Você chamou a polícia? — Perguntou.

— Ainda não.

— Bom.

Ele deixou a confeitaria, indo em direção ao bar. Riley correu atrás dele.

— Espere, onde você está indo?

— Quem fez isso com você precisa pagar. — Disse ele.

— Pare! Eu tenho seguro. Não seja estúpido, Shadow. — Ela puxou a manga de sua jaqueta, então ele parou.

— Você não é o tipo que deixa idiotas gozarem da sua cara. Se esta confeitaria é o seu sonho, então precisa lutar por ela.

— Não é tão simples. — Disse ela.

— Ah, bem, para mim, é.

Ele sabia de onde Riley vinha. Shadow trilhou seu caminho a partir do nada. Sua mãe morreu de câncer quando ele era um menino, então foi uma mistura de assistência social e ruas depois disso. Sua vida não foi nenhum piquenique, mas mesmo que agora tivesse tudo e mais dinheiro do que jamais poderia gastar, não tinha o que realmente queria.

Os apelos de Riley se tornaram sussurros quando se aproximaram do bar.

— Shadow, não...

— Fique aqui. — Disse ele. — Terei uma conversa com o proprietário. Tenho certeza de que isto pode ser tratado diplomaticamente.

— Você está brincando comigo?

Ele examinou a multidão de homens fora do bar, muitos mais velhos do que ele, alguns mais jovens. Contou oito. Havia um casal usando coletes, o que tornava as coisas mais complicadas. Qual deles jogou o tijolo, perguntou-se. Ele planejava descobrir.

— Quem é o proprietário deste bar? — Perguntou.

— Caia fora. — Disse um dos homens, um cigarro pendurado em seus lábios.

— Ele está com ela. — Disse outro.

Shadow limpou a garganta. Ele não tinha um temperamento violento como alguns de seus colegas. Correr com armas em punho não era seu estilo. Além disso, este lugar era muito perto de sua casa, um lugar que gostava de manter separado de sua outra identidade.

— Encontrarei eu mesmo. — Disse Shadow, passando através do grupo de homens indisciplinados. Quando um deles lhe deu um empurrão firme, um interruptor acendeu dentro dele. Shadow odiava valentões. Ele se virou para o lado e deu um soco no rosto do homem, fazendo-o cair.

Riley gritou.

Ele começou algo agora, algo que planejava terminar. Mesmo que houvesse muitos deles, queria resolver isto o mais silenciosamente possível. Já tinha decidido que o bar precisava fechar. Isso estava em sua lista de tarefas para mais tarde. Shadow tomou a decisão no segundo que viu as lágrimas nos olhos de Riley.

— Onde está o proprietário dessa porra de bar? — Ele repetiu sua voz cheia de uma ameaça visível.

— Você tem um desejo de morte? — Os homens se juntaram ao redor dele. Podia sentir o cheiro do fumo e bebida barata em sua respiração atrás dele.

— Alguém mandou um tijolo pela janela da confeitaria. Eu quero saber quem foi. — Disse ele.

— E se não dissermos nada?

Shadow agachou-se e pegou a faca borboleta do lado de sua bota. Ele começou a brincar com ela, a lâmina e alças girando e voando rodando nos dedos e pulso com a precisão de especialista. Ele aperfeiçoou suas habilidades com as lâminas ao longo dos anos, quase tão perfeita quanto sua experiência atrás de um rifle Sniper. A multidão ficou paralisada até que o primeiro tolo fez um movimento para sua faca. Shadow o esfaqueou no braço como um aviso. Todo esse show foi sua tentativa de manter coisa tão civilizada quanto possível, com o mínimo de danos colaterais.

Sua paciência era infinita. Pelo menos assim parecia.

— Saia enquanto pode ou na próxima vez, será mais do que a janela da sua garota com que terá que se preocupar.

Em um flash, Shadow se virou e teve sua lâmina pressionando a carótida do homem.

— Que porra você acabou de dizer? — Seu instinto para proteger Riley estava acima, caralho. O pensamento de um desses cretinos colocando suas mãos sujas nela o deixou muito ansioso para levar cada um deles lá para fora. Foda-se as consequências. Ele nem sequer se reconhecia.

— N-nada.

— Se qualquer um de vocês sequer respirar sobre ela, eu mato.

— Você usa uma faca em um tiroteio, filhote? — Ele sentiu o cano de uma arma na nuca. Por que não podiam deixar as coisas quietas?

— Shadow! — Riley gritou.

Ele sorriu. Teria sido divertido ter Killian ao seu lado agora. Seria uma recordação dos velhos tempos. Shadow se agachou, girou e levou a faca para cima na garganta do homem, o sangue pulverizando em todas as direções. Quando a arma do homem caiu, Shadow a chutou para longe.

Então ele viu o idiota com barba segurando Riley na frente dele, o braço sobre seu pescoço.

— Eu vou matá-la. — Ele gritou. — Solte a faca.

Shadow endireitou-se, lentamente, metodicamente.

Ele jogou a faca na calçada e começou a andar para frente.

Quando o cretino pensou que tinha ganhado, Shadow puxou sua Glock do coldre no ombro, apontou e acertou bem entre seus olhos. Riley gritou, afastando-se do corpo quando ele caiu. Levou apenas alguns segundos para se arrepender de sua decisão. Riley passou de vizinha a testemunha, Boss não iria gostar.

O que ele estava pensando? Poderia ter lidado com isso sem uma contagem de corpos. Caralho, não deveria nem estar ali. Riley o fazia agir completamente fora do seu caráter.

— Venha aqui. — Disse ele, estendendo a mão.

Riley correu para ele, o rosto pálido. Ela segurou a mão dele e ele entrou no bar. A música ainda tocava a maioria dos clientes se protegendo depois de testemunhar o show de armas lá fora. Uma vez no meio do bar, ele gritou:

— Quem é dono desse lugar?

Algumas pessoas apontaram para um homem sentado no fundo do bar. Shadow aproximou-se dele.

— Um dos seus clientes quebrou uma janela na confeitaria. Sabe sobre essa merda?

O homem balançou a cabeça.

— Você pagará pelo dano?

Ele assentiu.

— Se isso acontecer novamente e quero dizer isso, virei atrás de você, de sua família e seu bolso. Entendeu?

Quando ele assentiu com a cabeça novamente, Shadow repetiu mais alto.

— Você entendeu?

— Sim.

Shadow queria fazer muito mais, mas conteve sua vontade de trazer uma tempestade para o otário.

Enquanto caminhavam para fora do bar, voltando para a confeitaria, Riley não disse uma palavra. Ela era dura, mas muitos não estavam acostumados com o mundo de sangue e carnificina de Shadow. Talvez um pouco de humor ajudasse.

— Se você acionasse o seguro, suas taxas iriam subir. — Disse ele. — Foi melhor assim.



CAPÍTULO

QUATRO

Riley não podia acreditar que acabou de presenciar um banho de sangue e não estava fugindo gritando. Ela limpou os detritos do chão de sua confeitaria enquanto Shadow fixava algumas placas para cobrir sua janela quebrada.

Ele não disse uma palavra e nem ela.

Eles trabalharam em silêncio.

O que era ainda mais assustador do que essa bagunça? O que aconteceu no bar não foi a pior coisa que já viu. Estando nas ruas, viu homens serem completamente torturados, em seguida, deixados para os ratos. Uma coisa que aprendeu, foi não fazer muitas perguntas. E ninguém realmente queria saber as respostas.

— Você é cheia de surpresas. — Disse Shadow.

— Hã?

— Geralmente eu sou o único esperando que alguém cale a boca, mas agora espero que você fale. — Ele olhou para ela com os braços cruzados. Shadow usava uma camiseta cinza escura e calça moletom sob sua jaqueta. Seu corpo era duro e ela precisou se lembrar de não olhar muito tempo. Estava quase na hora de

preparar as coisas para o trabalho. Seu dia começou antes do amanhecer. A vida de um padeiro nunca parava. — Fale, Riley.

— O que você quer que eu diga?

— Você me viu atirar em um homem e mesmo que tenha gritado, não chamará a polícia?

Ela mordeu o lábio.

— A polícia não é boa. Eles tendem a causar mais problemas do que soluções. Não confio neles.

Shadow realmente ajudou. Por que o denunciaria por protegê-la?

A companhia de seguros a incapacitaria completamente se fizesse uma reclamação. Eles já exigiam o suficiente. Metade de seu problema era o aluguel escandaloso de sua loja. Não podia fechar.

— Isso é uma grande... opinião, que você tem.

— acredite ou não, prefiro confiar em você a um policial. — Ela despejou os cacos quebrados no lixo, então se levantou, segurando o saco em seus ombros. Ela realmente apenas queria chorar. Não era assim que queria começar o dia.

Talvez realmente estivesse lutando uma batalha perdida para manter esse sonho vivo, fazer algo por si mesma. A maioria das crianças que conheceu eram viciadas, estavam mortas ou na prisão. Queria muito mais.

Ela soltou um suspiro.

— Mais uma vez, você não está falando.

— Eu não sei o que dizer, Shadow. — Ela abaixou as mãos e olhou ao redor do pequeno espaço. — Acho que é hora de vender. Enfrentar a realidade de que algumas pessoas conseguem o que querem e outras não tem nenhuma chance no de conseguir.

— Tudo o que você quer é uma confeitaria?

— Uma única coisa. Eu não quero milhões ou ir passear pelo mundo. Apenas quero uma confeitaria que faça as pessoas quererem voltar. Tem sido meu sonho por tanto tempo quanto posso me lembrar. — Ela encolheu os ombros. Para que servem os sonhos quando eles estavam desmoronando?

— Você não me parece uma desistente.

Ela o olhou. Ele trazia muitos de seus sentimentos à tona, o desejo de ser querida, a necessidade de erguer mais paredes.

— Você não deveria pensar em mim.

— Por que não? Eu penso em você. É por isso que estou aqui.

Riley parou.

— Nunca ninguém me ajudou antes. — Não sabia nada sobre Shadow. Ao invés de se preocupar com os cadáveres no outro lado da praça, ele estava olhando para ela de uma forma que fazia seu coração acelerar.

— Eu normalmente não ajudo mulheres a sair de situações desconfortáveis, mas tenho algum tempo livre. Esses homens podem ser um problema para você. Estou pensando em ficar por

aqui por um tempo. — Ele sentou-se em uma de suas cadeiras. — Gosto desse lugar.

Ela não tinha certeza se deveria levá-lo a sério ou não. A desconfiança vinha naturalmente.

— Eu vi você matar dois homens. A maneira como lutou... nunca vi nada parecido.

— Sim, salpicando seus cérebros inúteis por todo o lugar. Provavelmente a melhor coisa que poderia ter feito. — Disse ele. Então olhou diretamente para ela. — Não gostei das mãos deles em você.

Colocando a mão na testa, ela fechou os olhos, contando até dez.

— Você sabe que isso não parece nada bom para mim. É um assassino ou algo assim?

— Algo assim. — Ele piscou para ela.

— Isso é demais para mim e muito cedo. Eu preciso de café.

— Aceitarei tomar um café. Gostaria de um pouco de creme e açúcar, também.

Ele literalmente matou por ela. O mínimo que podia fazer era um café. Também se ofereceu para ser seu guarda-costas pessoal e agora não queria ficar sozinha. Ninguém mais na sua vida se importou ou fez algo para ela. Este homem, seu vizinho, praticamente um estranho, tirou uma vida por ela. De uma maneira estranha, estava tocada.

Shadow era realmente sexy de olhar, então pelo menos não se importaria com a vista. Não, não deveria pensar em quão sexy ele era ou o fato de gostar de olhá-lo, nem achar comovente que tivesse matado alguém. Isso era a parte mais estranha.

Fez um pouco de café e torradas, logo encontrou Shadow na mesa clicando em seu telefone celular. Colocando um prato de torradas na mesa e o café na frente dele, ela sentou-se.

— Você não tem que ficar por aqui, sabe?

— Eu já pedi um novo vidro para janela. Eles devem estar aqui dentro de algumas horas. — Ele pegou seu café. — Não tenho mais nada para fazer.

— Que vidraçaria é essa, que vem tão rápido a esta hora do dia? — Ela perguntou intrigada. — E que tipo de trabalho você, tem que não precisa ir todos os dias?

— O tipo que me faz ser o chefe.

Ela olhou para ele recordando a conversa que testemunhou na outra semana.

— Você não é o chefe.

Ele ficou tenso.

— Como você sabe?

— A forma como aquele homem falou com você. Ele é seu chefe. Eu percebi. — Ela tomou um gole de café.

— Você é muito observadora.

Ela olhou para ele.

— Preciso ser.

— Sim, por quê?

Riley riu.

— Você realmente quer saber sobre meu passado, não é?

— Disse que alguém como você não pode ter sonhos. Conte-me sobre você, Riley.

Ela suspirou.

— Isso é apenas uma festa de auto piedade. Ignore.

— É por isso que você está sozinha?

Ela franziu o cenho, perguntando-se se perdeu alguma coisa.

— Eu não estou...

— Você não tem um homem em sua vida. Não há melhor amigo. É uma solitária e odeia estar perto de pessoas falsas. Eu vi o olhar em seu rosto na festa. Não queria estar lá. Você se fecha sempre que alguém se aproxima demais.

Ele a encurralou e as suas barreiras instantaneamente subiram. Como podia esse estranho a desvendar depois de algumas palavras?

— Sabe, eu não tenho que ouvir nada disso. Muito obrigada por lidar com essas coisas, mas talvez deva ir embora.

Ela pegou uma fatia de pão e seu café, deixando-o sozinho. Entrando na cozinha, engoliu a torrada e começou a pré-aquecer o forno.

— Você também foge de tudo e de todos.

— Foda-se. — Virou-se para ele. — Você não é esse homem ficha limpa, apenas para saber. É um mistério. É tão solitário como eu sou.

— Então, mas não estou tentando ser algo que não sou.

— E eu estou? — Ela olhou para ele, sentindo-se como um cão acuado.

— Como você chama isso?

— Este é o meu sonho, idiota. É isso que você quer? Quer a verdade? Tudo bem. Toda minha vida eu fui o pedaço de merda do qual todo queriam se livrar. A garota que ninguém queria, nem mesmo meus próprios pais. Sempre fui muito gorda ou muito feia. O sistema de adoção não era fácil. Era pior do que nas ruas. Isso é o que sou. Minha confeitaria é minha. Posso fazer uma coisa boa e faço. Eu sou boa nisso. Na verdade, sou ótima, sabe. Vejo os olhares das pessoas quando provam algo que fiz e isso significa tudo para mim.

— A casa no bairro chique?

— É um bairro agradável. Por que eu não deveria morar ali? As pessoas podem ser falsas, mas esta é a vida que eu sempre sonhei. — Ela estava ofegante agora, sua raiva fervendo.

— É por isso que você pode ler lábios? — Perguntou. — As ruas?

Isso a fez ficar séria.

— O que importa se posso ler lábios? Crescendo, isso me salvou. Era capaz de saber quando aconteceria alguma merda.

O silêncio caiu entre eles e ela continuou olhando-o, esperando que dissesse mais alguma coisa.

Ele ergueu as mãos.

— Eu sinto muito.

Ela respirou fundo.

— Sim. Eu também. Acho que o assassinato desta manhã e a confusão mexeram com a minha cabeça.

Shadow sorriu. Por que ele tinha que parecer tão sexy quando ela tentava odiá-lo?

— Ficarei por aqui para me certificar de que fiquem longe deste lugar.

— Se eu morrer, porque você começou algo, voltarei como um fantasma e assombrar seu traseiro.

— Estou ansioso pela companhia.

Ele caminhou para frente, olhando para fora pelas janelas.

— Talvez na morte eu finalmente descubra seus segredos. — Disse ela.

Shadow virou-se para ela.

— Talvez um dia eu lhe mostre exatamente o que eu sou.

Ela não gostava que a fizesse desejar saber mais sobre ele. Era apenas um homem, não era importante para ela e ainda assim, ali estava, ofegante como uma colegial.

Precisava ser forte e concentrar-se em seu trabalho, ignorar o homem sexy e as últimas horas.

Depois que terminou a torrada e prendeu o cabelo, estava pronta para começar o trabalho do dia. Riley era boa em bloquear a realidade e continuar em frente. Ao invés de se preocupar com corpos, polícia, dinheiro e Shadow, começou a assar alguns biscoitos. Estava com humor para cupcake e brownie. De vez em quando olhava ao redor da cozinha e encontrava Shadow mexendo no celular.

Pare de olhar para ele. Parar de se preocupar com o que está fazendo. Você não deve se importar se é um homem gostoso preso a você.

Ela fez questão de sussurrar seu pequeno desabafo para que ele não a ouvisse. Era o primeiro homem em toda sua vida que realmente se importou e ficou ao seu lado. Por mais que não quisesse, ele fazia seu coração acelerar e se sentir especial.

Quando os cupcakes esfriaram, fez a cobertura de chocolate. Em pouco tempo assou tudo e sua mente ainda estava acelerada. No momento que travessa ficou cheia, se sentiu como ela mesma novamente e acenou para Shadow para abrir a porta. Ele fez isso sem um segundo olhar.

O que ele pensava quando olhava para ela?

Por que se importava com o que ele pensava? Não era como se fossem ficar juntos. Ele poderia ter qualquer pessoa que quisesse. E ela não podia suportá-lo.

Mentira.

Ela não gostava de não poder tirá-lo de sua mente. Conseguiu acalmar seu temperamento, fazê-la sorrir.

A empresa para substituir a janela veio como prometido, deixando sua loja melhor do que quando abriu.

— Eu pagarei por isso. — Disse ela. — Pode demorar um pouco.

Shadow balançou a cabeça.

— Eu não pedi seu dinheiro.

Quando alguns de seus primeiros clientes entraram, estava esperando por comentários sobre os assassinatos lá fora. Ela se recusou a olhar, desejando que tudo fosse um pesadelo. Eles não disseram nada.

Riley se atreveu a espreitar pelo estacionamento quando olhou para a nova janela.

— Como isso é possível? — Ela sussurrou.

— O que foi?

— É como se nada tivesse acontecido. Dois homens morreram lá. Isso não é possível...

— Eu cuidei deles.

Novamente com os enigmas. Quem porra era Shadow?

Houve uma pausa, então ela decidiu observar as pessoas. Uma mulher lia uma lista de instruções e Riley sorriu.

— O que você vê? — Perguntou Shadow. Ele levantou-se e aproximou-se dela, mesmo que devesse ignorar, ela não o fez, em vez disso disse-lhe.

— A mulher no banco está lendo um formulário sobre como tratar a constipação. — Os lábios da mulher estavam se movendo e ela achou engraçado que ninguém mais soubesse o que a mulher estava fazendo.

— Isso é um belo dom.

— Não é nada. — Ela olhou para a outra mulher que estava falando em seu telefone no estacionamento. — Aquela mulher precisa de uma consulta médica. Ela tem comichão lá embaixo e pensa que é herpes.

— Deve mantê-la entretida saber segredos de outras pessoas.

— Ajuda a passar o tempo e não sei os segredos de todos.



Mais tarde naquela noite, Shadow pensou que estava passando tempo demais em seu porão olhando Riley. Ela era... única, diferente e não sabia o que fazer a respeito. Neste dia ela foi

uma mistura de fogo e gelo. Nem uma vez pensou em ir à polícia ou fazer uma ligação. A janela foi reparada e ele supervisionou os homens que fizeram o trabalho.

Um deles tentou conversar com Riley, para conseguir seu número e convidá-la para sair. Não havia como, porra, permitir que isso acontecesse, então lhes disse que ela pertencia a ele. Ela era sua mulher.

Porra.

Isso não deveria ser complicado e ainda assim era exatamente o que acontecia. A vida de Shadow com Killer of Kings era perigosa, assassinato e tudo o mais decadente do mundo. Riley estava certa sobre ele. Estava vivendo uma mentira, como ela. Shadow morava em um bairro bom, porque estava essencialmente brincando de casinha. O sentimento de normalidade dava-lhe uma paz mesmo que falsa, porque sempre esteve fora de alcance.

Passando um dedo ao longo de seu lábio, ele observou enquanto ela se inclinava sobre a cama para pegar um livro. Era um sobre coberturas e tinha notas rabiscadas sobre as páginas. Tinha notas em todos os lugares e era tudo sobre panificação.

Durante todo o dia ele viu e ouviu enquanto trabalhava. Sua paixão era a confeitaria. Era o seu lugar no mundo e ninguém poderia tirar dela.

A companhia de seguros foi desonesta. Ele não gostou. O proprietário da loja era ainda pior, cobrando aluguéis altos e Riley não tinha proteção de qualquer uma dessas merdas. Não gostava

quando os grandes homens tiravam vantagem dos outros. Ela apenas queria fazer uma vida melhor para si mesma.

Levantou-se do porão e pegou umas cervejas de sua geladeira. Não se importando ser um pouco depois das onze, pulou a cerca em seu quintal, pegou uma pedra e jogou em sua janela.

Shadow era um exímio atirador e se quisesse, teria quebrado o vidro. Queria sua atenção, não lhe causar mais problemas.

Segundos se passaram e quando ele jogou uma segunda pedra, ela finalmente chegou à janela.

— Que merda você está fazendo? — Ela perguntou, inclinando-se para fora. O pijama que usava era de algodão com um pato pequeno e bonito na frente. Era totalmente o oposto do que esperava que ela usasse e ainda assim lhe convinha.

— Quer compartilhar uma cerveja? — Ele perguntou, segurando as garrafas.

— Sério?

— Você não quer saber mais sobre mim?

Ele não diria porra nenhuma. Ainda assim, queria uma cerveja e gostava de sua companhia. Ela não era como a maioria das mulheres que exigiam atenção. Riley não lhe perguntava se estava bem e não verificava constantemente sua aparência. O que realmente queria era alterar o seu estilo de vida para o próximo nível. Ele queria voltar para casa depois de um dia de matança e ter o amor de uma boa mulher. Mas isso não era possível.

Boss já tinha ligado e o chamado de idiota ou tentou, por causar uma bagunça no bar. Ele não dava a mínima para o que Boss pensava. Tudo o que importava era a mensagem que recebeu dele em alto e bom som, precisava deixar Riley e sua confeitaria. A equipe de limpeza lidou com o problema que deixou em menos de uma hora. Era como se o incidente nunca tivesse acontecido, mas Boss não esqueceria tão facilmente.

Ela abriu a porta traseira e agora estava usando algum tipo de robe longo que a cobria demais.

Sentando em uma de suas cadeiras de praia, ele esperou que pegasse a garrafa dele.

— Isso é novo. — Disse ela com um sorriso suave nos lábios.

— O que é novo?

— Você fazer uma visita.

Shadow não se considerava o tipo possessivo ou protetor, ainda assim ele controlava completamente o mundo de Riley. Se ela se mexesse, saberia. Sua privacidade completamente desapareceu, simplesmente não sabia ainda.

Não que algum dia saberia.

Este era um grande erro. Pedir-lhe para tomar uma cerveja. Cuidar dela, conhecê-la. Ele deixou um rastro de evidências de quem era. Mesmo que soubesse ser um erro e que deveria fazer de tudo para sair, não poderia fazê-lo.

Ela o fez... querer. Queria a fantasia, queria Riley. Como era possível viver tanto tempo sem perceber que estava faltando alguma coisa?

— Sinto muito. — Disse, assustando-o.

— Pelo que?

— Já sabe, por hoje. Fui uma total cadela com você. Não deveria ter sido. Estava me ajudando e não fui exatamente a melhor pessoa para estar por perto. — Disse ela. — Você poderia ter sido ferido.

— Você me viu matar alguém e não sei se fico feliz que não tenha pirado.

Ela riu, realmente riu. Não podia acreditar.

— Você disse que não era a pior coisa que já viu.

— Já passei por isso. — Você sabe que morei nas ruas entre orfanatos. Não quero falar sobre esse tempo. Nem sequer quero pensar nisso.

— Os policiais, eles nunca estavam do seu lado?

— Alguns deles sim. Outros gostavam de dar proteção por um preço. Você pode imaginar que preço era.

Sexo. Era sempre a mesma merda. Não gostava disso.

Ela sorriu e achou seu sorriso triste. Queria fazê-la sorrir e que fosse real. Riley não percebeu o quão familiarizado estava com sua tristeza.

— Sinto muito que teve que passar por isso.

— Não foi tão ruim. Ganhei inteligência de rua muito rápido. Outros não tiveram tanta sorte. Pensavam que estender a mão daria-lhes uma vida melhor. Fui capaz de sair por conta própria. — Ela tomou um gole de cerveja e ele não conseguiu desviar o olhar.

Esta mulher era uma lutadora. Era forte, feroz e determinada. Havia tanta coisa para admirar nela, e claro, sentia-se atraída por ele, o que era engraçado.

— O ginásio onde você me viu. — Disse. Podia muito bem dar-lhe um pouco da verdade. — Trabalho lá. Muito, na verdade. Ali há algumas crianças problemáticas. Estou tentando ser... o mentor de alguns deles. Para mostrar-lhes que há outro caminho. A violência nem sempre é a resposta.

— Talvez seja.

Olhando-se fixamente. Seus olhos eram tão verdes, mesmo na iluminação fraca do quintal.

— Não deveria ser.

— Apenas porque nós não queremos que seja, não significa que não é. Alguns dos rapazes estavam determinados a me machucar, a me fazerem passar medo. Usaram a violência para tentar me controlar. Usei violência para mostrar-lhes que não estava para brincadeiras. — Ela olhou para sua garrafa. — Não tome isso como pessoal, mas a violência parece fazer parte de sua

vida. Tenho certeza que alguns homens não podem lidar com uma faca ou uma arma do jeito que você faz. Por que está morando aqui?

Não se ofendeu. A violência era sua vida. Era um assassino contratado. Alguém projetado para tirar uma vida sem fazer uma única pergunta.

— Gosto da falsidade. — Disse ele. — Não acho que isso seja mesmo uma palavra real. — Solto um suspiro. — Cada pessoa nesta rua tem algo a esconder, mas é o sonho americano. É bom se misturar com a multidão. Para ser normal.

Ela riu.

— Você não se mistura, Shadow. Cada pessoa o vê e não há como fugir disso.

— Antes de você começar a bisbilhotar minha vida, passava muito bem despercebido.

— Enxerguei problema escrito em seu rosto muitas vezes. Você tem muita bagagem. — Ela estendeu a mão, apontando para seu corpo. — Entendo, no entanto. Nós não fazemos parte deste mundo. Podem rir um com o outro e na próxima respiração, esfaqueá-lo por trás. Nunca fui uma fã desse tipo de merda. É uma coisa boa que você esteja tentando mostrar a essas crianças outra maneira. O mundo precisa de mais disso. Na maioria das vezes são empurrados para o lado e ninguém dá a mínima para eles.

Ele a olhou e soube que ninguém perdeu esse tempo com ela. Esteve sozinha neste mundo. Nunca fazendo parte dele e ainda assim sugada por todos os outros.

— Você não está mais sozinha.

— Estou sempre sozinha, Shadow. — Terminou sua cerveja e entregou-lhe a garrafa de volta. — Preciso descansar um pouco. Obrigada pela bebida e pela companhia.

Ela se virou para ir embora, mas Shadow não estava pronto para deixá-la ir. Estendendo a mão, segurou seu pulso, impedindo-a de ir a qualquer lugar.

Riley não lutou contra ele. Esperou que a soltasse.

Levantando-se, ele aproximou-se de seu corpo. Sentia um desejo que nunca experimentou antes. Ela inclinou a cabeça para trás para olhá-lo e por algum tempo, ele apenas olhou.

O silêncio sempre foi um conforto para ele. Podia pensar, planejar e fazer qualquer coisa que quisesse com sua mente.

O interesse em seu olhar ainda estava lá. Ela o queria, mas estava se segurando.

Ele estava cometendo um erro. Cada segundo que passava com ela, era um segundo mais longo do que deveria ser. Sua vida vinha com uma data de validade. Havia pessoas que iriam caçá-lo e matá-lo para se gabar de ser o único a fazê-lo.

— Tranque a porta. — Disse ele. — Se você precisar de alguma coisa, estarei aqui.

Ela assentiu com a cabeça. Seus lábios pareciam tão tentadores. Queria beijá-la.

Seria errado apenas uma vez fazer o que queria? Um beijo, em seguida, um segundo. Uma foda, fazer amor, se apaixonar. Podia tudo acontecer. Riley tinha o poder de ser sua fraqueza e não podia permitir. De jeito nenhum. Não poderia ter isso. Não queria fazer isso com ela.

— Boa noite. — Ele se afastou, querendo voltar e beijar aqueles lábios suaves. Não queria pensar a respeito.

Depois de voltar para casa, foi direto para o porão. Clicando nas telas, a viu de pé na entrada. Tinha os dedos sobre os lábios.

Ela o imaginou também?

Tire isso da cabeça, seu idiota!

Boss deu-lhe um trabalho e precisava parar de pensar em sua sexy vizinha e focar no trabalho.

Mesmo enquanto repreendia a si mesmo, não conseguia desviar o olhar, nem podia desligar a tela do computador. Naquele momento, encostada na porta, ela parecia tão vulnerável. Todos os outros no seu mundo passaram por cima dela, aproveitando e não dando a mínima. Era assim tão errado querer ser a única pessoa agindo diferente?



CAPÍTULO

CINCO

Shadow recostou-se no sofá de couro desgastado. O lugar cheirava como um armário de uma sala do ensino médio, donuts velhos e café barato. Normalmente tratava de negócios com Maurice por telefone ou mensagem, mas sua missão estava provando ser mais complicada do que esperava.

— Fez uma cirurgia facial e eu contei mais de uma dúzia de sócias. — Disse Maurice de sua cadeira na frente do teclado.

— Nós já sabemos isso. — Disse Shadow. Estava fazendo o reconhecimento de seu alvo durante semanas, mas o idiota estava sempre um passo à frente. Na noite anterior, Shadow esteve a segundos de puxar o gatilho em um sócia, apenas para descobrir que era outra pista fria. Estava longe demais para sua tranquilidade. — Preciso de algo que possa usar. Algo que chegará ao alvo real. Boss não quer nenhum erro.

— Como o que?

— Não sei. Porra. Tatuagem, marca de nascença, algo que os sócias não terão. Preciso ter certeza antes de explodir o cérebro do cretino.

Maurice ajustou os óculos enquanto centenas de fotos apareciam em inúmeras telas.

— Dê-me um minuto.

Shadow bateu o pé. Estava impaciente para ter o trabalho concluído, mas também não conseguia tirar Riley de sua cabeça. Desde que invadiu sua vida, estava dividido, seus dois mundos colidiam. Precisava de sua vida no Killer of Kings, era tudo o que conhecia e mantinha os demônios adormecidos.

Logo, ela apareceu.

O seu verniz cuidadosamente elaborado de normalidade o ajudava a experimentar tudo o que perdeu, a vida que estava fora de alcance. Lembrou-se da simplicidade de tomar uma bebida com Riley sob as estrelas. Podia se apaixonar por uma garota como ela. Tão fodido como parecia, já imaginava um futuro com sua intrometida vizinha. Poderiam brincar de contos de fadas e limpar as lembranças de seu passado.

Mas Shadow sabia melhor. Não havia como voltar atrás, não havia felizes para sempre.

— Você sabe que Boss me fez fazer uma verificação completa e profunda em toda sua equipe, certo?

Shadow estreitou os olhos, inclinando-se para descansar os cotovelos sobre os joelhos.

— O que quer dizer, Maurice?

— Alguns dos relatórios dizem que você é um sociopata. Que tem um transtorno tão grave que não pode funcionar na sociedade normal. Chamam de estresse pós-traumático.

Apertou os dentes.

— Por que está me contando isso?

— Boss acha que você está muito próximo de um de seus vizinhos.

— Minha vida pessoal não é assunto de Boss. Ou seu. — Disse. — Que tal você fazer o seu trabalho de merda e deixar meu passado onde ele pertence? Caso não tenha notado, passou muito tempo desde que era um garotinho à mercê do sistema.

Sua pressão arterial subiu a ponto de poder ouvir seu coração batendo nos ouvidos. Geralmente mantinha a calma, mas seu passado ainda conseguia incomodar e deformar seus pensamentos. Shadow foi forçado a ver a saúde de sua mãe se deteriorar durante anos. Mesmo nos últimos meses, ela se recusou a pedir ajuda médica. Presos em seu apartamento minúsculo, na parte mais triste da cidade, eram apenas os dois. Quando as coisas ficaram desesperadas, optou por roubar para levar comida para casa. Analgésicos. Cigarros. Tinha apenas nove anos de idade.

Em seguida, vieram os anos de orfanato. Os espancamentos brutais, a fome e a falta de qualquer afeição. Passou por todos os estágios do inferno até não sobrar nada, apenas o vazio.

Sobreviveu nas ruas desde os treze anos, mais um capítulo infeliz de sua vida fodida. Quanto mais pensava a respeito, mais seus músculos ficavam tensos. Quando Maurice limpou a garganta, Shadow percebeu que suas mãos estavam em punhos apertados, os nós dos dedos brancos.

— Apenas queria dizer que um relatório não pode defini-lo. Às vezes, não valem o papel no qual estão escritos. — Maurice deu um pequeno sorriso, em seguida, virou-se para os monitores. — Ah, lá vamos nós.

Maurice expandiu uma imagem. Era uma pequena tatuagem, insignificante no polegar e no primeiro dedo de seu alvo.

— O que é isso? — Perguntou Shadow.

— Parece o símbolo do infinito.

— Que merda. Tem certeza de que é o original? Nenhum de seus sócias tem?

— Tenho certeza de que sim, Shadow. Isto é o que eu faço o dia todo. Todos os dias.

Assentiu, ainda refletindo sobre as palavras de Maurice. Shadow sempre acreditou no veneno que os assistentes sociais destilaram. Era uma das razões para ser tão reservado, convencido de que era um monstro. A declaração de Maurice o fez pensar.

— Por que mencionou meus relatórios?

— Shadow, sei tudo sobre sua sombria vida, do sistema de adoção até as nossas missões. Mas também sei o que você faz na

quinta à noite. Eu sei sobre o tiroteio no bar. Acha que é o diabo? O diabo não se preocupa com ninguém, apenas consigo mesmo.

Ele se levantou, colocando a arma que estava na mesa de café na parte de trás da calça.

— Obrigado pela informação. — Então se levantou, quando estava com a mão na maçaneta da porta se virou. — Boss tem um contrato para a garota?

— Não, Killian é seu braço-direito atualmente.

— Cuide-se. — Disse Shadow, ao sair do apartamento. Uma vez lá fora, no corredor, encostou-se à parede e passou as mãos sobre o rosto. Vivia sozinho e longe das outras pessoas para evitar este tipo de sobrecarga emocional. Suas lembranças eram fraquezas que não precisava reviver.

Pelo menos Riley estava segura por agora. Maurice estava certo, se Killian descobrisse que Boss ofereceu uma recompensa por uma mulher inocente, haveria muita confusão.

Foi para o centro. De acordo com seu reconhecimento, o alvo tinha um encontro com um banqueiro às três da tarde, mas poderia ser um alarme falso. Shadow estava sentado em seu SUV e observava a entrada do banco com seu binóculo. Como o tédio era grande, massageou a nuca com uma mão e verificou seu Rolex. Dois minutos antes das três, dois carros pararam em frente. Esperou para ver quem sairá pela porta traseira do passageiro. Quando avistou Chains dirigindo o carro da frente, jogou o binóculo de lado e saiu do carro.

Será que Boss tinha mais de um homem no trabalho ou era Chains um traidor do Killer of Kings? De qualquer maneira, seu dia ficou mais fodido. Ligou para Boss de seu celular enquanto caminhava ao longo da calçada, desviando-se dos homens de ternos. Shadow odiava multidões.

— Você terminou o trabalho mais cedo? — Perguntou Boss.

— Melhor. Já que você sabe de tudo nesta cidade, conhece a resposta. O que preciso saber é porque Chains está dirigindo por aí com o meu alvo.

— Não me lembro de ter dito que era exclusivo.

Shadow rosnou sua irritação.

— Estragará tudo se fizer um movimento para pegar o cara errado. Maurice disse que tem a porra de um exército de sósias.

— Chain está infiltrado num nível mais baixo. Nada a ver com seu alvo. Gosto de ter olhos e ouvidos em todos os lugares. Apenas se preocupe em cumprir seu contrato.

— Estou trabalhando nisso.

Shadow desligou e guardou-o no bolso. Precisava chegar perto o suficiente para ver a tatuagem antes que pudesse acertar o alvo. Não seria fácil. Quando se aproximou dos dois carros, olhou para Chains, sentado no banco do motorista. Trabalhou com Chains brevemente quando estavam lidando com a limpeza dos Dead Angels MC, mas Shadow preferia trabalhar sozinho.

Discretamente colocou um rastreador na parte traseira de ambos os veículos antes de caminhar em direção ao banco. Shadow misturou-se com o ambiente. Neste dia estava usando um terno Brioni sob medida, o qual usava quando precisava matar homens muitos ricos. Os cinco homens que rodeavam seu alvo estavam em alerta, por isso, não podia chegar perto. Com as câmeras de segurança e os guardas armados, não poderia puxar a arma dentro do banco. Apenas precisava verificar se tinha o homem certo, então seguiria o pedaço de merda até fora da cidade e acabaria com todos os seis.

Shadow tinha completa fé em sua capacidade de fazer o trabalho, não importava com quantos filhos da puta tivesse que lidar. Boss o ensinou bem. Experiência de primeira mão em Killer of Kings ao longo dos últimos vinte anos o colocou no topo.

A entrada do banco antigo era enorme, as abóbadas altas pareciam as dos museus em Roma. Os pisos de mármore brilhavam com um acabamento espelhado. Shadow viajou pelo mundo em missões e falava várias línguas. Itália era um de seus países favoritos.

Pegou seu telefone, mantendo os olhos no grupo ao tentar parecer ocupado. Shadow discretamente tirou fotos dos homens na comitiva. Seu alvo tinha cabelo louro escuro e parecia estar em seus trinta e poucos anos. Esperava alguém muito mais velho considerando o quão longe sua empresa criminosa foi. Não

importava. Era ele ou um sósia e Shadow estava ficando farto de ficar de tocaia.

Talvez agitar as coisas traria o homem real à superfície... ou o enviaria mais profundo para um esconderijo. Precisava fazer isso direito, assim como Boss instruiu. Gostava de missões duras e rápidas, encontrar e eliminar o alvo sem muita besteira. Talvez Boss o estivesse punindo por sua última falha.

— Você trabalha bem. — A voz veio diretamente por trás dele. Por mais que quisesse girar e empurrar sua Glock na cara do idiota, se manteve quieto.

— Não fique animado. Não gosto de homens. — Disse Shadow antes de se virar um pouco para o lado.

Franziu a testa quando viu Anthony Devino, um dos assassinos de baixa patente da máfia. Shadow deveria esperar concorrência com um pagamento tão alto.

— O que foi? Não está feliz em me ver?

— Você cheira a salame e charutos, não é exatamente uma combinação agradável. — Shadow colocou o telefone longe, ocasionalmente, mantendo o controle sobre seu alvo quando cruzou os braços. — Deixe-me em paz.

— Está magoando meu coração, Shadow.

— O que você quer?

Anthony encolheu os ombros, mas olhou para o outro lado do hall de entrada.

— Acho que o mesmo que você.

— Então não temos mais nada a dizer, certo? — Disse Shadow.

Anthony ficou quieto por dez segundos. — Boss não é dono da cidade.

— E Renzo Carpollo é? Continue pensando assim, Devino. Usa la testa, vai a casa. — Se tivesse que atirar em Anthony para conseguir este contrato, não pensaria duas vezes. Killer of Kings o considerava um carnicheiro, sempre pronto para pegar os restos deixados por eles.

Shadow foi até a entrada principal, cada passo soando no chão de pedra. Esperou na escada lá fora, na esperança de conseguir um bom olhar sobre o homem misterioso quando saísse. Não conseguia parar de pensar na habilidade de leitura labial de Riley. Se pudesse entender o que estavam dizendo em todo o hall de entrada, poderia ter uma virada de jogo. Isso economizaria tempo. Gostava de trabalhar sozinho e não queria arrastar consigo um leitor de lábios contratado por Boss para cada trabalho. Se precisasse de um, sabia exatamente quem usaria, com certeza Riley. Gostava de vê-la, ficar ao seu redor, mesmo que às vezes fosse um pouco rabugenta.

Passou pelas escadas verificando seu relógio. Quando ouviu vozes se aproximando, deixou um amplo espaço de passagem na entrada. Dois guarda-costas saíram primeiro, seguidos pelo loiro e

três outros guardas. Shadow se moveu para mais perto, fingindo conversar distraidamente em seu telefone.

Eles se moviam muito rápido para ver a mão do homem. As chances de ver a pequena tatuagem eram quase nulas. Normalmente, os acompanharia e mataria de qualquer maneira. Se fosse o homem errado, manteria a caçada. Mas como Boss queria que esse trabalho fosse perfeito, nada fez para alertar o alvo, teria que esperar pelo momento certo.



Shadow desapareceu em combate por quase duas semanas. Ele a deixava louca. Não porque não o viu, mas porque não conseguia se livrar de sua obsessão por ele. Riley se orgulhava de manter o coração trancado. Era melhor assim.

Shadow era complicado.

Ela se recusou a bater em sua porta, e parecer desesperada. Se quisesse vê-la, sabia onde morava e trabalhava. Teria sido mais fácil tirá-lo de sua cabeça se não acreditasse que havia algo entre eles. Mas e se estivesse completamente errada? Talvez fosse apenas um homem legal, um vizinho preocupado com ela. Talvez imaginou tudo, a intimidade, a possessividade, a maneira como a olhava. Deus, queria acreditar que um homem como Shadow poderia se apaixonar por ela. Mas, como todo o resto em sua vida, parecia que também terminaria em mais uma decepção.

Depois do trabalho, trancou sua confeitaria e caminhou para seu carro. Notou que desde o incidente, a área perto de sua confeitaria estava anormalmente livre de carros estacionados. Era estranho. Claro, não podia tirar esse dia de sua cabeça. Não porque Shadow matou um homem, mas porque fez isso por ela. Literalmente matou para ela. E agora sumiu.

Ligou o carro e depois abaixou as janelas. Mesmo à noite estava úmido nesta época do ano.

— Sem mais janelas quebradas?

Riley ofegou. A mão de Shadow estava no teto de seu carro, o rosto muito perto.

— Hum, não. Tudo está bem.

Ele assentiu.

— Fico feliz.

O único lugar aberto àquela hora era a loja de conveniência e o bar. Queria que estivesse ali para vê-la, mas não esperava isso.

— Tomara que você não esteja aqui pelos doces. Fechei a loja há um tempo.

— Estou aqui por você.

Seu coração derreteu, mas manteve uma expressão séria.

— Oh?

— Quero levá-la para jantar, Riley.

O nome dela em seus lábios fez borboletas correndo por seu ventre. Esta era a última coisa que esperava ouvir do Sr. Desaparecido em combate. Ficou em silêncio, parte dela esperando que estivesse brincando de forma cruel com ela. Então Riley jogou junto.

— Quando?

— Esta noite. Vou buscá-lo em uma hora. — Ele a olhou com aqueles olhos escuros e assustadores. O homem era confiante. Por que não deveria ser?

Ela riu.

— Você está falando sério?

Ele piscou.

— Vista algo elegante. É um restaurante fino.

Então, se endireitou e afastou.

Que porra foi aquilo?

Tentou se concentrar no que aconteceu. Shadow queria levá-la para jantar? Restaurante fino? Riley nem sequer achava que possuía um belo vestido. Tinha uma hora para tomar banho e se vestir, então se apressou em sair da praça.

Eram quase oito horas no momento que ficou pronta. O chão do quarto estava cheio de roupas. Tentou praticamente todo seu guarda-roupa, mas achava que não poderia errar com um vestido preto básico. Depois de fazer seu cabelo e maquiagem, procurou seus saltos na parte de trás do armário. Riley não era uma garota

exigente. Não conseguia se lembrar da última vez que usou saltos ou batom.

Fez um giro na frente do espelho do corredor, tentando imaginar o que Shadow veria quando aparecesse em sua porta. Riley sorriu. Foi divertido vestir-se e estava feliz com o resultado final.

Quando o alto e oco som de batidas soou em seu pequeno bangalô, Riley congelou no lugar. Esperava que ele não aparecesse.

Abriu a porta e olhou para Shadow. Usava um terno completo, o cabelo escuro penteado para trás. O homem parecia bom o suficiente para comer.

— Você está deslumbrante. — Disse ele, sua voz rouca e suave ao mesmo tempo.

— Obrigada. — Disse ela. — Não tenho muitos vestidos extravagantes.

Molhou os lábios grossos e ela não conseguiu desviar o olhar.

— Você está perfeita. — A maneira como disse as palavras não deixava espaço para discussão. Estendeu a mão e ela a pegou.

Logo após trancar a porta, foram para seu carro, o couro macio acariciando suas coxas.

— Nunca vi você dirigir este carro.

— É para ocasiões especiais.

Respirou seu perfume sutil, uma mistura de musk e sândalo. Suas mãos no volante eram grandes e fortes, os dedos longos com unhas bem aparadas. Percebia pequenos detalhes nas pessoas e as coisas mais estranhas pareciam transformá-las.

— Não o vi em semanas. — Falou, sendo intrometida. Ele não tinha sequer colocado o lixo para fora.

O zumbido do motor aumentou quando acelerou pela rua.

— Tenho trabalhado muito. Minha missão atual tem sido um desafio.

— Investimentos, certo?

— Certo.

Mordeu o lábio, querendo saber mais sobre Shadow, mas não querendo parecer intrometida. Ele a convidou para jantar, assim, sua suposição anterior de que tivessem uma conexão poderia estar certa. Mais cedo ou mais tarde, teria que se abrir.

— Não tive mais problemas na praça. — Disse ela. — Fiquei com medo deles tentarem retaliar ou envolver os policiais. — Riley ainda não conseguia entender como um assassinato podia ser varrido para debaixo do tapete.

Levantou seu pulso para ajustar o relógio, com os olhos na estrada.

— Eu cuidei deles. Não serão um problema

O que isso significava? Era por isso que ninguém do bar ousava estacionar perto de sua confeitaria? O simples pensamento

de Shadow ter tanto poder dava-lhe um pouco de medo. Definitivamente a agradava estar com um homem tão capaz. Fazia se sentir segura e nunca sentiu isso em sua vida.

O interior do carro estava muito quieto. Ela se mexeu e viu a paisagem passar, com seus pensamentos voando. Riley lembrou-se do dia que foi levada em custódia pela polícia, o início de seu pesadelo no orfanato. Os policiais lhe deram um pequeno macaco de pelúcia vestido de amarelo, um pequeno consolo para o que estava por vir.

Esse não foi o dia que perdeu seu senso de segurança, no entanto. Tudo terminou antes que pudesse se lembrar. Nascer de uma mãe viciada era um tipo especial de inferno. O passeio de montanha russa nauseante terminou quando sua mãe tentou vendê-la por uma noite de festa a um agente disfarçado em troca de drogas. Ela tinha doze anos. Apesar de ter sido poupada do trauma, sua inocência da infância foi perdida entre camadas de disfunção que queria desesperadamente tirar da memória.

Mesmo adulta, nunca procurou sua mãe. Por que deveria? Riley apenas contava consigo mesmo e era assim que gostava.

— Nós chegamos. — A voz de Shadow tirou-a de seu devaneio.

Olhou ao redor, as luzes e o brilho de um arco enorme agora capturou sua atenção. Seria excelente jantar com os ricos. Um manobrista abriu a porta e afastou-se, ela saiu do carro sentindo-se desconfortável com tais luxos.

Uma longa fila de pessoas estava atrás de uma corda de veludo vermelho, um segurança os impedia de passar, mas Shadow se aproximou e subiu os degraus na frente de todos. Sentia-se como Cinderela, de várias formas.

— Isto é muito chique. — Sussurrou.

Shadow a levou para dentro onde seguiu um funcionário para sua mesa.

— Esta foi a que pedi? — Perguntou.

— Sim, senhor.

Afastou a cadeira e ela sentou-se, observando as chamas da vela tremular quando seu pé cutucou a perna da mesa. À sua direita, ouviu um piano e violino.

Shadow sentou de frente a ela.

— Obrigado por ter vindo.

— Apenas fiquei surpresa, já que você desapareceu depois daquela noite na minha varanda.

— Meu trabalho é complicado, mas garanto que prefiro estar com você.

Ela sorriu.

— Sem ofensa, mas tenho tendência a ser desconfiada. Não tive exatamente boas experiências com os homens.

— Não tenho nenhum motivo para mentir. — Seus olhos eram poços profundos onde poderia se perder e desejava saber todos seus segredos.

— Então me diga algo sobre si mesmo. Tudo é um mistério. Quero conhecer o verdadeiro homem.

— Você não quer conhecê-lo.

Riley inclinou a cabeça.

— Claro que quero. — Disse. Pensou em algo para perguntar.
— Como você conseguiu o nome de Shadow?

Fez uma pausa, depois lentamente, mordeu o lábio inferior.

— É apenas um nome.

— Sua mãe deu a você? — Por que estava com tanto medo de se abrir? Parece que finalmente encontrou alguém mais reservado do que ela.

A garçonete veio com água. Shadow imediatamente pegou seu copo e tomou um gole.

— Meu chefe deu-me este nome. Há muito tempo.

— Combina com você. — Não discutiu mais o assunto, mas não desistiu. — Você já foi casado?

Esta pergunta não pareceu perturbá-lo como a outra. Na verdade, sorriu com uma inclinação deliciosamente sexy dos lábios.

— Não, nunca me casei.

— Filhos?

Balançou a cabeça, em seguida, olhou para o menu. Decidiu olhar para o dela, apenas para descobrir que estava em francês. Quando olhou para ele, tinha o mesmo sorriso diabólico.

— Precisa de ajuda? — Perguntou.

— Talvez um pouco. No quero comer caracóis ou fígado de pato.

A atendente voltou para ver se precisavam de ajuda com o pedido. Shadow falou em francês fluente, o que a surpreendeu.

— Você quer uma taça de vinho? — Perguntou a ela.

— Certo. Qualquer coisa que você quiser.

Quando a atendente saiu, ela se inclinou sobre a mesa.

— Você é francês?

— Apenas uma língua que falo. Viajo muito devido ao trabalho.

— Nunca estive fora da cidade.

— Nunca viajou?

Riley balançou a cabeça. Agora que pensava nisso, não havia muitas coisas em sua lista de desejos, mas pelo menos tinha sua confeitaria, o que era um grande acerto. Não precisava de luzes brilhantes e férias luxuosas.

— Há tantos lugares que adoraria lhe mostrar. — Disse ele. — Talvez faça isso um dia.

Tudo o que sempre quis era uma vida simples. Sonhou em viver sozinha, mas agora desejava muito mais... graças ao homem sentado em frente a ela. Riley sentia medo por ter esperanças, apenas para vê-las frustradas. — Garotas como eu aprendem a deixar os sonhos para trás. Não há nenhuma decepção dessa forma.

— Não diga isso. — Disse ele. Estendeu o braço por cima da mesa e segurou o pulso dela e ela segurou o seu. — Tenha grandes sonhos. Você merece. — Com a mão livre, passou as costas dos dedos ao longo de sua bochecha. Ela fechou os olhos, saboreando este novo nível de intimidade.

Quando abruptamente se afastou, ela respirou fundo e ajustou seu vestido. Caiu completamente sob seu feitiço naqueles poucos minutos.

Shadow olhou para outra mesa, completamente focado nas pessoas sentadas.

— Riley, você pode me fazer um favor?

— Ok... — Provavelmente deveria fazer muitos favores após o reparo da janela.

— Não olhe agora, mas preciso de você leia os lábios das pessoas naquela mesa.



CAPÍTULO

SEIS

Shadow não gostava de usar Riley, mas pelo menos tinha uma desculpa para levá-la para jantar. Estava tão linda, literalmente tirando seu fôlego. Por uma fração de segundo se sentiu um pouco culpado por usá-la para seus próprios interesses.

Acreditava que o homem que estava atualmente em uma refeição de negócios era seu alvo, mas queria ter certeza.

Ler lábios não era sua especialidade, mas sabia, sem dúvida que era a de Riley. Era uma especialista nisso.

Ela olhou para a mesa e ele para seu pescoço. Como reagiria se pressionasse os lábios em seu pulso? Será que tremeria e imploraria por mais? Talvez o chutasse nas bolas e diria para se foder? Ou se viraria e o beijaria de volta?

Não podia tirá-la de sua cabeça e estava ficando louco.

Com as câmeras de segurança que tinha em sua casa, sabia como era nua e gostou do que viu. Deliciosos grandes seios, uma bunda e coxas também. Não havia uma coisa que não gostasse nela ou em seu corpo.

Ficou intrigada com ele e foi intrometida, mas isso se estendia a atração física? Riley escondia suas cartas e ele não tinha a menor ideia de onde estava. Não era o playboy típico que as mulheres procuravam. A maioria mantinha distância.

— Por quê? — Perguntou.

— O que?

Ela franziu a testa.

— Por que quer que eu leia seus lábios?

— Porque sou curioso.

— Isso tem a ver com seu trabalho? — Perguntou ela.

— Sim.

Apertou os lábios e olhou por cima na mesa.

— O que eu ganho com isso? — Perguntou.

Recostou-se e olhou para ela.

— Você quer alguma coisa de mim?

— Você quer alguma coisa de mim, então acho que deveria ter algo em troca.

Agora estava intrigado.

— O que você gostaria, Riley? — Se fosse muito, desistiria. Poderia pensar em outras coisas que gostaria de dar a ela.

— Um encontro real que você não me queira por minhas habilidades loucas.

— Este é um encontro real. Um elegante.

— Apenas estou aqui porque você não pode entender o que estão dizendo. Não tente fingir que é outra coisa. Sei que não é e não sou estúpida. — Afastou o cabelo da testa. — O que será?

O pedido de Riley o fez sorrir. Poderia ter pedido qualquer coisa e ainda assim tudo o que queria era um encontro real. O que tinha esta mulher que conseguia derreter seu exterior frio?

— Certo. Eu a levarei a um encontro. Um encontro real. Agora me conte o que estão dizendo. — No entanto, Shadow não queria estragar tudo. Se este era seu homem, precisava saber.

Tomou um gole de vinho e viu quando ela colocou a cabeça na mão para olhar por cima. Para qualquer observador, estava simplesmente observando a mesa.

Ele olhou para ela. Não pode se conter e quando ela viu, bufou.

— Você poderia me ajudar e fingir que estamos num encontro horrível.

Shadow ficou confuso.

Riley revirou os olhos.

— Sério? Você quer saber o que estão dizendo e claro, não quer que saibam o que estou fazendo. Olhe para seu telefone. Finja ser um encontro ruim, que está mais interessado em outras coisas e não em mim.

— Ah, certo, é claro. — Estava estragando tudo.

O fato era que gostava de olhá-la. Riley o intrigava e agora estava arruinando sua famosa atenção aos detalhes.

Pegando seu celular, enviou uma mensagem a Maurice e depois para Boss. Eram merdas inúteis. A data, hora e até mesmo alguns emojis, que eram apenas engraçados. Até enviou uma mensagem para Viper.

— Ok, estão falando sobre um encontro. Ele precisa sair da cidade. Alguém o está seguindo. Sabe que estão chegando perto. — Houve uma pausa. — Estão falando de um acerto. Sabem que há um assassino atrás dele e está sendo aconselhado a fazer outra cirurgia.

Com o canto do olho, viu que ficou tensa.

— O que mais? — Perguntou.

— Algo sobre uma marca distintiva. A tatuagem da qual precisa se livrar. — Olhou para ele por um segundo e não gostou de como focada ela estava. — Um acerto. Ok, sei pelos filmes que um acerto significa uma morte, certo? Assassinato? Ele é parte de seu trabalho, mas você disse que lidava com investimentos. É realmente um assassino de aluguel?

Shadow olhou para ela.

O tempo passava e não conseguia encontrar palavras.

— É isso, não é? Esse é o seu grande segredo. Você é um assassino de aluguel e está em uma missão. Esta é apenas outra pista. Para não falar do homem com ar desagradável com quem

estava conversando na outra semana. Então, naturalmente suas habilidades com uma faca e uma arma. Tem algo que grita que você é um homem que pode se cuidar.

Cruzou os braços e esperou que ela surtasse. Aproximar-se de uma civil foi uma péssima ideia e sabia disso.

Riley pegou sua taça de vinho e tomou outro gole.

— Então? O que será? A verdade ou outra mentira.

O silêncio caiu entre eles.

Shadow nunca lidou com uma situação como esta e não sabia que porra fazer. Apertando os dentes, olhou ao redor do restaurante, desejando poder encontrar as palavras certas.

— Quer saber, se vire com essa merda. — Jogou o guardanapo e olhou-o.

Ele a viu sair e acenou para o garçom. Shadow apressou-se a pagar, apenas para ver Riley tropeçar, caindo sobre o homem que estava investigando.

Porra!

Ficou tenso quando Chains entrou no restaurante. Não havia nenhuma maneira de ajudar Riley. Também não queria arriscar que Chains o visse.

Killer of Kings não era uma empresa exclusiva e qualquer dos membros poderia fazer o que quisessem, incluindo aceitar outros contratos. Chains não era obrigado a trabalhar exclusivamente com Boss.

Shadow não tinha outra escolha, além de usar o banheiro e tentar realmente encontrar uma saída que não o colocasse em contato com alguém. Em dez minutos estava na rua, olhando para os lados enquanto esperava seu carro.

Depois de pagar o manobrista, sentou-se ao volante e começou a dirigir para longe, mantendo seu olhar nas ruas. Não gostava que Riley estivesse sozinha, mesmo que estivesse em um lugar público.

Seu encontro não correu bem. A vida amorosa simplesmente não estava destinada para um homem como ele. Permitindo-se esperar por mais era como perseguir o vento.

Contornou a primeira curva acentuada, logo à frente viu Riley descansando contra a parede, com os braços cruzados.

Diminuiu até parar e ela caminhou até o carro, entrando do lado do passageiro sem uma palavra.

— Que porra foi aquilo? — Perguntou.

Shadow estava tão irritado. Não apenas ela poderia ter se machucado, como fodeu todo seu extenuante trabalho.

— Você não queria jantar comigo. Tudo o que queria era descobrir quem aquele homem era.

Ouviu a decepção em sua voz e isso o atingiu como um soco no estômago. Shadow não estava acostumado a ser cuidadoso. Porra, não deveria se sentir mal por usá-la.

Dirigindo por alguns minutos, tentou pensar no que dizer.

— Eu sinto muito.

— Não, não sente.

— Eu sinto. Nem sequer se preocupe tentando me dizer o que estou pensando ou não. Queria jantar com você. Está errada sobre mim. Gostei desse tempo juntos.

Ele a olhou e a viu observá-lo. Tinha olhos grandes e expressivos, um ar doce e inocente. Estava caindo no buraco do coelho, porra e não podia sair agora nem que tentasse.

— Então... você não quer isso?

Shadow a viu segurando um telefone celular em suas mãos.

— O seu celular?

Ela riu.

— Não é meu. Este é o telefone do seu homem. Quando tropecei, o peguei. Aqui, é seu.

Estendeu a mão e pegou o telefone. Mesmo enquanto dirigia, o abriu e viu que pedia um código para entrar.

Não seria difícil de quebrar, mas levaria tempo. Guardando o telefone celular, o resto do trajeto foi feito em silêncio.

Ela era completamente estranha. Não havia outra palavra para isso.

Após a pergunta sobre ser um assassino, pensou que fugiria, mas não o fez. Em vez disso, foi embora e pegou o celular que lhe daria se este era o seu homem. Sabia que era após a leitura labial e não demoraria muito até que sua missão estivesse completa.

Estacionou em sua garagem e quando desligou o motor, Riley já estava fora do carro e dentro da própria casa.

Shadow não a impediu. Exalou em derrota e saiu do carro.

Esta noite foi um total fracasso e não havia como voltar atrás.

Entrando em sua casa, já sabia que Boss estaria lá esperando por ele. Shadow fechou a porta e foi direto para sua cozinha, pegando uma cerveja.

— Você tem alguma ideia de quanto perigo ela correu hoje à noite? — Perguntou Boss.

Shadow torceu a tampa e tomou um longo gole. Não queria lidar com este homem nesta noite.

Sua vizinha era a única pessoa em sua mente. Ela mexeu com ele, mesmo que tentasse impedi-la. Mesmo discutir com ela o divertia. Havia algo inexplicável sobre essa garota gostosa.

Pegando o celular do bolso, colocou-o no balcão e deslizou-o para Boss.

— Aí está. Leve-o para Maurice e me diga se estou na pista certa.

— Este é o seu trabalho.

Finalmente Shadow se virou para olhar Boss. Seus olhos eram negros, como uma cobra, impossível de ler.

— Você não está aqui para me tirar do contrato, certo?

— Não. Na verdade, vim aqui para dizer que Viper, Bain e Killian foram capazes de ter uma vida que se encaixa com Killer of Kings, mesmo com suas famílias.

Estreitou os olhos. Boss não estava bem.

— Você está tentando me dizer para ter um relacionamento?
— Perguntou Shadow.

— Nem sonharia com isso. — Boss deu uma piscadela.

— Ela sabe o que eu sou.

— E ainda assim não fugiu de você, gritando. Acho que deveria pensar sobre isso. Parece ser um bom partido. — Boss tocou no telefone celular. — Use a cabeça, Shadow.

Viu Boss saindo de sua casa, deixando-o com mais perguntas do que respostas.

Pegando o celular, desceu a escada em direção aos computadores.

Não demoraria muito para que seu alvo percebesse que o celular desapareceu. E isso o levaria de volta para Riley.

Ela nem sequer percebeu que colocou sua vida em risco para ajudá-lo. E foi um tolo ao envolvê-la. Ela sabia muito, Boss não gostava de qualquer tipo de exposição para a organização.

Teclando nos computadores, observou Riley tirar o vestido. Seu cabelo caia em cascata pelas costas e a lingerie negra parecia muito tentadora.

Ela se sentou na beirada da cama, com a cabeça entre as mãos.

Vê-la assim, era quase como se estivesse desistindo e não gostou disso. De modo algum.

Havia um incêndio no interior de Riley e ele arruinou isso. A fez se sentir descartável.

Não, não podia deixar isso acontecer.

Shadow saiu apressado de sua casa e usou a chave reserva que fez para si mesmo, entrando por sua porta da frente.

Quebrou muitas regras com Riley, deixou-a saber, seu nome e muitas outras coisas pessoais sobre ele, mas não mudaria isso por nada.

Trancando a porta, se aproximou pela escada, então parou.

Que porra estava fazendo?

Ela não queria vê-lo agora.

Dê-lhe a verdade.

Ela o viu matar um homem e não surtou. Certamente, seria capaz de lidar com qualquer coisa que pudesse dizer.

Shadow abriu a porta do quarto e encostou-se ao batente da porta, cruzando os braços.

— Quero saber por que você está aqui? Ou como entrou?

Seu primeiro pensamento foi mentir. Dizer que deixou a porta aberta, mas estava cansado de todas as mentiras e meias-verdades.

— Tenho uma chave. — Ele a levantou e a mostrou.

— Claro que você tem uma chave. — Olhou para seu corpo e encolheu os ombros. Ainda vestia sua lingerie preta, mas não fez qualquer movimento para esconder seu corpo. Riley parecia abatida.

Shadow não conseguia parar de olhar para ela. Mesmo em seu estado derrotado, era requintada e muito mais sexy de perto do que na visão dos monitores.

Seu pau ficou duro e tudo em que podia pensar era fodê-la. Estava linda e vulnerável, ao mesmo tempo.

Levantou-se e olhou para ele. Sem os saltos, não havia como se igualar em altura.

— Sabe, este mundo é um lugar de merda. Já vi muitas coisas na minha época. — Parou, lambendo os lábios. — Talvez um dia veja que não está sozinho nisso.

Começou a se afastar e deveria deixá-la. Shadow sabia que no fundo de seu coração isto não terminaria bem. Terminaria em morte e fogo, bem mal. Ainda assim, estendeu a mão, apertando-lhe o pulso, condenando-os quando fez isso. Como não poderia? Ela era inocente. Não se importava com o que dissesse. Podia ter visto coisas ruins, mas a verdade era que ele viu o inferno na terra.

Juntos, não se ajudariam.

Não podiam fazer isso.

Muitos obstáculos estavam em seu caminho, no entanto, ele a puxou para perto. Quase como se fosse uma experiência fora do corpo, segurou sua cintura. Não havia como pará-lo agora. Não podia parar, nem queria.

A sensação de sua pele sob sua mão era perfeita, tão quente e macia.

Olhando em seus olhos, não conseguia desviar o olhar. Segurou seu rosto, passando os dedos em seus lábios. Tinha lábios tentadores, implorando para serem beijados.

— Contarei tudo, mas primeiro preciso provar um pouco de você. — Antes que pudesse dizer outra palavra a beijou.



Isto não podia estar acontecendo.

Riley gemeu quando a língua de Shadow tocou seus lábios e ela abriu a boca, saboreando-o pela primeira vez. O beijo começou timidamente, suas línguas se tocando até que a fome por mais assumiu. Estava tão irritada com ele, com ódio mesmo e ainda assim não conseguia pensar em uma única razão para não ser beijada ou por que não deveria beijá-lo. Saber que a queria era viciante, fazia com que quisesse subir aos céus.

Segurando seus braços, apertou-se contra ele, gemendo quando ambas as mãos agarraram sua bunda.

Parecia tão bom estar em seus braços fortes e mesmo que quisesse lutar contra isso, sua boceta ficou molhada. Ela o queria, ansiava por ele, precisava dele. Seu corpo estava desesperado por este homem, esteve por muito tempo.

Era sua droga de escolha e ela não queria desistir.

Uma de suas mãos afastou-se de sua bunda e foi para suas costas, chegando ao seu cabelo, segurando-a perto. Era áspero e atento, fazendo-a fugir da realidade.

Shadow inclinou-se sobre ela, fazendo-a se sentir pequena e feminina.

Soltou seus braços e moveu as mãos dentro de seu terno, tirando-o. Em seguida, trabalhou nos botões de sua camisa, abrindo-a. Apenas podia imaginar como seria nu e na verdade ela o imaginou em muitas noites solitárias.

Não fez nenhum movimento para ajudá-lo ou para tirar sua lingerie. Ficou ali, permitindo que o despisse. O homem era paciente e mortífero, o que apenas a excitava mais. Empurrando a camisa sobre seus ombros largos, ele parou seu progresso, beijando-a novamente.

Shadow a pressionou contra a parede e a prendeu lá com seu corpo duro.

— Agora você é minha prisioneira. — Segurou suas mãos, prendendo-as acima de sua cabeça, excitando-a ainda mais.

— Sim, sou sua prisioneira. O que você fará comigo?

Manteve as mãos presas acima de sua cabeça e com a outra, desceu sobre seu corpo até segurar um seio.

A renda não escondia nada. O mamilo endureceu contra a palma da sua mão, mordeu o lábio enquanto ele beliscava a ponta.

— Vou fodê-la até que não possa pensar direito e você irá deixar.

Ela riu.

— Não vou brigar com você.

Desta vez ele sorriu, uma deliciosa inclinação dos lábios.

— Não, não irá.

Abriu o fecho do sutiã e seus seios saltaram. O sutiã ainda se agarrava ao seu corpo, mas dava-lhe acesso suficiente para brincar com seus seios.

— Eles são lindos. — Beliscou as pontas duras, fazendo-a gritar.

O prazer foi direto para seu clitóris enquanto se misturava com um pouco de dor.

— Você está molhada para mim, baby?

— Sim. — Não havia porque mentir para ele. Nunca esteve tão pronta em sua vida.

Estava molhada e com cada toque de sua mão, ficava ainda mais.

Nenhum homem a fez se sentir assim, tão consumida pela paixão que não conseguia pensar direito. Riley estava tão desesperada por Shadow, que estava pronta para implorar.

Desde o início, ele tomou o controle de seus pensamentos, apenas por ser misterioso. Isso apenas ficou mais forte a medida que o conhecia.

Ela o queria mais do que qualquer outra coisa, cada pedaço bom e mau. Riley queria ser possuída pelo assassino.

Abaixou a cabeça e ela ofegou quando tomou um de seus mamilos na boca, chupando com força. A mistura de dor e prazer a deixava louca. Não sabia se deveria afastá-lo ou puxá-lo mais perto.

Apertou suas coxas, querendo alguma fricção em seu clitóris.

— Não, isso é meu. — Shadow afastou suas coxas, colocando a perna entre as dela.

Sua boceta se moveu contra o tecido em sua coxa.

Deixou escapar um leve suspiro quando o movimento de sua perna enviou uma onda de choque através dela. Deixaria louca se não tivesse cuidado.

Finalmente, depois do que pareceram anos, ele soltou suas mãos. No segundo seguinte, levantou-a e colocou-a na cama, abrindo suas pernas. Parecia uma sentinela ao pé da cama, olhando-a com uma intensa necessidade em seus olhos. Shadow tirou a camisa e mesmo na escuridão, podia ver seu peito coberto

de tatuagens. Este não era um vizinho comum. Era o diabo, uma bela fera que mudaria sua vida.

Levantou-se sobre os cotovelos e viu quando se ajoelhou na beira da cama, então seus lábios estavam em sua boceta. Inclinou a cabeça para trás, chocada pela forma como a devorava.

Circulou seu clitóris com a língua, passando rapidamente para trás e para frente, aumentando a sua excitação. Estava tão molhada que umedecia a cama. Sentiu um fio vazar e escorrer sobre seu ânus.

— Você tem um gosto bom para caralho. — Mergulhou sua língua profundamente dentro dela e gritou quando moveu a língua para cima e circulou seu clitóris. — Quero que você goze em minha língua, Riley. Goze e grite meu nome.

Desabou na cama enquanto ele chupava seu clitóris, deixando-a perto de um orgasmo. Fazia muito tempo desde que teve um e Shadow era um mestre. Não queria pará-lo, especialmente porque teve tantas fantasias com ele fazendo exatamente isso.

Riley esperava que desta vez, não acordasse.

Dedos entraram nela. Um e depois dois, ela ofegou quando os mergulhou profundamente, ao mesmo tempo que chupava com força o clitóris. Devastava seu corpo, puxando-a mais profundamente em sua teia.

Fechando os olhos, permitiu que todos seus problemas desaparecessem, a única coisa na qual se concentrou foi o prazer

de sua língua. Suas mãos trabalhavam como magia. Como podia um homem ter tanta habilidade?

Shadow foi implacável em provocar seu clitóris e a levou em direção ao orgasmo. Quando chegou perto, começou a ofegar, agarrando os lençóis.

Acariciou sua boceta, levando-a a alturas que nunca imaginou.

Gritou seu nome quando um orgasmo poderoso caiu sobre ela, enviando prazer a cada terminação nervosa em seu corpo. Não havia como pará-lo e Shadow não cedeu. Não pararia com apenas um. Empurrou-a em direção a um segundo orgasmo e ela ofegou, precisando de muito mais.

Shadow se afastou e ela sentou-se, um pouco abalada com o que sua boca fez. Viu quando desceu zíper de sua calça.

Tudo parecia estar em câmera lenta enquanto tirava a calça e depois a boxer.

Estava duro e seu pau saltou para fora, a ponta brilhando com pré-sêmen. Não pode deixar de lambar os lábios. O homem era além de impressionante, um Adonis como nunca viu. Aquelas horas no ginásio foram pagas com juro.

Observou-o, hipnotizada quando abriu um preservativo que tirou do bolso da calça e rolou o látex sobre seu pau.

Shadow se moveu em direção a ela e finalmente olhou para seu rosto. O calor nos olhos dele a excitou mais.

Nunca ninguém olhou para ela assim. Não como se quisesse comê-la. Sempre foi uma transa rápida, não algo digno de compromisso. Shadow parecia querer ser seu dono e adorava a sensação de ser desejada.

Quando foi em sua direção, ele se inclinou, segurando seu rosto reivindicou seus lábios. Lentamente, moveu suas costas para que ficasse sobre a cama e Shadow sobre ela. Suas pernas estavam abertas e quando terminou o beijo, não conseguiu desviar o olhar de seus olhos.

Pressionou a ponta do seu pau em sua entrada, mas não afastou o olhar. Estava esperando que dissesse para parar? Riley não sabia o que ele queria. Sabia o que desejava o que sonhou por muito tempo. Deus precisava dele dentro dela, precisava dele para acabar com a dor desesperada.

Em um único golpe, colocou cada centímetro de seu pau dentro dela. Riley não conseguiu segurar o gemido enquanto enchia sua boceta. Gostoso demais. Moveu as mãos sob sua cabeça, segurando-a perto, tomando posse de sua boca enquanto seu pau pulsava dentro dela.

Ele era grande e não sabia se a pressão causava dor pelo seu tamanho ou porque não esteve com qualquer outro homem há muito tempo.

O beijo despertou algo profundamente dentro dela. Alguma coisa estava acontecendo ali, algo monumental. Sentiu-se

conectada a ele em um nível profundo de alma e rezou para não ser unilateral.

Shadow terminou o beijo e perdeu-se em seu olhar intenso. Este homem. Entrou em sua vida e não por sua vontade. Ela se mostrou a ele e agora não queria ir embora. Não se importava com seus segredos. Todos os tinham e não havia como fugir disso, nem queria.

Lentamente, começou a se mover dentro dela.

Estava fazendo amor, o que a chocou também.

— Não tem ideia do que faz comigo, não é? — Ele perguntou sua voz áspera, profunda e hipnótica.

Saiu quase todo e ela gemeu, não querendo que fosse. Shadow não a fez esperar por muito tempo e entrou novamente, indo mais fundo do que antes. Solto sua cabeça e se moveu para poder usar os braços. Envolveu as pernas ao redor de sua cintura, esfregando a boceta em seu pau. Ele moveu o corpo, fodendo-a como um animal agora, levando-a mais perto e mais perto de um novo orgasmo.

Shadow de repente afastou-se e com um movimento rápido, girou-a para que ficasse de joelhos. Encontrou seu calor e bateu forte dentro dela, fazendo-a gritar.

— Você é tão apertada, perfeita. Sabia que seria assim.

Sua mão tocava seu estômago, logo se moveu até sua boceta. Encontrou seu clitóris e começou a provocá-la, levando sua excitação a um nível superior.

Não achava possível ter outro orgasmo, mas Shadow tirou outro dela e gritou quando gozou mais uma vez.

Shadow segurou seus quadris moveu-se mais rápido. Enchendo-a, entrando profundo e gemeu quando seu pau a levou a outro pico de prazer.

Ouviu-o gemer quando a encheu e então sentiu a pulsação de seu pau enquanto o orgasmo encheu o preservativo.

Ambos estavam ofegantes e Riley fechou os olhos, um pouco abalada com o que compartilharam e quão rapidamente ele tomou conta de tudo.

Parecia que estavam juntos há horas, mas tudo aconteceu em um turbilhão. Afastando o cabelo de seu rosto, sentiu a mão dele ir para o abdômen enquanto se movia sobre ela. Seus lábios roçaram sua pele, provocando a nuca.

Mesmo que estivesse completamente exausta, seu pescoço era uma zona altamente erógena. Um leve toque e estava pronta para mais.

Seus lábios tocaram seu ouvido.

— Você estava certa, Riley.

Ficou tensa enquanto suas palavras eram registradas.

— Sou um assassino e você nunca deveria ter me deixado
fodê-la.



CAPÍTULO

SETE

Os olhos de Riley ainda estavam fechados e esticou as pernas na cama. Sentia-se tão confortável, tão completamente satisfeita. Então, ficou tensa enquanto sua mente processava tudo o que aconteceu na noite anterior.

Dormi com meu vizinho gostoso!

Abriu os olhos, se perguntando se sonhou a coisa toda. Shadow estava dormindo em sua cama. Riley observou suas costas, descendo até sua cintura. Sua pele era dourada e quanto mais de perto olhava, mais notava a quantidade de cicatrizes antigas. Queria passar os dedos ao longo destas feridas, mas não queria acordá-lo.

Tudo parecia real à luz do dia, a realidade apagando a névoa de paixão. Será que ainda se sentiria da mesma forma? Ou será que foi apenas sexo? Riley não estava acostumada a ter homens ao seu redor ou que quisessem mantê-la para sempre. Recusava-se a derrubar todas suas defesas com Shadow até que estivesse certa de que não iria partir seu coração.

Lembrou-se de seu aviso na noite anterior. Achava que ela cometeu um erro ao dormir com ele. Riley não sentia medo. Sabia exatamente o que era: um assassino, um assassino de aluguel. Se fosse inteligente, fugiria, mas nunca foi daquelas que segue as regras. E ela o queria. Era perfeito, lindo, misterioso, ferido e o homem era um animal na cama. Foi forçada a sobreviver por conta própria durante a maior parte de sua vida e a não depender de ninguém. Recusando-se a confiar. Mas parecia excepcionalmente gratificante estar com um homem que podia cuidar dela, protegê-la de qualquer coisa ou de qualquer um. Estava cansada de lutar, cansada de estar sozinha.

Riley começou a sentar-se quando Shadow rolou com um braço dobrado sobre a cabeça no travesseiro. Parecia igualmente deslumbrante e adorável na parte da manhã. Em sua cama. Deitou-se novamente, segurando o lençol sobre seu corpo nu.

— Oi. — Sussurrou.

— Bom dia, linda.

Imediatamente, se perguntou como estava. Seu cabelo e maquiagem estariam um desastre. Independentemente disso, o modo como a olhou a fez se sentir como a mulher mais desejada do mundo.

— Sobre a noite passada...

— Você quer a sua chave de volta? — Perguntou, dando-lhe um sorriso bonito. Rolou para o lado, ficando de frente para ela. Com a luz do dia que entrava em sua janela, tinha uma visão clara

de suas tatuagens elaboradas e todos aqueles músculos perfeitamente definidos. Deus, queria tocá-lo.

— Você acabaria fazendo outra. — Brincou ela. Riley se atreveu a se aproximar e passou o dedo sobre um dos padrões tatuados em seu peito. — Conte-me sobre isto. Sobre você. — Disse ela. — É sempre tão discreto.

Sentia uma conexão com Shadow, mas havia tantas camadas ainda para desvendar. Riley não queria que isso acabasse como um caso de apenas uma noite.

— É preciso no meu trabalho. — Disse. Seus olhos eram tão escuros e a olhava como se quisesse memorizar seus olhos. Amava o quão especial a fazia se sentir. Ficou sobre um cotovelo e estendeu a mão, segurou sua nuca, puxando-a para um beijo. Fechou os olhos e se derreteu contra seus lábios, de forma lenta, uma provocação sensual trazendo seu corpo à vida. Mas não podia derreter novamente, não quando ainda era um completo mistério para ela.

— O trabalho? — Perguntou, se afastando. — Parece saber muito sobre mim, mas não sei nada sobre você. — Lambeu os lábios, passando os dedos pelos cabelos.

— Acredite em mim, você sabe mais do que a maioria. — Seus músculos flexionaram enquanto tentava se inclinar para frente para beijá-la novamente. Levou a mão ao peito para mantê-lo longe. Cada célula de seu corpo queria ceder, permitir que dominasse seu

corpo novamente. Mas seu coração e mente não queria ser esquecidos.

— Sei que você é um assassino. Trabalha em um dos ginásios mais rudimentares que já vi. Coloca o seu lixo lá fora sempre na mesma hora todas as semanas. Isto é tudo o que sei. — Disse ela. Riley assumiu o risco, rezando para não afastá-lo. — Quero conhecê-lo verdadeiramente. Quero que o que aconteceu entre nós signifique algo.

Ele exalou, o som era de derrota.

— Você esteve no sistema de adoção. Eu também. — Esse foi o início. Foi quando minha infância acabou.

Assentiu com a cabeça, incapaz de falar.

— Passei alguns momentos ruins, mas não podemos mudar o passado.

— Seus pais? — Riley sentia medo de pressionar o botão errado e fazê-lo se fechar. Sabia tudo sobre lembranças, do tipo que a fazia ter pesadelos. Era melhor esquecer, mas isso a transformou na pessoa que era. Precisava saber como Shadow funcionava.

Claramente lutava com as palavras e se sentiu culpada por perguntar. Ainda assim, não poderia haver segredos e mistérios se quisessem mais do que uma relação constituída com encontros rápidos e sexo.

— Nunca conheci meu pai. Minha mãe morreu quando eu tinha nove anos. Não há mais ninguém.

— Como ela morreu?

Estreitou os olhos.

— Você não se segura, não é verdade?

Tocou seu rosto, passando os dedos sobre a barba da manhã.

— Nunca tive ninguém para conversar dessa forma. Ninguém entende ou se importa. Você pode fazer perguntas também.

— Ela não tinha família, nem dinheiro. No momento que descobriu que estava doente, já estava muito avançado. Eu cuidava dela, mas era apenas uma criança.

— Sinto muito. — Disse ela, seus dedos ainda em seu rosto. Segurou seu pulso e beijou-o.

— Os anos de assistência social foram brutais, mas não foram piores do que vê-la morrer de câncer no pulmão. — Ela não teve uma boa vida, mas era minha mãe.

— Você a amava. — Disse Riley. — Não posso sequer imaginar o que passou.

— Sua morte me ensinou uma lição importante. — Disse ele. — Se não cuidar de si mesmo, acabará da mesma maneira. Nunca deixarei isso acontecer comigo.

Passou os dedos sobre seu bíceps, tão duros e definidos.

— É por isso que você treina tanto?

— Uma das razões. Preciso manter meu corpo forte sem drogas, não fumar, levar uma vida saudável.

— Apenas porque aconteceu com ela, não significa que acontecerá com você. Não pode viver sua vida com medo.

Ele sorriu.

— Não tenho medo de morrer, Riley. Arrisco minha vida todos os dias em meu trabalho. Nunca suponho que voltarei para casa à noite. Tenho medo de morrer do jeito que ela morreu: doente, impotente, patética, definhando e sabendo que não há nada que possa curá-la.

Mordeu o lábio inferior. Pela primeira vez desde que o conheceu, sentiu-se atingida. Podia sentir sua dor, sua sinceridade e estava se apaixonando.

— Você é forte, Shadow. — Ele se abriu com ela e o novo vínculo emocional era poderoso. Queria apagar toda a dor, curá-lo com seu amor. Talvez pudesse fazer o mesmo por ela.

— Como você?

Ela encolheu os ombros.

— Se for honesta, não sou tão forte quanto pareço. Precisei ser desde antes que possa lembrar. Minha mãe não era uma boa mulher. Era uma viciada, chegou a ponto em que queria vender meu corpo por drogas. O orfanato não era muito melhor. Não quero piedade nem nada. Apenas quero que você entenda.

Ele beijou sua testa.

— Você seria uma grande mãe. Não é nada parecida com ela. É inteligente, ambiciosa e amável.

Riley sorriu.

— Por que ter filhos próprios quando há tantos como nós presos no sistema de adoção?

— Faz sentido. Sei que você pode fazer a diferença.

— Você já pensou em ter filhos?

Ele jogou suas mãos para cima, olhando para ela.

— Chega de perguntas sobre mim, baby. Diga-me porque está sozinha, porque não há nenhum homem em sua vida.

— Talvez seja indigna de ser amada.

— Vamos, me diga...

Respirou fundo.

— Eu quero tudo, até o felizes para sempre. Os homens que namorei queriam sexo, não amor. Não consideravam se casar com alguém como eu, de qualquer maneira.

— Alguém como você?

Riley revirou os olhos.

— Sou gorda, Shadow. No caso de você não ter notado. Os homens não se preocupam com o que você é por dentro, se o exterior não é perfeito. — Eu que deveria perguntar por que você está sozinho.

— Porque não a tinha conhecido ainda. E agora que tenho você, não a deixarei ir. — Ainda tinha a mão dela presa. Shadow usou a força em seus braços para abaixar-se o suficiente para

beijar seu pescoço. Sua língua tocou o ouvido, o som de sua respiração acalmando-a. — Você é perfeita, Riley. Linda para caralho e perfeita.

— Beije-me. Por favor.

Soltou seu pulso antes de beijá-la. Ela colocou os braços ao redor de seu pescoço.

— Não vou mentir, eu quero você para o sexo. Muito sexo, porra. — Sua língua tocava seus lábios. — Mas quero tudo. Seu corpo, sua mente. Tudo.

— Por que me alertou sobre fazer sexo com você, então?

— Não faço nada de forma superficial. Ninguém entra na minha vida. Nunca. Uma vez que deixá-la entrar, você é minha. Possuo-a e não há como voltar atrás.

Sua boceta sentia-se em fogo. Deveria odiar essas palavras. Toda sua vida foi dedicada à sua independência e poder pessoal. Mas Shadow não queria machucá-la. A queria como sua mulher e nada poderia ser mais lisonjeiro. O sentimento de ser escolhida era novo e viciante. Não percebeu o quão desesperadamente precisava de sua tranquilidade, a confirmação de que não iria embora como todos os outros.

— E você? Você será meu ou começará a fugir de mim?

Shadow franziu a testa.

— Por que pergunta isso? Se você é minha, sou seu. Desde aquela noite em seu quintal, sabia que você era a única, mas lutei

contra. — Passou a ponta do polegar ao longo de seu lábio inferior.
— Diga-me que você quer ser minha mulher, Riley.

— Gosto do som disso.

Beijou seus lábios, gentil e suavemente.

— Nunca deixarei ninguém machucá-la.

— Levará algum tempo para me acostumar. Ninguém nunca lutou por mim antes.

Olhou para ela, não havia diversão em seus olhos.

— Se alguém foder com você, vou matá-los. — As palavras dele a deixou sem fôlego, não apenas por causa da maneira como disse, mas porque sabia que estava apenas dizendo um fato.

— Que tal começarmos com um encontro a sério, você me deve um.

Ele sorriu.

— Este fim de semana. Prometo.

Fim de semana? A lembrança súbita atingiu-a com força.

— A confeitaria! Esqueci-me de ligar o alarme. — Olhou para o relógio na cabeceira. Eram quase oito da manhã e deveria estar lá horas atrás. Riley pulou da cama e correu para o banheiro.

Colocou a cabeça no quarto um pouco mais tarde, uma escova de dente na boca. Diria a Shadow poderia ficar na cama ou sair, mas já estava vestido e verificando seu celular.

— Vou levá-la para trabalhar.

Ela balançou a cabeça.

— Não precisa fazer isso. Além disso, tenho algumas mercadorias no porta-malas do meu carro. — Deveria perguntar sobre o seu dia? Algo como, quem você vai matar hoje? Nunca iria se acostumar a namorar um assassino.

Uma vez que estavam finalmente saindo, empurrou a bolsa mais para cima em seu ombro e trancou a porta da frente. Assim que se virou, Shadow pressionou-a contra a porta, sem espaço entre eles. Segurou seu rosto e beijou-a com força na boca. Sentiu seu pau duro contra seu estômago, e desejou ter mais uma hora para passar com ele. Na verdade, ficou tentada a foder ali na varanda da frente.

— Os vizinhos vão falar. — Disse contra seus lábios.

— Deixe-os falar. Não me importo com que os vizinhos pensam. — Estendeu a mão e agarrou a bunda dela. — Quero você na minha cama esta noite, Riley Church.

Suas palavras saíram sem fôlego.

— Sua casa? — Nunca viu dentro de sua casa, além das vezes que espreitou pelas janelas. Ser convidada para seu covil privado, parecia proibido.

Ele concordou e deu-lhe um beijo final.

— Ligue se precisar de mim.

Riley estava sentada em seu carro observando Shadow entrar em sua garagem, a porta levantando-se automaticamente. Um

minuto depois, seu SUV preto recuou, as janelas fortemente matizadas impedindo que visse seu rosto. E desapareceu na rua. Sua mente curiosa perguntou onde estava indo. Iria matar o homem do restaurante? Será que ainda voltaria para casa inteiro?



Shadow saiu da casa de Riley no meio da noite por algumas horas. Precisou quebrar o celular e desenterrar a informação sobre seu alvo. Tomou um banho frio e carregou a caminhonete com seu arsenal antes de voltar para cama de Riley. Tudo estava pronto. Agora que tinha uma localização, era como se o trabalho já estivesse feito.

Percorreu a rodovia. O barco chegaria ao velho porto em uma hora. Graças a Riley, ele tinha todas as informações que precisava. Seu alvo se reuniria com um comprador, em seguida, com um novo cirurgião plástico. Em seu submundo, havia uma rede de profissionais médicos dispostos a fazer qualquer coisa ilegal. A mente de Shadow estava focada na tarefa em mãos, mas a garota ainda aparecia em sua cabeça.

A minha garota.

Passou sua vida em um estado dormente, recusando-se a se aproximar das pessoas. Depois de sua mãe, o homem que o orientou e apresentou a Boss também morreu de câncer. Então, Shadow decidiu que era melhor nunca mais se envolver

emocionalmente com alguém. Vivia sozinho, focado no trabalho e colocou uma máscara que escondia a dor. Agora se transformou em um estudante apaixonado, incapaz de pensar em qualquer coisa, além da mulher.

Ligou para Killian enquanto dirigia.

— Ei, como estão as coisas? — Desde que estiveram em missão juntos, derrubando parte dos Dead Angels MC, não conversaram mais. Killian encontrou novamente a mãe de seu filho e estavam juntos. Shadow queria o melhor para eles, mesmo que a vida familiar não estivesse no destino dele.

— Nós compramos uma casa na praia, cerca de dez minutos de Viper. — Killian riu alto. — Você pode acreditar nessa merda?

— O garoto está bem?

— Sim, nós matriculamos Killian Júnior na escola e estou de olho nele. Por enquanto, tudo bem. Não posso reclamar.

— Isso é ótimo. Fico contente que tudo tenha dado certo. Você merece.

Houve um breve silêncio na linha.

— Ei, sei que você não ligou para falar banalidades, Shadow. Está tudo bem?

Apertou os dentes, sem saber por onde começar.

— Como Boss lidou com a sua nova família? Ele está bem com June ou acha que ela trará algum problema?

— Ainda trabalho para Killer of Kings, vigiando suas costas, então ele não pode reclamar.

— Você não se preocupa com sua mulher?

— Boss pode ser um cara durão, mas eu sei que está feliz por mim a sua maneira. Com Viper e Bain, também. Encontrar uma boa mulher em nossa linha de trabalho é como ganhar na porra da loteria. Você sonha com isso, mas nunca espera que aconteça.

Falar sobre sua vida pessoal parecia estranho e se não se sentisse confortável com Killian, nunca teria pedido um conselho.

— Estou namorando uma garota. — Shadow começou. — Claro que Boss descobriu sobre isso. Disse que poderia encontrar a felicidade com uma mulher como ela, da mesma forma como você o fez.

— O que há de errado com isso?

— Não confio nele, nem na porra de uma palavra sua. Sinto que está armando para mim, pode usá-la contra mim. Sei que gosta de ter algo na manga sobre todos.

Killian exalou.

— Você a ama?

Shadow lambeu os lábios. Que porra era o amor?

— Eu não sei.

— Então posso transar com ela?

Shadow ficou em silêncio, seu corpo tenso... Killian começou a rir do outro lado.

— Você está dominado, companheiro. Você a ama ou Boss não teria mencionado nada. Quando foi a última vez que tentou te arrumar uma prostituta?

— Não sei se posso fazer isso, toda a coisa do relacionamento. Minha vida é muito perigosa. Nunca me perdoaria se algo acontecesse com ela por minha causa.

— Foda-se essa merda, Shadow. Se você a ama, reivindique, a mantenha segura. É o que fomos treinando para fazer, certo?

— Obrigado. Ei, cuide desse garoto. Se for como você, é um pé no saco.

Killian riu antes de desligar.

O cais estava logo à frente. Shadow afastou seus pensamentos de Riley e focou em sua missão. Uma distração poderia ser fatal.

Estacionou em um beco nas proximidades e foi a pé depois de aquecer seu corpo. Shadow se moveu sem um som, misturando-se ao ambiente de forma invisível. As caixas de madeira e os grandes containers perto das docas lhe davam uma enorme vantagem. Quando viu Chains se escondendo atrás de uma das grandes caixas, seus pelos se eriçaram. Que porra estava Chains fazendo ali? Como poderia saber que o alvo estaria na doca? Mesmo Shadow não teria esse conhecimento sem o celular, embora Chains estivesse

no restaurante. Shadow não sabia se estava com Killer of Kings ou era um maldito inimigo.

Ele se moveu, torcendo um silenciador no cano de sua Glock. Quando estava bem atrás dele, pressionou a arma na cabeça de Chains.

— Engraçado encontrá-lo aqui.

Chains colocou ambas as mãos para cima.

— Não é o que você pensa.

— Se fosse você, começaria a explicar muito rápido.

Não impediu Chains quando ele se virou lentamente.

— Sabe que Boss tem olhos e ouvidos em todos os lugares. Apenas preciso vigiar, mas este caso é todo seu, Shadow. Na verdade, a verdadeira razão pela qual estou aqui, é ele.

Shadow estreitou os olhos e olhou para onde Chains apontou. À distância, viu um vulto deitado em posição para disparar um rifle Sniper.

— Quem é aquele, caralho?

— É um grande contrato. Precisa saber que Killer of Kings não é o único querendo ganhar dinheiro com isso. — Disse Chains. — Esse cara é o único com quem Boss está preocupado.

Shadow abaixou a arma.

— Sabe alguma coisa sobre ele?

— Ele é problema. Colombiano. Há rumores de que seus pais o venderam para uma das grandes gangues de bairro, quando era apenas uma criança. Já adolescente, derrubou o líder e fez o grupo progredir.

— Então tem um gosto de matar em seu sangue.

— Quando tinha uns vinte anos, o chefe do maior cartel de drogas o procurou, querendo contratá-lo para sua proteção. Para encurtar a história, ganhou a confiança do chefe, em seguida, arrancou seu coração. É um bastardo selvagem.

— E quer o meu salário. Isso não me parece bom.

— Eles o chamam de El Diablo. — Disse Chains.

— Boss quer que você o mate?

Chains balançou a cabeça.

— Isso é um último recurso. Boss quer que o recrute.

— Merda. — Disse Shadow. — Isso seria um problema para mim.

— Apenas se preocupe com o seu alvo. Eu o mantereii ocupado.

Shadow ajustou seu coldre e verificou o clipe em sua Glock.

— Se ficar no meu caminho, o matarei.

— Justo.

Ele se moveu para mais perto, entrando e saindo de entre os containers, invisível enquanto se aproximava do local. Seu alvo do

restaurante estava entre os homens, ajustando a gola do casaco. Esse idiota presunçoso achava que era invencível, não esperava pelo Killer of Kings.

Não esperava por Shadow.

Tirou o rifle Sniper que prendeu às costas, abaixou-se em um joelho e ajustou suas miras, com cuidado. Isso era para o que vivia, para o que foi treinado a fazer. Abateu o alvo com um tiro limpo. A adrenalina correu por seu corpo, fazendo seu pau ficar duro, quando o alvo caiu no chão. Shadow deixou cair o rifle e se levantou, atirando nos homens um por um, até que apenas o som de gaivotas e ondas batendo no cais encheu o ar.

Respirou fundo o ar salgado e notou El Diablo saindo de sua posição distante no container.

Sua intuição o impelia a verificar Riley. Aquele idiota e sua comitiva a viram na noite passada. Shadow odiava levar Riley para seu mundo, mas tudo o que podia fazer agora era trabalhar duro para mantê-la segura. Pegou seu celular e se conectou ao sistema de segurança na confeitaria. Havia alguns clientes na loja, isso acalmou um pouco seus nervos. Ampliou quando viu um homem olhando o menu de bolos de Riley e colocou a mão no ombro dela. Foi quando ele viu.

A tatuagem.

O símbolo do infinito que Maurice lhe mostrou.

Graças à leitura labial de Riley, sabia que seu alvo a tinha, então todos os sócias provavelmente tinham a tatuagem agora. Shadow sentiu-se tonto, com o coração acelerado no peito. Esse mesmo sentimento de impotência que conhecia muito bem desde quando era uma criança, infundido em seu sangue. Eram vinte minutos de carro até a praça. O alvo estava morto, mas deve ter enviado alguém para vigiar Riley. Um de seus sócias estava na confeitaria.

Ligou para Riley enquanto corria de volta para seu carro. Ela não atendeu Merda!

Shadow acelerou pelas ruas laterais para chegar à rodovia. Sua única missão era chegar até sua mulher. Todo o restante poderia esperar. Enquanto dirigia, seu celular tocou. Usou seu sistema viva voz enquanto passava pelo tráfego.

— Recebi a informação de que o plano deu certo. — Disse Boss. — Bom trabalho.

— Agora não. Há um assassino na confeitaria. Por que porra você não fez Chains enterrar estes fodidos semanas atrás?

— Killer of Kings funciona como uma dança coreografada. É uma coisa linda. — Disse Boss, sua voz com seu timbre calmante habitual. — E pelo amor de Deus, Shadow, não somos primitivos. Todos os que trabalham para mim tem um conjunto de habilidades únicas, muito além desses chamados assassinos de aluguel. Às vezes gosto de desafiar meus homens, às vezes eu lhes ensino umas lições.

— Olha, entendo, mas isto não é um jogo de merda! A vida de Riley está em perigo. — Ele se lembrou de como Boss ensinou a Killian uma lição sobre matar mulheres. Shadow não era um recruta. Matou toda sua vida e apesar de alguns contratemplos, fazia bem o seu trabalho.

— Quão longe você irá para salvá-la, Shadow?



CAPÍTULO

OITO

Esse homem não queria encomendar ou levar um bolo. No entanto, Riley entrou no jogo. Não tinha exatamente muita escolha. Quando o homem colocou a mão em seu ombro, quis vomitar, mas como todas as outras vezes que foi confrontada com uma decisão difícil, manteve a calma.

Colocando o cabelo atrás da orelha, viu várias garotas entrarem na loja.

— Você pode ficar olhando enquanto atendo. — Sorriu para ele e foi para trás do balcão para servir as jovens. Não queria alertá-las para o fato de que havia um monstro no meio delas. Não precisavam saber esse tipo de coisa.

O homem em questão a estava olhando e realmente não tinha tempo para ligar para Shadow. Era um dos homens do restaurante. Não gostava disso nem um pouco. Por que esse homem de repente queria falar com ela? Era uma armadilha. Crescendo nas ruas, entre lares adotivos, aprendeu a perceber desde muito jovem quando o perigo espreitava.

Soltando um suspiro, olhou em volta e viu que ninguém estava por perto.

— Então, você já escolheu algum? — Perguntou, indo em direção a ele.

— Estava pensando se você poderia me mostrar alguns dos tamanhos de bolos. Sinto muito, realmente não conheço os tamanhos e as proporções. Todos estes bolos parecem realmente pequenos e não quero um pequeno.

Você é um mentiroso filho da puta.

Se fosse para parte de trás da confeitaria, tentaria matá-la. Se resistisse, despertaria suspeitas e agora, queria apenas passar pelos próximos minutos.

Se sobreviver a isto, juro que irei parar de me estressar com as pequenas coisas e aproveitarei a vida. Farei mais sexo. Farei mais de tudo e menos das coisas chatas. Viverei minha vida ao máximo e nunca mais permitirei que um momento de tédio interrompa minha grandiosidade.

Pensou em Shadow e como a fez se sentir nas poucas vezes que estiveram juntos. A noite anterior foi mágica e o pensamento de nunca mais vê-lo novamente, encheu-a de dor.

— Certo. Dois segundos. Deixe-me apenas trancar a porta para que ninguém entre e tente roubar as coisas que tenho para oferecer. — Seu coração acelerou enquanto trancava a porta. Eu consigo fazer isso.

Sorrindo para o homem, entrou na parte de trás de sua confeitaria.

Estava logo atrás dela e em poucos segundos tinha uma arma pressionando seu crânio. Alcançando o bolso, sentiu a única coisa que sabia como usar. Inspirando e expirando, fechou os olhos.

— Você realmente não deveria ter caído no meu colo tão facilmente. — Girou ao seu redor e ela se forçou a olhá-lo. Queria olhar para o homem que tinha a intenção de matá-la. — É uma pena. Você é uma garota gorda muito bonita. Teria adorado transar com você, mas não tenho tempo. Preciso me encontrar com meu chefe. Não posso deixá-lo esperando. — Seu olhar percorreu o seu corpo, mas ela não pensou. Pisou em seu pé e levou o cotovelo ao seu estômago.

O choque de seu ataque colocou-o em uma posição vulnerável e depois de ter uma arma apontada para sua cabeça, não estava em um estado de espírito para perdoar. Estava irritada. Sem outro pensamento para o que estava fazendo, afundou a lâmina no olho do idiota, puxando e o esfaqueou na garganta. Agiu por pura adrenalina, seu único pensamento era sobreviver e conseguiu atacá-lo de surpresa.

Ofegou e se afastou, segurando a faca em sua mão como se fosse uma tábua de salvação. O homem gorgolejou, gritou e depois caiu no chão, o sangue escorrendo de seu olho e pescoço. Acabou de matar um homem e ficou olhando para o chão, onde ele entrava em colapso e desmoronava, congelada no lugar.

— Bem, tenho que dizer que estou surpreso.

Riley se virou e viu Boss de pé na entrada.

— Mas tranquei a porta.

— Ser o dono do Killer of Kings, me fez aprender algumas coisas. Como ter chaves reservas das propriedades das mulheres que estão na vida de meus colaboradores. Shadow está interessado em você há algum tempo. Achei que fosse realmente se amarrar agora, mas é um idiota dramático e egoísta também. O mártir.

Ela apontou para o homem no chão.

— Ele ia me matar.

— Sim. Acho que não contava com a faca, certo? — Ele riu. — O meu nome é Boss, por sinal. — Estendeu a mão e ela apenas olhou-o.

— Você está drogado? — A mão dela estava coberta de sangue do homem que matou. Todas as evidências estavam em sua confeitaria e não tinha nada a dizer aos policiais, agora sua vida realmente acabou. Tudo estava desmoronando sobre ela.

De repente Boss a pegou seus braços, segurando-a.

— Não vá surtar perto de mim.

— Estou realmente prestes a perder o controle agora. Não quero ter que passar por isso.

— Respire fundo.

— Tire suas mãos dela. — Shadow disse, aparecendo atrás de Boss. — Caralho, como chegou aqui antes de mim?

Dois outros grandes homens entraram na confeitaria logo atrás de Shadow. Ainda segurava a faca e olhava para Shadow, precisando dele mais do que qualquer coisa, mas Boss não a soltou.

— Aparentemente, tinha tudo sob controle. — Boss finalmente a soltou e começou a tremer. Inclinou-se e verificou a tatuagem. Assobiou. — Outro sócia do alvo. Merda, haverá muitos desses filhos da puta desempregados agora.

— Qual é o significado disso, caralho? — Um homem com sotaque espanhol falou e franziu a testa. — Este era para ser o meu alvo.

— Você não conseguiu ter sucesso, El Diablo, Shadow conseguiu. Nunca duvidei dele. — Boss pegou a faca da mão dela, fechando-a e guardando-a. Esta era a faca que a salvou em muitas ocasiões e de jeito nenhum alguém a tiraria dela.

— Devolva a minha faca. — Qualquer que fosse o choque ou transe em que estava, desapareceu quando roubou sua faca.

Boss a ignorou e enfrentou os outros homens. Começou a falar, mas ela não o estava ouvindo. Sua mente ficou nublada e se sentiu fraca, mas ainda estava determinada a pegar o que lhe pertencia.

— Devolva a porra da minha faca. — Seu desagrado começou a aumentar e realmente, realmente precisava da faca de volta. Sua

sanidade lentamente estava se partindo. Quando não a entregou, ela mesma tomou dele, colocando a mão no seu bolso.

Boss segurou sua mão, segurando-lhe o pulso e aplicou uma grande pressão. Antes que percebesse o que estava acontecendo, armas foram apontadas para todos eles.

— Apenas quero a minha faca de volta. — Sussurrou, seu apelo diminuindo.

— Está coberta de sangue. — Disse Boss. — Você estava claramente tendo dificuldade em lidar com isso.

— Não é a primeira vez que ela fica suja de sangue. — Olhou para Boss. — Devolva. Por favor.

Suspirou, tirando a faca do bolso, colocando-a em suas mãos. Ela colocou os dedos ao redor dela, ignorando os homens quando foi ao banheiro. Tudo que preparou precisava ser jogado fora. Tudo. Não tinha recursos para este tipo de perda, não agora.

— Você está bem? — Perguntou Shadow, caminhando em sua direção.

Olhou para ele, vendo a preocupação em seu rosto.

— Eu estou bem. — Neste momento, não queria conversar.

— Nós cuidaremos de tudo. A equipe de limpeza estará aqui e você não terá que ver nada disso.

Riley bufou.

— Verei tudo nos meus pesadelos esta noite. — Limpou a lâmina e estremeceu quando se cortou. Suas mãos tremiam e não importava o que fizesse, não podia fazê-las parar. Apertando os dentes, deixou cair a faca na pia e Shadow se aproximou. Segurou seus pulsos e juntou-os. Puxou-a para o pequeno banheiro, fechando a porta.

Segurou seu rosto, inclinando a cabeça para trás.

— Eu não tinha ideia de que o idiota viria até você.

— Você iria bater nele, certo?

— Faria mais do que bater nele, iria matá-lo.

— Salvei seu emprego.

— Sim e Boss está pensando em pagá-la.

Inclinou a cabeça para o lado.

— De quanto dinheiro estamos falando aqui?

— O tipo de dinheiro que a fará parar de se preocupar por um tempo. Você seria capaz de investir em uma nova cozinha com as mais recentes tecnologias.

Riley sorriu.

— Isso seria legal. Não ter que me preocupar com dinheiro. Boss tem uma vaga de trabalho?

Shadow balançou a cabeça.

— Não, esta vida não é para você e também não a deixaria tentar essa merda. É perigoso, assustador e não precisa lidar com isso. Você é uma confeitadeira. Não uma assassina.

— Estou começando a pensar que deveria escolher outra profissão. — Olhou para suas mãos, que estavam sujas de sangue. Dela e do homem que iria matá-la. Mordendo o lábio, sentiu as lágrimas inundarem seus olhos e ela gemeu.

— Matei alguém hoje.

— Eu sei baby.

— Tinha uma arma pressionada contra minha cabeça e eu percebi que não queria morrer.

— Fez a coisa certa. Esse homem não merecia viver e com certeza não deveria tirá-la de mim. — Pressionou um beijo contra seus lábios. — Você não fez uma coisa ruim.

— Matei um homem. De forma alguma é normal. Isso é louco e insano, faz de mim um monstro.

Começou a hiperventilar.

Isso era tudo simplesmente demais, alguém tentou matá-la, não conseguia pensar direito.

— Baby, olhe para mim.

Abraçou seu peito e estava tentando se concentrar. A porta do banheiro se abriu. Boss e os outros dois homens estavam lá. Estava começando a ver manchas e tudo girava.

— Você terá que derrubá-la. — Disse Boss. — Ela vai se machucar.

Ouviu gritos e Riley ficou surpresa ao ouvir que era ela. Estava perdendo a cabeça.

— Baby! — Shadow agarrou-a, mas foi inútil. Ela não podia parar. Todas as situações em seu passado e tudo o que aconteceu, eram demais. Cada lembrança única, cada dor, tudo estava lá, florescendo dentro de seu peito e não conseguia fazer parar.

— Sinto muito. — Disse Shadow.

Algo picou seu braço e não demorou muito para que o mundo ficasse negro.



Shadow pegou Riley em seus braços antes dela desmaiar completamente. Não iria deixá-la cair e nunca viu uma mulher sucumbir tão rapidamente. Isto não era apenas sobre o homem que acabou de matar. Viu o horror em seus olhos e em um movimento, toda a dor de seu passado voltou até ela, prendendo-a. Levantando-a em seus braços, olhou para Boss.

— As mulheres realmente não sabem quando calar a boca. — Disse Boss.

— Isso não deveria ter acontecido.

— Eu sei, mas quem saberia que iria querer matar uma garota por roubar seu telefone? — Boss encolheu os ombros. — Fale com Killian, Viper, até mesmo com o fodido Bain. As mulheres nesta indústria vão se machucar. Não há com impedir isso.

— Não quero que ela sofra.

— Sim, bem, terá que protegê-la agora.

— Que porra isso significa? — Perguntou Shadow.

— Eles sabem dela. Transformou-se num alvo. Deixaremos este lugar limpo, mas não pode voltar aqui até que tenhamos tudo sob controle. — Disse Boss. Ele se virou para olhar para El Diablo. — E você? Está disposto a ter uma chance com os bons rapazes?

Shadow revirou os olhos.

— Nós não somos os bons rapazes. Ninguém é um bom rapaz. Matar um homem para salvar alguém, ainda faz de você um assassino. — Disse El Diablo, cuspiendo no chão.

— Sim, posso passar sem o debate de filosofia. Realmente não estou interessado. Apenas me importo com sua habilidade para matar e fazer o trabalho calmamente. — Boss entregou-lhe um cartão. — Há um preço para cada morte relacionada a esse filho da puta. — Ele se virou para Shadow. — Esconda-a.

— O que você sabe? — Perguntou Shadow.

— Sei que pessoas como este desgraçado têm seguidores. Ela estará na lista de merda, então esteja pronto para iniciar uma

matança em massa. Nós teremos que eliminar todos. — Boss olhou para ela. — Este não foi o seu primeiro assassinato.

Shadow não disse nada. Já tinha descoberto isso.

— Proteja-a. — Disse Boss, afastando-se.

Não esperava a natureza protetora súbita de Boss. Este era um daqueles momentos em que Boss o confundia.

Levando-a para o carro, deitou-a no banco de trás, fechando a porta. Entrando, acelerou, sabendo que havia apenas lugar no qual poderia ir. A injeção que deu a ela a manteria desmaiada por algumas horas e teria tempo para se instalar.

Nunca sentiu mais medo do que ver aquele filho da puta na sua confeitaria. Correu para chegar lá, mas era tarde demais. Não conseguia sequer pensar numa vida sem ela.

Porra.

Como sua vizinha tornou-se importante tão rápido? Não queria sequer pensar nisso. Parando na porta do ginásio, a tirou do carro.

Ronny estava lá fora fumando um cigarro, que jogou fora no momento que viu Shadow.

— Não sabia que você viria.

— O que disse a você sobre essa merda? Isso irá matá-lo se não parar. — Acenou para Ronny abrir a porta. Não demorou muito para vários dos rapazes ficarem ao redor dele. — Dê-me algum espaço.

Eles recuaram.

— Essa é a garota da outra noite. — Um dos rapazes disse.

— Vou levá-la para o escritório. Nenhum de vocês o usou para foder, certo?

— Não, senhor. — Todos eles disseram, fazendo sua cabeça girar.

— Se descobrir punirei todos. — Passou ao redor dos jovens e levou Riley direto para o escritório.

Não havia nada fora do lugar. Duvidava que tivessem quebrado suas regras sobre o uso de seu escritório. Colocou-a no sofá e pegou um cobertor para colocar sobre ela.

— Teve uma overdose ou algo assim? — Perguntou Ronny.

Shadow afastou o cabelo de seu rosto. O sangue em suas mãos ainda estava lá. Ele apenas tinha um pequeno banheiro e balançou a cabeça.

— Não, ela não teve. Eu dei-lhe algo para ajudá-la a dormir.

Encheu uma pequena tigela com água e sabão, pegando uma esponja. Pegou o kit de primeiros socorros no caminho, sentou-se ao lado dela e começou a trabalhar em suas mãos, tendo cuidado para não danificar o corte, que ainda estava sangrando.

Depois, começou a limpar o corte. Ronny os deixou, para voltar cinco minutos depois.

— Não sei se você quer roupas limpas. Estas acabaram de voltar da lavanderia. Elas não têm sangue ou qualquer coisa.

— Obrigado. — Disse Shadow.

Ronny veio de uma vida muito ruim. Seu padrasto usou-o como um saco de pancadas até que Shadow lhe mostrou como usar os punhos. Todos os rapazes no ginásio precisavam de ajuda e Shadow usava seu tempo livre para ensinar a todos como cuidar de si mesmos, da mesma forma que seu mentor fez com ele. Claro, eram como filhos para ele, mas a maioria estava em seus vinte e poucos anos, alguns mais velhos.

Era sua única boa ação fora de uma vida de morte. Esfregando sua têmpora, fechou os olhos, pensando em como poderia ter encontrado Riley morta no chão. A imagem deixava-o louco.

— Nós não tínhamos ideia de que era sua garota.

— Não se preocupe com isso, Ronny. O que aconteceu, aconteceu. Da próxima vez que uma mulher entrar na academia, não tente assustá-la com uma tentativa de estupro. Essa merda não é boa. Nunca é boa. — Riley era uma mulher forte, mas precisava que cuidassem dela.

— Com certeza, senhor. Não acontecerá novamente.

Não o corrigiu neste momento. Não importava quantas vezes dissesse para Ronny não o chamar de senhor, o rapaz sempre o fazia.

— Certifique-se que todos saibam disso. — Ele o olhou. — Pode me dar um pouco de privacidade agora?

— Claro, claro.

Ronny fechou a porta atrás dele e Shadow foi deixado sozinho com Riley. Puxando o cobertor começou a tirar a sua roupa, tomando cuidado. Podia estar desmaiada, mas isso não significava que precisava ficar exposta.

— Apenas queria ter algum tempo de descanso entre os trabalhos. Não era para conhecer todos. Tudo o que queria era a chance de me encaixar. Ganho o suficiente para ficar trancado em um palácio ou possuir uma ilha. Não queria nada disso. Apenas um lugar agradável para fingir que era normal, que matar pessoas realmente não me incomodava. O que ganhei? Uma vizinha intrometida, com os olhos mais sombrios que já vi. Para não mencionar sua bunda que se encaixa muito bem contra o meu pau. Vamos ver, seus seios são cheios e adoro segurá-los. E naturalmente, a sua risada. Adoro sua risada e acho que é porque você não ri o suficiente. Precisa rir o tempo todo, Riley. A vida é muito curta para ser miserável. Está me ouvindo? Continuou falando com ela enquanto trocava suas roupas.

Precisava limpar sua cabeça. Deixando seu escritório, pegou um café da máquina e viu os rapazes praticarem movimentos no ringue. Enquanto lutassem de forma limpa, sem risco de ferir alguém, não se importava.

Quando voltou para o escritório, Riley ainda estava desmaiada. Sentando atrás de sua mesa, ligou as câmeras da confeitaria. Instalou um sistema de segurança para ver sempre que pudesse. Rebobinou para quando o desgraçado estava escolhendo bolos e decoração, assistiu-a servir algumas garotas. Começou a conversar com o homem e depois fechou a porta, trancando-se com um assassino ao invés de correr para a praça movimentada.

As câmeras mudaram e ele a viu aparecer. Os olhos fechados enquanto a arma era pressionada contra sua têmpora. A morte estava claramente em seus olhos. A forma como se moveu rapidamente, o chocou. Firmando o pé, bateu o cotovelo contra o estômago do homem e a faca fez o trabalho rápido de terminar sua vida. Felizmente, era um novato de baixo escalão em comparação com alguns dos outros homens.

As ações de Riley eram de alguém acostumada a se defender.

Olhando-a dormir, sabia por seus arquivos que esteve em um orfanato e também que trabalhou nas ruas por um longo tempo.

A máscara que usava para todo mundo ver, ela usava todos os dias também. O tempo passou e ele sentou-se, aguardando Riley acordar, esperando que Boss não tivesse dado uma dose muito forte.

Recebeu a mensagem de Boss de que a confeitaria estava limpa e tudo foi substituído. O filho da puta estava garantindo que fosse premiada pelo seu trabalho árduo, não que Shadow tivesse um problema com isso.

Depois do que pareceu uma vida inteira, embora apenas algumas horas tivessem se passado, Riley começou a se mexer. Levantando-se da cadeira, se moveu para o lado dela, segurando sua mão enquanto ela gemia, abrindo os olhos.

Ela se virou e perguntou.

— O que aconteceu?

Não disse uma palavra, permitindo-a se acostumar com o passar do tempo e tudo o mais. Esfregou os olhos e começou a se sentar quando percebeu que suas roupas eram diferentes.

— Você está na academia comigo. Um dos rapazes encontrou algumas roupas para que não ficasse com aquelas que usava antes.

— As que estavam cobertas de sangue?

— Você se lembra?

— Sim. — Olhou ao redor da sala. — O que está acontecendo?

— Não se estresse sobre isso, baby. Você não precisa se preocupar, ok? — Colocou uma mão em seu peito, forçando-a para baixo. Sentou-se na ponta do sofá, mantendo-a no lugar. — Tudo foi limpo.

— Minha confeitaria?

— Está tudo bem. Tudo foi limpo e desinfetado. Todos seus produtos substituídos. Boss é perfeccionista. Você pode comer no chão.

Assentiu com a cabeça e lentamente deitou-se.

— Também quer dar-lhe uma recompensa.

— Recompensa?

— Você matou aquele homem. Receberá o pagamento. Isso ajudará.

Riley fechou os olhos.

— Deveria ir para a cadeia.

Durante vários segundos Shadow não disse nada. Segurou a mão dela, sem saber o que dizer. Beijando os nós dos dedos, olhou nos olhos dela.

— Não foi o primeiro homem que você matou, não é?

Lágrimas encheram seus olhos enquanto balançava a cabeça. Não tentou negar.

— Não.

— Conte-me, Riley.

Tinha tantas emoções guardadas e o odiava por vê-la assim.

Fechou os olhos e suspirou.

— Dezesseis. Eu tinha dezesseis anos e finalmente estava chegando a algum lugar. Tinha uma identidade falsa. Comecei a trabalhar e estava tudo bem. Sabe? Nada ia mal. Trabalhava até tarde da noite, terminava às duas da manhã. Não frequentava a escola há muito tempo e passava pelo mesmo caminho há semanas, meses até. Dizem que sua vida pode mudar em um instante. Fui puxada para o beco. — Limpou o nariz, enquanto as lágrimas

caíam. — Nem sei quem era o homem, apenas sei que estava esperando por mim. Isso foi o que disse. Ele me observava. Estava esperando e lutei contra ele. Jogou-me contra a parede e depois no chão, tirando meu fôlego. Lutei, mas ele era mais forte. Gritei por socorro. Gritei, gritei e implorei. Nada. Não parou. Levantou minha saia e rasgou a calcinha, tirou seu... seu negócio para fora. Não sei o que aconteceu depois, mas estava com a faca na minha mão e apenas o esfaqueei até que tinha tanto sangue que tudo o que podia ver era vermelho. — Ela olhou para ele.

— Foi por isso que não deixou Boss ficar com sua faca?

Ela assentiu com a cabeça.

— Ela me manteve segura desde que isso aconteceu.



CAPÍTULO

NOVE

Riley cochilou e Shadow deixou-a descansar. Quando se levantou e sentou no sofá, se abaixou na frente dela e segurou-lhe as mãos.

— Como se sente?

— Melhor. Sinto muito por ter feito aquela cena.

Não pode deixar de sorrir.

— Você está autorizada a ficar chateada, Riley. Acha que as donas de casa fofoqueiras da nossa rua poderiam lidar com o que você acabou de passar?

Riu.

— Pagaria para ver isso.

Shadow sentou-se ao seu lado, colocando o braço ao redor dela para que pudesse descansar a cabeça em seu peito. — As coisas apenas vão melhorar. Meu contrato foi cumprido e terei certeza de manter os projetos futuros longe de casa.

— Então, não haverá mais assassinos esperando para me matar?

Não podia responder sem mentir. As palavras de Boss ecoando em sua cabeça. Os homens de seu alvo ainda poderiam querer Riley morta. Até que soubesse exatamente com o que estavam lidando, precisava manter a mulher por perto.

— Esperamos que não.

Segurou a mão dele.

— Você tem um coração forte.

— Cuido bem dele. — Agora que penso nisso, a maior parte da minha vida o meu maior medo era de morrer por alguma doença. Tudo isso mudou agora.

— Como assim?

— Porque nada disso importa mais. Agora tenho medo de perder você, Riley.

Inclinou a cabeça para beijá-lo, lentamente, apaixonadamente.

— Sempre senti medo de confiar em outra pessoa. Todo mundo está sempre me decepcionando, me machucando ou me deixando para trás. Prometi a mim mesma que nunca daria poder a ninguém sobre o meu coração... até que você apareceu.

Beijou-a novamente, sua língua brincando, suave e doce. Não era um prelúdio ao sexo, apenas desejo verdadeiro e amor por uma mulher.

— Sei que você tem cuidado de si mesma por muito tempo, mas estou dizendo, não precisa mais. Nunca deixarei ninguém machucá-la. — Prometeu.

Já que o ginásio era fechado à meia-noite, Shadow levou Riley para sua casa. Mesmo que a pequena casa dela tivesse câmeras de cima abaixo, não tinha as medidas de segurança que a dele tinha. De nenhuma forma a deixaria em perigo agora que estava em uma lista negra.

Ficaram no ginásio até tarde da noite, comeram e conversaram muito. Agora era hora de começar a trabalhar, mas primeiro queria Riley segura e acomodada para que descansasse.

— Sei que você queria uma festa de pijama em sua casa esta noite, mas não pensei que seria sob essas circunstâncias. — Disse Riley, enquanto passavam pela porta da frente.

Ninguém esteve em sua casa, além de Boss. Nenhuma mulher. Nem colegas.

— É o melhor lugar para estar por enquanto. — Até eu descobrir como estão as coisas, não a quero sozinha. Ou em sua confeitaria.

Quando entrou na sala, tirou os sapatos, ainda um pouco instável, ele segurou seu cotovelo.

— Não posso ignorar a minha confeitaria. Perderei todos os meus clientes. — Falou distraidamente, ocupada olhando ao redor.

— Se quer uma repetição de hoje, esteja à vontade, mas pode não correr tão bem da próxima vez.

— Não posso acreditar que isso está acontecendo. É como o programa de proteção a testemunhas, apenas que estou por minha conta.

Shadow puxou seu queixo

— Você não está sozinha. Tem a mim. Não deixarei nada acontecer. Se vierem, cuidarei de cada um.

— Não está com medo?

Sorriu.

— Fiquei com medo quando não pude chegar até você a tempo. Eu me senti impotente e não serei tão desleixado na próxima vez.

— Não foi culpa sua. Você não poderia saber.

Shadow não queria deixar Riley chateada ou fazê-la revisitar as lembranças, então achou melhor mudar de assunto.

— Quer conversar mais? — As drogas desapareceram horas atrás e a comida ajudou a afastar os efeitos remanescentes.

— Eu me sinto como um caso emocional perdido, mas fora isso, sobreviverei. Foi um momento de fraqueza, mas estou bem agora.

— Não precisa ser forte o tempo todo. Não é saudável. — Disse ele.

— Deveria seguir o seu próprio conselho. Como lida com seu passado de merda?

— Entrei para o Corpo de Fuzileiros Navais, fiquei um tempo, apenas piorou as coisas. Fodeu com a minha cabeça ao ponto deles não me deixaram voltar depois da minha terceira missão.

— Mas você ainda está matando.

— Isso é diferente. Não me importo com a violência. Aprecio por ser uma válvula de escape. — O ginásio também ajuda.

Apontou para a sala de estar, convidando-a se sentar.

Balançou a cabeça.

— Já vi sua sala. Quero ver o restante de sua casa.

— Certo você já olhou pela maioria das minhas janelas, não foi?

Riley encolheu os ombros.

— Você não conversava comigo, então não tive escolha. Não gosto de mistérios que não posso resolver.

— Ok, vá em frente.

Abriu a porta da sala principal, parando de repente.

— Puta merda!

Shadow riu quando passou por ela, puxando a arma de sua cintura e deixando-a cair sobre o balcão.

— Pensei que aqui seria a cozinha. — Parou assustada quando olhou ao redor de sua caixa forte, a sala segura abrigando suas armas e munição. Colecionava há muito tempo.

— De jeito nenhum esperava isso e imaginei muitos cenários. — Riley passou os dedos ao longo das prateleiras, verificando tudo como se estivesse fazendo o inventário. — Você ainda tem uma cozinha?

— É na parte de trás da casa. Olha não gosto e não quero te deixar sozinha agora, mas preciso me encontrar com Killer of Kings e descobrir como andam as coisas.

— Eu me viro sozinha. Sou uma garota grande. — Riley sorriu, a malícia em seus olhos. Além disso, estarei ocupada por um tempo explorando.

— Deixe-me ter alguma de privacidade, por favor. — Segurou seu rosto, beijando-a suavemente nos lábios. — Não deixe a casa, baby. Tome um banho, durma um pouco. Estarei de volta antes de você acordar.

Antes de Shadow deixar a casa, ligou o sistema de segurança exterior. Se Riley percebesse algo suspeito, deveria ligar para seu celular imediatamente. Chains estava esperando por ele em um estacionamento abandonado a meia hora de distância. Shadow já tinha perguntas e queria respostas.

Quando chegou ao local, parou onde teria uma boa visão da área. As luzes da rua distantes davam um brilho fraco ao

estacionamento escuro. Quando viu as luzes interiores de um carro se acenderem, saiu do veículo, tocando as armas sob a jaqueta.

— Você pode explicar que porra aconteceu hoje? — Perguntou enquanto se aproximava.

Chains estalou o pescoço para cada lado, inclinando-se contra o capô de seu carro.

— Nenhum de nós sabia que o alvo estava com ela. — O lado do passageiro do carro se abriu e El Diablo saiu.

— Que porra ele está fazendo aqui?

Chains levantou a mão para impedir Shadow de puxar sua Glock.

— Quando El Diablo o viu sair, o seguiu. O contrato valia muito dinheiro e pensou que você tivesse outra pista. Meu trabalho era segui-lo.

Shadow estava imaginando porque Chains e El Diablo estavam em sua cola quando chegou à confeitaria, mas apenas tinha Riley em sua mente no momento. Se tivessem entrado em seu caminho, não teria hesitado em acabar com os dois.

— Bem, o alvo está morto, por isso serei pago.

El Diablo passou a mão pelo cabelo preto. Tinha uma tatuagem elaborada no lado direito de seu rosto perto de seu olho. O cretino não disse uma palavra.

— O que ele está fazendo aqui? Boss o contratou?

— Não trabalho para ninguém. — Disse El Diablo. — Mas vim até aqui, e não quero ir embora de mãos vazias.

— Você está longe de casa. É um longo voo de volta para a Colômbia. — Disse Shadow.

El Diablo estreitou seus olhos, seu corpo na maior parte coberto pela escuridão.

— Não vou lá há mais de dez anos. Aqui é onde jogo agora.

— Ótimo. Apenas o que precisamos de outro psicopata solto nas ruas.

— Cuidado, gringo.

Shadow era fluente em espanhol entre várias outras línguas. E este idiota não o intimidava.

— Você espera que o chamemos de El Diablo? Dê-nos um nome real ou terei que lhe dar um. Que tal Fred?

— Foda-se.

Chains suspirou.

— Não vamos perder tempo agora. Tudo que quero é uma bebida forte e uma boceta. Não assinei em lugar nenhum, onde dizia que teria que ser babá de dois filhos da puta.

— Boss disse algo sobre os seguidores do alvo estarem à procura de vingança. Não temos informações? Quanto eles sabem?

— Procurarão pela garota novamente. Ela tem laços com Killer of Kings e têm seu endereço e informações da confeitaria.

— Como?

— Não valia uma fortuna por nada. Assim que o telefone desapareceu, fez seus homens verificarem a câmera de segurança do restaurante.

— Bem, ele já partiu dessa para melhor, então o que restou?

— Boss quer as coisas limpas. Há uma boa soma para cada morte dos leais ao alvo. Deve ter pelo menos, uma dúzia pelo que nós sabemos.

— É por isso que estou aqui. — El Diablo piscou. — Preciso limpar sua bagunça.

— Ouça Fred, não te perguntei nada.

— Você ouviu esse idiota? — El Diablo perguntou a Chains. — Diga a ele quantos homens matei.

— Não vamos começar um concurso para ver quem mija mais longe, senhores. — Chains esfregou as mãos sobre o rosto. — Apenas o chame de Xavier. É o nome que lhe deram.

— Filho da puta.

— Xavier girou, uma arma na mão. — Por que disse o meu nome a ele?

— Não estou com vontade de chamá-lo de El Diablo também. Guarde isso para alguém que se importa. — Disse Chains. — Agora, Boss está nos enviando arquivo criptografado, verifiquem seus e-mails. Shadow, mantenha sua mulher em uma coleira. Estarão de olho nela e não perguntarão antes de atirar.

— Deveriam vir atrás de mim, não dela. Fui eu quem matou seu chefe. E não a quero em perigo.

— Tarde demais para isso, garotão. — Chains abriu a porta do lado do motorista. — Todos dormiremos com um olho aberto até esta merda acabar.

Shadow viu quando o carro partiu, deixando-o sozinho na escuridão. Queria acabar com isso, mas não poderia fazê-lo por conta própria. Havia uma rede que precisava ser exposta um por um. Planejou iniciar as coisas esta noite, tirando duas ameaças de sua lista. Sabia onde dois dos guarda-costas do alvo estavam hospedados de acordo com sua informação anterior. Já que não era mais necessário fazer bonito e manter distância, era hora de fazer uma visita.

Invadiu o saguão, deu coronhadas no segurança e pegou o elevador até a suíte no vigésimo segundo andar. Enquanto caminhava pelo longo e quieto corredor, anexou um silenciador na sua arma. O rifle no ombro era um último recurso.

Quando chegou ao quarto, ouviu atividade lá dentro, apesar da hora tardia. Preparou-se, destravou a porta, em seguida, entrou na suíte. Viu o primeiro homem tentar sair de sua cadeira e atirou no peito. Quando chegou mais perto, acrescentou outra bala na cabeça do homem enquanto continuava fazendo a varredura na suíte. Após ver que estava tudo limpo, chutou a porta do quarto. Duas prostitutas nuas gritaram, lutando para sair da cama. O

idiota tentou pegar a arma na mesa de cabeceira. Shadow balançou a cabeça.

— Preciso de nomes.

— Vai me matar de qualquer jeito, então foda-se.

— Resposta errada. — Shadow atirou entre os olhos, um spray de sangue coloriu os lençóis brancos. Guardou a arma e vasculhou as gavetas por algo que fosse útil. Teria sido uma perda de tempo interrogar esse merda.

Quando se afastou, uma das mulheres gritou.

— Por favor, faremos qualquer coisa...

Brevemente olhou em sua direção.

— Não estou interessado.

Enquanto Shadow dirigia de volta para casa, socou o painel, sacudindo o punho depois. Trabalhou tão duro para manter sua vida em casa separada do trabalho. Justamente quando parecia que teria uma chance de uma vida real com Riley, o mundo ficou turvo. Agora precisava se preocupar com assassinos aparecendo em sua rua ou na confeitaria de Riley. Era uma merda e parecia que simplesmente não conseguia ter uma folga em sua fodida vida.

Quanto mais se aproximava de seu bairro, mais à vontade se sentia porque estava mais perto dela. Tudo em que podia pensar era em transarem, novamente e novamente. Precisava dela. Esta noite, manteria suas mãos quietas, sem importar o quanto fosse

difícil. Passou por muita coisa e precisava descansar seu corpo e mente. Queria fazer as coisas melhores para ela e o faria.



Na primeira noite que Riley chegou à casa de Shadow, tomou o mais longo banho de chuveiro que já teve. Foi uma limpeza simbólica, permitindo que todo sangue, morte e medo fossem para o ralo. Pensou ter se livrado dos pesadelos de seu passado, mas tudo veio correndo de volta à superfície, logo que foi forçada a usar sua faca novamente.

Isso foi há quatro dias.

Riley se orgulhava de ser resiliente. Precisou ser por toda sua vida. Depois de um ou dois dias estava se sentindo no comando de suas emoções mais uma vez. Mas Shadow continuava mantendo distância. No início, apreciou o fato, sabendo que colocava suas necessidades de lado por seu bem-estar. Mas quatro dias, vendo-o vestindo apenas uma calça larga era um castigo cruel e incomum. Seu corpo estava pronto e ansioso, lembranças de sua noite juntos assolavam seus pensamentos.

Shadow tinha barras de elevação em seu quarto. Foi forçada a vê-lo fazer séries de levantamentos seguidos por uma longa série de flexões várias vezes ao dia. Tudo em que podia pensar era sexo e lambar os músculos brilhando. Por que estava ainda se segurando?

Não se sentia mais atraído? Será que a julgava por ter matado aquele homem?

Riley terminou o banho, vestiu apenas uma calcinha de renda vermelha. Cansou de esperar por Shadow fazer uma aproximação. Seu desespero combinado com o fato de estar confinada por quatro dias seguidos a estava deixando louca. Entrou no quarto, os seios balançando enquanto se movia. O ar frio fez seus mamilos ficarem duros. Olhou para ela de onde descansava na cama com uma pilha de arquivos. Estava obcecado em encontrar todas as pessoas que a queriam morta.

Ele a olhou, a língua molhou seu lábio inferior, mas o idiota não reagiu. Sua confiança sofreu um abalo e se perguntou onde as coisas estavam indo entre eles. Ficaram tão próximos nos últimos dias, compartilhando detalhes sobre suas vidas e jurava que eram almas gêmeas. A intimidade emocional a fez querer ainda mais. Estava tão confusa agora.

Riley rapidamente pegou suas roupas, desistindo de seduzir Shadow.

— Quero ir para minha confeitaria. — Disse, suas palavras cortadas.

— Já te falei que não é possível. Ainda não.

Ela franziu a testa.

— Apenas parar e dar uma olhada rápida. Mal me lembro de como ficou naquele dia e não posso tirar as imagens da minha cabeça. Quero vê-la sem sangue e sem um corpo no chão.

— Eu não sei.

— Ouça, não saio de sua casa faz dias. Preciso de ar fresco. Estará comigo, então ficarei segura... certo?

Ele se sentou na beirada da cama.

— Se formos, é melhor ir agora, antes que fique tarde. E terá que ser rápido.

Riley assentiu surpresa por conseguir que concordasse tão rapidamente.

Antes de deixarem a casa, Shadow equipou seu corpo com armas. Sua boceta doía ao ver seu corpo duro, sua atenção focada. Era o perigo personificado, um assassino habilidoso que a deixava quente prá caralho. Infelizmente, não podia se entregar de graça. Suas palavras doces e ações frias não combinavam.

Seguiram em silêncio, a tensão espessa no ar. Desejou que as coisas fossem do jeito que costumavam ser. Sentia falta de cozinhar, de ser independente. Sentia falta da afeição de Shadow acima de tudo. Pararam em uma farmácia e então para a praça.

Estacionou na frente da confeitaria. Pelo menos estava tudo inteiro e sem janelas quebradas. Shadow deu a volta para o seu lado do carro e abriu a porta, ajudando-a a sair. Segurou a mão

dela enquanto caminhavam para entrada. Shadow estava no limite, continuamente examinando a área.

Assim que entramos, trancou a porta e desceu as cortinas.

— Tudo bem, faça isso rápido.

Ficou perto da entrada enquanto ela vagava, procurando por danos e vendo a limpeza. Tudo parecia em ordem. Na verdade, estava muito mais limpo do que deixou. Boss realmente fazia o serviço completo. Riley esperava vivenciar tudo sobre aquele dia traumático, mas foi tudo embora. Apenas queria seguir em frente.

— Shadow?

Estava ao seu lado em questão de segundos.

— O que está errado?

— Nada. Bem, nada há de errado aqui. Há obviamente algo de errado conosco.

Ele se afastou as duas mãos descansando no balcão.

— O que você quer dizer?

— Talvez esteja errada, mas pensei que você quisesse que eu fosse sua mulher. Alguma coisa mudou? — Não queria ser apenas mais um número para. Ele partiria seu coração. Deixou-o entrar e se permitiu apaixonar.

— Você é minha mulher.

Suspirou o peso do mundo escorregando de seus ombros.

— Então não entendo por que você está me evitando. Não se sente mais atraído por mim?

Os cantos dos olhos se apertaram.

— Sobre o que está falando, baby?

— Você. Eu. Percebe que nem sequer me beija mais. Sinto que não pode sequer suportar olhar para mim. — Não. Colocaria tudo para fora. Não estava atraído por ela ou tinha a força de vontade de um Deus.

Passou as mãos por sua cintura, puxando-a para perto.

— Você passou por muita coisa, tudo muito intenso. Não queria pressioná-la. Eu me importo mais com você do que apenas sexo.

Ela sorriu.

— Isso é bom de ouvir Shadow, mas juro que estou bem.

— Sei que você está apenas tentando ser forte.

— Não, estou cansada de ser rejeitada por você. Com as outras coisas posso lidar, mas sentir que meu amor é unilateral é muito pior.

— Amor? Pensei que Riley Church não amasse. — Segurou sua bochecha, acariciando-a com o polegar.

— Você é impossível.

Sua nuca estava se arrepiando, seus olhos cansados, mas cheios de fome. Ele estava se segurando, podia ver isso agora e o amava ainda mais por causa do esforço.

— Você quer que a beije?

— Quero muito mais do que um beijo, mas apenas se você quiser. Estou cansada de ser tolerada pelos homens.

Ele zombou.

— Tolerada? Você está me deixando louco, provocando-me a cada chance que tem. Torna difícil ser um cavalheiro.

— Então ainda se sente atraído por mim?

— Meu pau tem estado duro a semana toda. Pensei que iria perdê-lo esta manhã quando entrou no quarto sem blusa. Estava a segundos de rasgar aquela calcinha.

Sua boceta ficou escorregadia, a pulsação rítmica quase insuportável. Apertou suas coxas em uma pobre tentativa de aliviar a dor.

— Preciso de você, Shadow. — Sussurrou.

— Estou aqui, baby. Diga-me o que você quer. — Puxou-a junto ao seu corpo, sua ereção provando que não estava mentindo.

— Quero que você me ame.

— Isso eu já faço.

— Então, quero que me foda.

— Você tem certeza disso? Tenho me reprimido durante toda a semana, por isso talvez possa ser um pouco bruto. — Ele moveu a mão pelo cós da calça, apertando sua bunda.

— Neste momento, poderia usufruir muito disso. — Fechou os olhos quando acariciou seu pescoço. Suas mãos estavam por toda parte. Saboreou seu toque, o que esteve pedindo durante toda a semana.

— Tire suas roupas, Riley. Quero você nua.

Ele se afastou, esperando-a se despir.

— Alguém poderia olhar pelas janelas. — Falou, pegando sua mão. Levou-o para uma pequena sala, que carinhosamente chamava de seu quarto pessoal. Era onde dava uma pausa ou um cochilo e havia apenas um sofá velho e uma mesa.

A presença de Shadow parecia grande demais na sala, o cheiro de sua inebriante colônia masculina flutuando no ar. Começou a tirar a roupa, muito ansiosa para ter seu corpo pressionado ao dele, pele com pele. A primeira vez que fizeram sexo, estava escuro e aconteceu rápido. Foi inesperado, ao contrário de agora. Queria isso, exigiu e com a luz do dia, não haveria segredos.

Desabotoou o sutiã.

— Continue baby. — Ele passou brevemente as mãos sobre a protuberância dura e diagonal em seu jeans escuro.

Tirou a calça e a calcinha vermelha.

Ele não se moveu, nem falou.

Riley tinha muitas curvas e se preocupava com a impressão que Shadow teria de seu corpo. Sentia-se desconfortável de pé apenas alguns centímetros de distância dele, completamente nua. Estava todo de preto, incluindo uma jaqueta escondendo uma grande quantidade de calor.

— Vou fodê-la com muita força. Venha aqui. — Usou um dedo para chamá-la para mais perto. Shadow ficou sobre um joelho, segurando seus quadris. Enterrou o rosto em seus seios antes de chupar um mamilo. Gritou, calor líquido escorrendo entre suas pernas. — Amo esses seios grandes e succulentos.

— Oh, Deus...

Colocou as mãos em concha em sua boceta enquanto alternava sua atenção entre os seios. Sua boca e língua eram mágicas, raspando sua pele sensível.

— Você é minha, Riley. Apenas minha. Quero possuir cada centímetro de seu corpo.

— Sim. — Murmurou, mal capaz de falar. — Pegue, pegue tudo de mim.

Gemeu enquanto se levantava. A respiração de Shadow estava pesada quando tirou a jaqueta. Quase teve um orgasmo quando ele ficou ali, apenas com uma camiseta justa e coldres carregados. Seus braços eram duros e grossos cheios de músculos, as tatuagens pretas chegando até os cotovelos. Queria pedir-lhe para se apressar e transar logo com ela, mas manteve a boca fechada.

Cuidadosamente colocou os coldres na pequena mesa antes de levantar a camiseta. Seu peito era a perfeição, seu abdômen como a porra de uma tábua de passar. Colocou a mão no bolso de trás, pegando uma tira de preservativos e um tubo de lubrificante. Colocou-os na mesa. Se achasse que precisaria de umidade adicional, teria uma surpresa.

— Apesar de tudo você estava preparado. — Disse ela, lembrando-se de sua rápida visita à farmácia.

— Um homem pode sonhar.

Envolveu seus dedos ao redor de sua cintura, dando um puxão. Podia ter a paciência de um santo, mas ela estava impaciente.

Ele a beijou, primeiro suave e hesitante, em seguida, esmagador e exigente. Empurrou-a para frente até que caiu sobre o sofá. Shadow inclinou-se sobre ela, ainda beijando seus lábios. A paixão entre eles estava fora de controle, como dois amantes que encontram um ao outro depois de uma vida longe. Não conseguia ter o suficiente dele.

Quando se inclinou para cima, um joelho descansando na beirada do sofá, abriu os joelhos dela.

— Tão linda. Desenhou uma linha com o dedo de seu umbigo até o clitóris. Seu corpo inteiro tremeu, sacudindo enquanto deslizava dois dedos em sua boceta. Ela se arqueou para capturar mais seus dedos. Sorriu maliciosamente.

— Paciência, baby. Deixe-me brincar.

— Eu quero seu pau. — Deixou escapar, pouco se importando como isso parecia.

— E você o terá. — Falou, sua voz suave como a seda. — É todo seu. — Arrastou um de seus dedos umedecidos mais para baixo, desenhando um círculo ao redor de seu buraco apertado. — E aqui, Riley? Algum homem a tocou aqui?

Balançou a cabeça. Riley ficou surpresa com a sensação boa de ser tocada em uma área tão impertinente, como o toque de uma pena. Sua vida sexual não consistia em qualquer coisa pervertida. Na verdade, Shadow abriu um mundo totalmente novo e estava ansiosa para explorar. Amava sua confiança e capacidade de assumir o controle de qualquer situação. E confiava nele para não machucá-la.

— Não se mova. — Ele se levantou e saiu da sala. Podia ver pela porta aberta que estava pegando algo de sua cozinha. Voltou com um de seus rolos pequenos, que usava para cupcake. — O que é isso?

— Um rolo. — Era um rolo de acrílico simples, não o tipo antiquado que provavelmente esperava, feito de madeira com grandes alças extravagantes.

Encolheu os ombros.

— Servirá. Comprarei outro para a confeitaria. Este ficará muito sujo.

Observou com fascinação extasiada quando colocou o lubrificante na extremidade arredondada. Em todos os anos que foi confeitadeira, nunca enxergou seus instrumentos como brinquedos sexuais. Sentia-se suja e devassa, ansiosa por mais jogos de Shadow.

— Mantenha suas pernas abertas para mim, bem abertas. — Ele se sentou na ponta do sofá, inclinando-se para beijar seu clitóris. Suspirou, afundando-se no sofá, desesperada por mais. — Você gosta disso?

— Sim, por favor, não pare.

Inclinou-se outra vez, lambendo sua boceta, provocando e degustando. Sua barba áspera raspava a pele sensível, a mistura de dor e prazer a deixando selvagem. Os sons que fazia eram ferozes, como um homem mal segurando sua humanidade. Tocava-a com sua boca talentosa, levando-a ao limite, mas nunca a deixando gozar.

— Veja isto, baby. — Ele se sentou e substituiu sua boca pelo rolo lubrificado, girando-o em sua entrada. Ela se apoiou sobre os cotovelos para ter uma visão completa. Começou a empurrar lentamente, metodicamente. Começou a enchê-la, desaparecendo quando entrou em sua boceta. — Oh, sim. Tão bonito, porra.

Shadow a fodia com o rolo em um ritmo lento e provocante. Ele usou o dedo polegar da sua mão livre para brincar com seu clitóris latejante.

— Vou gozar.

— Boa garota. Deixe-me vê-la gozar neste brinquedo. Goze lindo e sujo, baby. — Moveu seu polegar em círculos pelo clitóris, levando-a mais e mais perto. Agarrou o sofá com as duas mãos enquanto o orgasmo vinha à superfície, forçando-a pular e gritar enquanto ondas de prazer a percorriam.

Quando finalmente se acalmou, abriu os olhos, Shadow estava abrindo o cinto. Tirou a calça, seu pau quase rasgando sua boxer. Quando soltou sua ereção, o olhou, a boca salivando. O homem estava duro, muito mais impressionante do que o rolo ou qualquer homem com quem já saiu. Seria capaz de enchê-la a ponto de transbordar e o simples pensamento quase a fez gozar novamente.

— Quero sua bunda, Riley. Quero-a tão cheio com meu pau, que deixarei minha marca em você por toda a vida. — Agarrou uma das almofadas e colocou-a sob seu traseiro, mantendo-a mais elevada. Gemeu quando deslizou um preservativo sobre o pau enorme, então passou lubrificante. — Um pequeno e apertado buraco. Você vai se sentir incrível apertando meu pau. Quer isso, baby? — Shadow passou um dedo lubrificado pelo buraco de sua bunda e uma tempestade de novas sensações a percorreu. Estava ansiosa e animada para experimentar este novo prazer proibido.

— Sim, dê-me.



CAPÍTULO DEZ

Riley nunca sentiu nada tão intenso em sua vida. Shadow virou-a e abriu as bochechas de sua bunda. Olhou por cima do ombro enquanto ele mais uma vez a deitava no sofá. Colocou as mãos sobre sua cabeça, empurrando-a para baixo para que seu traseiro ficasse empinado no ar.

Sua bunda já estava lisa do lubrificante, fechou os olhos quando seu pau começou a procurar a entrada de seu buraco virgem.

— Empurre para mim, baby. Preciso que empurre para fora como se estivesse tentando me forçar a sair.

Fez o que ele pediu e lentamente passou por esse anel apertado de músculos e começou a encher sua bunda, indo um pouco mais a cada vez. Não sabia se poderia aguentar muito mais, especialmente porque era tão grande, mas o prazer de longe superava qualquer desconforto. Agarrou o travesseiro sob a cabeça, gemendo enquanto abria mais as bochechas de sua bunda. Suas mãos não estavam mais em seu pau e lentamente encheu sua bunda com cada centímetro de seu pau impressionante.

Calor inundou sua boceta e queria se tocar, sentir um orgasmo que os balançasse.

Shadow era o homem para ela. Não tinha nenhuma dúvida em sua mente. Suas mãos se moveram para os quadris e ela ofegou quando enfiou o último centímetro, enchendo seu traseiro. Ambos gemeram e se inclinou sobre ela por trás, beijando sua nuca.

— Você tem todo o meu pau agora, baby. Seu buraquinho apertado tem todo ele. — Não se moveu, dando-lhe tempo para se acostumar com a sensação de seu pau na sua bunda. — Você gosta disso?

— Sim.

— Bom, porque adoro a sensação de sua bunda apertando meu pau. A melhor sensação neste mundo e sei que posso me acostumar.

Lentamente, começou a sair de sua bunda de modo que apenas a ponta do seu pau ficasse dentro dela. Gemeu, não querendo que parasse. Adorava a sensação de plenitude.

Shadow não negou a ela. O aperto nos quadris aumentou quando a encheu. Seus impulsos eram lentos e pouco profundos, fazendo-a implorar por mais. Sabia como provocá-la de modo que ficasse desesperada.

— Você é gostosa para caralho. Toda minha. — Shadow rosnou as palavras contra seu pescoço, mordendo e lambendo. —

Toque-se. Quero que você goze. Quero sentir sua bunda me apertando.

Alcançando entre as coxas, encontrou sua boceta, passando os dedos sobre seu clitóris inchado. O primeiro toque a deixou ofegante, especialmente quando Shadow começou a aumentar os impulsos, levando-a para mais perto e mais perto do prazer. Não podia suportar a dor e o prazer dentro dela, sabia que Shadow criou um monstro. Estas novas sensações eram viciantes.

Seu toque o fez querer mais e sabia que o aperto nos quadris deixaria marcas.

— Soube no momento que a vi que seria um pé no saco. Sabia que teria que lutar para manter as mãos longe de você. Mesmo que seu rabo intrometido sempre se metesse em minha vida, me fazendo querer ainda mais. Você não recuou. É uma lutadora, exatamente como eu gosto. Quero uma lutadora na minha cama, baby. Quero você.

Gozou, gritando seu nome enquanto ele se movia mais duro dentro de seu traseiro. Ela o sentiu ficar tenso, suspirar, em seguida, seu pau pulsava, enchendo o preservativo com seu esperma.

Segundos depois, caiu sobre ela. Seus braços o redirecionaram e começou a beijar seu pescoço e acariciar seu corpo. Abraçou-a, para que não rolasse para fora do sofá.

Riley não podia acreditar no que acabou de fazer, mas colocou fim a um dia louco. Abrindo os olhos, olhou através da sala para a

mesa e por alguma estranha razão, pensou na casa de Shadow. Mais especificamente seu quarto da frente com a lareira. Sua casa era tão normal para muitas coisas. Ele dava ao mundo a ilusão de que era de fato, normal. Dormiu em seu sofá e ficou olhando para a lareira por algumas horas.

— Você está pensando em algo. Posso sentir isso. E provavelmente não gostarei.

Ela riu.

— Apenas pensando nas aparências. Sua casa parece tão normal. Ninguém poderia perceber o quão mortal você é.

Ela também matou um homem.

Apaixonou-se por um assassino e agora sua vida nunca mais seria a mesma.

— Minha vida está em perigo.

— Prometo que não deixarei nada acontecer. Cuidarei de tudo.

Virou a cabeça para olhá-lo, estendendo a mão para acariciar sua bochecha.

Seu pau ainda enchia sua bunda, mas não queria se mover, não por algum tempo.

— É estranho pensar em alguém cuidando de mim.

— É melhor você se acostumar com isso, porque não vou a lugar nenhum. — Beijou a palma de sua mão. — Além disso,

posso cada centímetro seu agora. Tenho mais alguns planos para o seu corpo e você não irá se negar.

Riu quando ele se inclinou, tomando o mamilo na boca e mordendo até o ponto de dor o que apenas a fez ofegar.

— Então o que acontece agora?

— Agora?

— Eu me sinto como Rapunzel. Fico em sua casa altamente segura para sempre ou posso sair?

— Não está na minha casa agora. Nós estamos tendo muita diversão. Nunca pensei que uma confeitaria pudesse ser tão... bizarra. Quer saber o que poderia fazer com alguns desses cortadores de biscoito? — Ele franziu a testa, fazendo-a rir.

— Esse rolo não será usado para qualquer coisa aqui novamente.

— Vou levá-lo para casa comigo. Ele fez o trabalho que eu queria.

— Não sei se isso é grave ou não. — Riu.

— Não se preocupe, vou limpá-lo.

— Fale sério. O que acontece agora? Não quero ficar protegida para sempre e não vejo isto servindo para nós, para nenhum de nós. O que acontecerá? — Perguntou.

Shadow suspirou.

— Você não pode apenas fingir ser uma mulher normal por dois minutos e não pensar em todo o resto?

Balançou a cabeça.

— Sou uma pessoa prática, Shadow. Preciso saber o que mais está acontecendo para que possa entender que porra fazer. É inteligente estar preparado.

— Precisamos ter certeza que sua vida não está em perigo. Eu a protegerei. Você tem a minha promessa de cuidá-la e amar.

Toda vez que dizia que a amava se apaixonava um pouco mais. Não se opunha a isso. Havia algo irresistível sobre um homem que não tinha problema em dizer a uma mulher como se sentia.

— Acho que não posso viver com um guarda-costas pelo resto da minha vida.

Ele beijou sua bochecha.

— Não será para o resto da sua vida, baby. Apenas alguns dias até matar o que restou da equipe daquele desgraçado. Quando se forem, você estará livre e então estou pensando que deveríamos sair de férias.

— Férias? — Seu interesse despertou.

— Sim. Em algum lugar com o sol radiante e um oceano para brincar.

Ela balançou a cabeça, franzindo o nariz.

— Eu não quero oceanos.

— Por que não?

— Tubarões.

— Vamos para algum lugar onde não há tubarões.

— Não pode garantir que não tenha nenhum tubarão, Shadow. Estão em toda parte e é o oceano. Posso ficar tomando sol, enquanto você vai e faz seu mergulho com tubarões.

Começou a rir.

— Você é uma mulher louca, sabe disso, certo?

— Vivi tanto tempo e não tenho intenção nenhuma, nunca, nunca, de ser isca de tubarão. Isso não acontecerá. — Não pode deixar de bocejar.

— Acho que é hora de ir para casa.

Começou a sair da bunda dela e ela gemeu, sentindo-se um pouco dolorida agora.

— Vou preparar-lhe um banho quando voltar para minha casa. Cuidarei de você. — Usou alguns lenços para limpar o lubrificante. Removeu o preservativo, envolveu-o em mais lenços e jogou-o no lixo.

Shadow não lhe deu a chance de fazer nada sozinha. Cuidou dela, ajudando-a vestir suas roupas antes de saírem da confeitaria. Estar com Shadow era uma vida que certamente poderia se acostumar.



Dirigindo de volta para casa, Shadow fez questão de verificar constantemente ao seu redor. A caçada a Riley era séria, merda e não tinha nenhuma intenção de perder a única mulher que amava. Não havia carros os seguindo e nada parecia suspeito, mesmo quando chegou em casa não percebeu nada fora do comum, o que o surpreendeu.

Mesmo que estivesse vigiando a casa, ainda assim, nada parecia estar fora do lugar. Verificando e descendo a rua, rodeou o carro, abrindo a porta de Riley.

— O que foi?

— Tudo está normal.

— Isso é bom, certo?

Shadow balançou a cabeça.

— Você é um alvo fácil, Riley.

— Obrigada pelo elogio.

— Você matou aquele homem na semana passada por pura sorte. Precisa admitir isso. — Disse, voltando-se para ela.

— Não foi apenas sorte, Shadow. Sendo das ruas, você aprende a se defender. Algumas das crianças adotivas aprendem movimentos em caso de serem pegos. Então não foi apenas sorte do

meu lado. Tenho prática e estou feliz por nada realmente de ruim ter acontecido.

— Não vou discutir isso, mas aquele homem era parte de algo maior. Querem vingança, acredite em mim. — Algo o incomodava sobre tudo isso e o irritava.

Sempre ouvia seus instintos e agora eles lhe diziam algo não estava certo. Entrando em sua casa, digitou o código de segurança.

— Shadow, você está me assustando.

Não parou, sabendo que Riley descobriria tudo em algum momento. Indo para o porão, acendeu as telas de computador que mostravam a casa de Riley.

— Puta merda, você estava me observando todo esse tempo?
— Riley se inclinou sobre seu ombro.

— Você tem um problema com isso? — Perguntou, verificando cada ângulo dos cômodos e não vendo nada fora do lugar. Nada foi saqueado. A casa estava vazia.

Inclinando-se, bateu com os nós dos dedos na beira da mesa ciente de que Riley estava olhando-o.

— Algo está realmente te incomodando. — Disse. — Não vai me contar nada sobre isso?

— Não agora. Acho que você tem muito para lidar.

Pegou seu telefone e ligou para Chains.

— Sim. — Disse Chains, respondendo.

— Houve alguma atualização?

— Nada. Tudo está tranquilo e não há nenhum sinal de qualquer ação. A confeitaria está livre.

Chains ficou vigiando a confeitaria depois que saíram.

Shadow olhou para a tela.

— Alguma coisa não está certa. Vou ligar para Boss. —
Desligou o telefone e começou a discar o número de Boss.

— O que o faz pensar que viriam atrás de mim primeiro? —
Perguntou Riley.

— Você matou o seu homem. É lógico ir atrás da pessoa que o fez com sucesso.

Boss não atendeu seu celular.

— Isso não faz qualquer sentido. — Disse Riley.

A cada minuto que passava, estava ficando cada vez mais irritado. Shadow olhou para Riley enquanto percorria as informações de Maurice em seu telefone celular.

— Que porra quer dizer?

— Você trabalha para Boss, certo? Ele é o único que coordena?

— Sim e daí?

— Bem, é o único a determinar o alvo. O que me diz que não pode ser ele?

— Ninguém pode derrubar Killer of Kings. Boss é o coordenador. Nós eliminamos as pessoas que não são boas. — Não acrescentou que era conhecido por também matar inocentes. Às vezes as pessoas inocentes precisavam morrer para proteger muito mais pessoas. Seu trabalho nem sempre era justo, mas tudo o que fez, teve uma razão para fazê-lo.

— Então você é conhecido por muita gente, certo? O que acontece se for longe demais? As pessoas ficarão provavelmente cansadas de perder contra sua organização. Por que não acabar com o mentor e livrar-se de seu chefe?

Shadow não gostava de vê-la fazer sentido. Killer of Kings tinha uma reputação fantástica por fazer o trabalho bem feito. Boss apenas empregava os melhores homens e era o mais mortífero filho da puta vivo.

Pressionando o número de Maurice, olhou para Riley.

— Espero que você esteja errada.

Não estava errada. Sabia em seu intimo mais do que queria saber. Era a única explicação porque Riley não foi atingida.

— Shadow, graças a Deus, venho tentando falar com todos. Precisava avisá-lo sobre Boss. Seus códigos de segurança foram acessados e seu edifício principal foi infiltrado com pelo menos uma dúzia de homens, talvez mais. Enviou-me um código negro. — Disse Maurice.

— Um código negro, você tem certeza? — Perguntou Shadow.

— Sim. Avisei Viper e Bain. Não sei o que fazer. Killer of Kings apenas tem valor se Boss estiver vivo.

— Maurice, me envie o endereço atual de Boss e os códigos que precisarei acessar.

— Isso não é o protocolo. Disse que quando um código negro é iniciado, você precisa sair da cidade.

— Não farei isso. Não sou um covarde e com certeza não vou me esconder e deixar Boss morrer. — Não podia fazê-lo. Boss era um grande bastardo, mas era alguém que Shadow respeitava muito. Um homem que o ajudou a se levantar quando estava por baixo. — Quero toda essa informação dentro dos próximos minutos.

Não perdeu tempo conversando. Desligando o telefone, o guardou no bolso, correndo pela escada em direção a sua sala de armas.

— O que você está fazendo? — Perguntou, correndo atrás dele.

— Estou indo limpar essa bagunça.

— Vou com você. — Foi pegar um lançador de foguetes, mas a impediu, segurando-lhe o braço.

— Está brincando comigo? — Precisou evitar rir. — Não, você não entrará na linha de fogo. Esta não é sua luta. É minha e não precisa se envolver. — Segurou seu rosto. — Não serei capaz de me concentrar em ajudar Boss se estiver preocupado com você. — Apertou seus lábios contra os dela. — Por favor, apenas desta vez, faça o que eu peço e fique segura.

Tinha uma caçada para fazer e a única maneira de ser capaz de se concentrar era sabendo que estava a salvo.

Assentiu com a cabeça.

— Sim.

Shadow não estava convencido. Puxando-a para si, viu os dardos tranquilizantes bem atrás dela. Distraindo-a com seu beijo, agarrou um e mergulhou-o em seu braço. Ofegou, mas antes que pudesse fazer ou dizer qualquer coisa, desmaiou em seus braços.

— Sinto muito, querida. Você é tudo que eu tenho e não quero perdê-la.

Shadow a colocou no chão, algemando seu pulso a um aquecedor, antes de pegar suas armas. Se tivesse sorte, ficaria desmaiada enquanto ele lidava com os negócios.



CAPÍTULO

ONZE

Shadow acelerou pela estrada em seu Mustang Shelby. Em todos os anos que trabalhou para Killer of Kings, Boss sempre atendeu o celular, dia ou noite. Não gostava disto. Uma leve garoa caía sobre as ruas escuras, distorcendo sua visão através do parabrisa.

Teve muitos percalços em seus primeiros anos como assassino e Boss esteve sempre pronto para tirá-lo de lá ou enviar reforços. Nunca deixava seus homens para cuidar de si mesmo e esta era a chance de Shadow mostrar a mesma lealdade.

Seu telefone tocou enquanto dirigia. Estava tão concentrado, que levou alguns toques antes de colocar no viva-voz.

— Sim.

— Maurice entrou em contato com você? — Era Bain. Apenas o viu em algumas breves ocasiões, mas nunca trabalharam juntos. Era um dos mais novos a trabalhar com Killer of Kings.

— Estou indo até Boss agora. — Disse Shadow. — Que porra está acontecendo?

— Atraíram Killian para longe. Recebeu um telefonema um pouco antes de tudo ficar feio. Ninguém ouviu notícias de Boss.

— Esses filhos da puta acham que são inteligentes. Vão me implorar para que os mate quando terminar.

— Estarei lá com Viper em dez minutos.

Desligou e ligou para Chains. Agora tinha que se preocupar com Killian também. Sempre foi bom em manter distância de todos, não se aproximar demais. Infelizmente, fez amizade com o assassino irlandês e sua determinação para derrubar esses babacas ficou ainda mais forte.

— Ouviu sobre Boss?

— Não, o que aconteceu? — Perguntou Chains.

— Maurice disse que acionou o código negro. Não é bom. Com o que estamos lidando, Chains? Você estava dentro quando eu estava fazendo reconhecimento.

— O alvo era um mestre das marionetes, um grande jogador no submundo. Agora que ele se foi, há uma vaga e mais de um pronto para matar para ficar com ela.

— E Boss?

— Ele é uma grande ameaça. Killer of Kings tem uma reputação de prestígio. — Disse Chains. — Simplesmente não posso acreditar que alguém teve a coragem de enfrentá-lo.

— Onde está aquele pedaço de merda que estava passeando de carro com você?

Houve um breve silêncio.

— El Diablo desapareceu há alguns dias atrás. Pensei que pudesse confiar nele, mas neste jogo, tudo é sobre dinheiro.

O dinheiro não era tudo para Shadow. Trocaria tudo por uma vida normal, uma infância que pudesse olhar para trás com carinho. Como adulto, valorizava a lealdade acima do todo poderoso dólar.

— Chegarei até Boss em poucos minutos. Bain e Viper estão a caminho.

Desligou os faróis quando se aproximou da mansão, os portões de ferro decorativos altos cercavam toda a propriedade, a iluminação cortava a escuridão em intervalos regulares ao redor do perímetro, mas ainda havia uma mistura de sombras. Durante toda a semana perdeu o sono para proteger Riley. Enquanto isso, a ameaça planejava atacar o chefe da organização, ignorando os membros. Com Killian, o guarda-costas pessoal de Boss desaparecido, estaria sozinho contra qualquer número de assassinos treinados.

Esperava que não fosse tarde demais. O líder de Killer of Kings poderia estar morto, já em outro local ou sendo interrogado. Shadow queria correr com as armas em punho como Killian faria, mas precisava sair desta vivo. Precisava voltar para Riley.

Saiu de seu carro e desceu a rua com sua arma ao lado. A chuva leve o irritava, umedecendo seu cabelo e entrando em seus olhos.

Quando se aproximou da entrada, duas sombras escuras esperavam por ele.

— Você ouviu alguma coisa?

Viper tinha um capuz preto, escondendo seu rosto e Bain estava abertamente servido de tanto poder de fogo que poderia acabar com um pequeno exército. Ambos estavam prontos. Para eles, para Shadow, suas vidas giravam ao redor da morte e destruição. Boss treinou a maioria deles um a um. Quem quer que entrou em Killer of Kings encontraria um mundo de dor.

— Nada. Está também extremamente tranquilo se você quer saber. — Disse Viper. — Já estive aqui antes com Pepper, então tenho uma ideia geral da entrada do andar principal.

— Podemos colocar nossas bundas lá dentro, certo? — Bain era um enorme filho da puta, suas tatuagens cobriam até seu pescoço. Era amigo de Viper desde que eram crianças.

— Existe um grande hall de entrada além das portas. — Disse Shadow. — Tenho os códigos para o sistema de segurança.

— Vou entrar. — Disse Viper. — Cubra-me.

Shadow colocou o código no painel de controle, abrindo as portas duplas dianteiras. Viper chutou abrindo-as, duas pistolas estendidas na frente dele. Um alarme soou em poucos segundos, algumas luzes de emergência piscaram vermelhas. Shadow deslocou-se para direita, Bain para esquerda. Eles varreram o hall e espalharam-se pelo andar principal.

Um pouco mais tarde todos se encontraram no saguão novamente. Uma figura estava na porta, todos apontaram suas armas.

— Ei, sou eu! — Disse Chains.

Shadow deixou cair a arma de lado e suspirou. Não havia nenhum sinal de Boss, nenhum sinal de luta. Ainda precisavam verificar o porão e o segundo andar. Havia quatro deles, então tinham as melhores chances.

— Vou verificar lá embaixo. — Disse Bain após olhar sobre o corrimão de madeira. Ele puxou uma AR15, segurando-a encostada em seu peito enquanto descia para o porão. Shadow olhou para o segundo andar, acenando para Viper e Chains o seguirem. Dentro de dez minutos, vasculharam toda a casa e não foi uma tarefa fácil. Boss obviamente gostava das coisas boas da vida e para um homem que vivia sozinho, tinha muitos quartos.

Voltaram ao andar principal, tentando decidir sobre os próximos passos.

— Alguém sabe como desativar a porra do alarme? — Perguntou Chains. O barulho constante mantinha a sensação de urgência à flor da pele.

Viper apontou pela janela da cozinha. Havia uma grande casa com piscina a uma pequena distância, maior do que a casa de Shadow. Todos se mexeram sem falar, passando a enorme piscina de borda infinita, com vista para um vale de floresta.

Bain chutou a porta, abrindo-a, o incidente rompendo o silêncio, lascas de madeira explodindo para dentro. Imediatamente, o cheiro familiar de sangue chamou a atenção de Shadow. A luz da lua se refletia no acúmulo de sangue no chão, o líquido vermelho escuro sendo a única testemunha do que aconteceu com Boss ali.

— Verifique as luzes. — Disse Shadow. Quando a iluminação superior acendeu, viram o corpo balançando nas vigas, o sangue escorrendo pelo azulejo como uma visão mórbida. Havia outros quartos, começou a investigar os da direita. Sabia que não deveria baixar sua guarda, mesmo se o líder do Killer of Kings já tivesse sido eliminado.

— Vejam isto! — Gritou depois de entrar num quarto de hóspedes grande.

Os outros três homens entraram atrás dele.

— Puta merda. — Disse Viper. — Parece um show de horrores, porra.

Havia corpos por toda parte, em vários estados de desmembramento. O chão estava coberto de sangue, moscas zumbindo ao redor dos cadáveres. Shadow matou muitos homens com inúmeras consequências, mas nada comparado a isso.

— Alguém está vindo. — Bain sussurrou, puxando sua nove milímetros. Ele encostou-se à parede de dentro, esperando para atacar. Quem andava pela sala de estar, passando pelos corpos que Boss deixou, não estava tentando ficar quieto. Bain pressionou um

dedo sobre os lábios. Um segundo homem apareceu na entrada, Bain pressionou a arma em sua têmpora.

— Tente qualquer coisa e vou explodir a porra do seu cérebro.

— Spade? — Shadow abaixou a arma. Era um dos homens regulares da equipe oeste de limpeza extrema de Boss. Normalmente não aparecia tão ao norte. — Quem o chamou, caralho?

— Boss. Quem mais?

— Quando?

— Horas atrás.

Shadow passou por ele, Bain ainda apontando uma arma. Quando se aproximou, pegou o corpo por seus tornozelos, girou ao redor para obter um bom olhar do rosto ensanguentado e espancado.

Não era Boss.

— Boss chamou-o e o que ele disse? Onde está? — Perguntou Shadow.

O rapaz levantou os ombros e coçou suas bolas.

— Disse para deixar tudo impecável. A confusão foi contida na casa da piscina. Disse algo sobre não foder seus pisos de mármore.

Soava bem como Boss.

— Onde está? Ele acionou um código negro.

Spade apontou para o quarto quando Lola apareceu na porta da frente, passando por cima de detritos, arrastando um esfregão e balde com ela.

— Apenas limpo, Shadow. Pergunte para outra pessoa.

Lola passou, piscando para ele.

— Quando vai me levar para um encontro, Shadow?

— Não acontecerá, Lola. Tenho uma garota agora.

— Juro que sou melhor do que ela.

— Não acontecerá.

— Merda, nenhum de vocês mais é solteiro? — Queixou-se enquanto entrava no lugar, amaldiçoando quando viu o desastre. — Spade, você precisa chamar Mikey. Isso vai demorar um pouco.

Assim que Lola mencionou um encontro, os pensamentos de Shadow foram imediatamente para Riley. Ainda lhe devia aquele encontro que prometeu e ela estava algemada a um aquecedor.

Shadow estava confuso. O banho de sangue na casa da piscina foi cortesia de Boss, não tinha nenhuma dúvida sobre isso. Então, onde estava? Onde estava Killian?

Até que soubesse mais, iria para casa, entraria em contato com Maurice e veria se tinha algo mais sobre suas localizações. Pelo menos tinha esperança de que Boss conseguiu sair dessa vivo.

Cautelosamente voltaram para a casa principal. O alarme não estava mais soando e as luzes estavam acesas. Shadow aprontou sua arma. Bain foi na frente.

El Diablo estava no hall de entrada da frente, uma faca ensanguentada na mão.

— Quero meu dinheiro. — Disse ele, jogando a faca de lado.

Viper e Bain entraram correndo, prontos para abater El Diablo. Chains se aproximou dele.

— Você fez essa confusão lá atrás?

— Que confusão? Boss disse que seria pago por cada cabeça. Já que tenho cinco no porta-malas, estou aqui para cobrar.

— Onde porra você estava? — Perguntou Chains. — Deixou-me sem um aviso.

— Limpando a bagunça desse cara. — Acenou para Shadow.
— E agora acabei.

Shadow mostrou-lhe o dedo do meio.

— Boss desapareceu, por isso, até o encontrarmos, não haverá pagamento. — Disse Chains.

El Diablo passou a mão pelo cabelo, manchas de sangue em seu braço e rosto.

— Eu o vi esta tarde. Ele me disse onde poderia encontrar a última meia dúzia.

— Você disse que tinha cinco.

— Boss queria deixar um vivo, então esse pinche culero¹ apenas tem ferimentos de bala nos joelhos. Este seu chefe tem uma mente distorcida, porra.

Shadow não podia ficar ali. Precisava chegar em casa, queria chegar em casa. Riley acordaria em breve e não queria que entrasse em pânico quando acordasse presa.

— Entrarei em contato com Maurice. — Disse Shadow. — Já deve saber algo sobre Boss ou Killian.

Respirou fundo quando se sentou no banco de seu carro, chamando Maurice de seu celular.

— Maurice, você descobriu alguma coisa?

Pessoa que ocupa um cargo baixo no negócio da droga

— Killian está com Boss. Estavam nas docas há uma hora. Eu os descobri com as câmeras de vigilância. Geralmente vão lá para despejar corpos.

— Bem, a sua casa da piscina parece pior do que um matadouro. Por que acionaria um código negro se já tinha resolvido as coisas? — Perguntou Shadow.

— Nem mesmo finjo que entendo o homem. Apenas posso especular ser parte de sua estratégia. Ele é um ser humano, Shadow, como você. Talvez apenas precisasse saber se seus homens estavam na retaguarda.

¹ pinche culero expressão em espanhol Filho da puta

— Ligue quando entrar em contato com ele. — Shadow terminou a ligação e foi para a estrada.



Riley ouviu a porta da frente se abrir. Estava além de irritada e pronta para falar poucas e boas para Shadow. Quando acordou no chão, incapaz de se libertar ou até mesmo ficar de pé, entrou em pânico até que se convenceu de que Shadow teria que voltar em algum momento.

Quando apareceu na porta, ela franziu a testa.

— Por que estou algemada? Falei que estava tudo bem em deixá-lo ir tratar de seu negócio, não disse?

— Sei que você disse, Riley. Mas é muito curiosa para seu próprio bem. Não queria que se machucasse.

— Não faria nada.

Ele se abaixou e abriu as algemas, massageando seu pulso livre.

— Sinto muito, querida. Foi um dia fodido.

— Olha, você precisa confiar em mim. Como podemos ter um relacionamento sem confiança?

Shadow sorriu.

— Você está certa. Estou acostumado a confiar apenas em mim. É uma maneira difícil de viver. — Ele a ajudou a se levantar e a puxou para mais perto.

Havia algo em seus olhos, algo diferente, um ar de derrota. Ela não gostou. Por mais que adoraria nocauteá-lo por tudo: os assassinos, as câmeras, as algemas, ela não podia. Apenas queria amá-lo, ser a rocha que precisava. Ele deu-lhe uma sensação de segurança quando entrou em sua vida, então sabia quão precioso o sentimento era.

— As coisas são diferentes agora. Disse ela. — Pelo menos espero que sejam.

Beijou-a nos lábios, apenas uma vez.

— Confio em você, apenas tenho medo de perdê-la.

Acariciou seu rosto.

— Tenho sobrevivido por tanto tempo. Você não será capaz de se livrar de mim tão facilmente. — Pensou no motivo pelo qual ele se foi. Será que as coisas correram bem? Ainda precisava ficar presa ou poderia voltar para a sua confeitaria e viver sua vida? — Então o que aconteceu? Você descobriu algo?

Ele a soltou e passou a mão pelo cabelo despenteado.

— Foi uma bagunça. Preciso ouvir o que houve do próprio Boss. Até eu ouvir, precisamos esperar.

Fez uma careta, mas pelo menos Shadow voltou para ela vivo. Quando acordou pela primeira vez, tudo em que podia pensar era

que algo terrível tivesse acontecido, que nunca mais veria seu homem e morreria de fome no chão, porque ele levou a chave.

— Não sei como me acostumarei com isso. Sua vida é mais louca do que meus livros de mistério e de assassinato.

— Como está o romance?

Riley mordeu o lábio. Apenas ao pensar em sua vida amorosa emergente fez suas bochechas corarem.

— Acho que melhor do que nos livros. — Não podia acreditar que acabou de dizer isso. Durante toda sua vida adulta, se convenceu de que o verdadeiro amor não existia. Agora estava vivendo o sonho.

Imediatamente, seus pensamentos foram para um território proibido. Nunca se cansaria de Shadow.

— Você matou alguém hoje? — Empurrou sua jaqueta por seus ombros fortes, expondo seus coldres. Um por um, ela o desarmou, colocando as armas cuidadosamente sobre o balcão.

— Hoje não.

Passou as unhas na frente da sua camiseta e começou a abrir seu cinto.

— Talvez da próxima vez. — Disse, focada em sua tarefa. A ideia de foder Shadow em sua sala de armas a excitou num instante.

— Pensei que você estivesse com raiva de mim. — Falou, segurando seu pulso antes que pudesse abrir a calça.

— Bem, pense nisso como a sua chance de se redimir.

— Vai se arrepender dessas palavras. — Ele tinha fogo em seus olhos agora, a sua preocupação mudando para algo sombrio e sujo. Riley respirou fundo, antecipação fazendo todo o seu corpo zumbir com necessidade.

Ele ergueu-a sobre o balcão, posicionando-se entre suas pernas. Shadow puxou a blusa e tirou o sutiã.

— Amo seus seios. — Disse, segurando-os em suas mãos. Sabia que não estava tentando ser agradável. Seu desejo era palpável e se sentia tonta com o sentimento de ser desejada incondicionalmente.

Sua língua tocou o mamilo antes que ficasse duro, chupando e lambendo seus seios até que segurava seu cabelo e ofegava seu nome.

— Você está molhada para mim, baby? Quer que encha sua bocetinha apertada com o meu pau?

Assentiu, seu desejo a percorrendo, deixando-a quase tonta de desejo. Riley amava que sua grande e estoica fera tivesse uma boca tão suja durante o sexo.

— Quero te dar prazer, também.

— Acredite em mim, tudo que você faz é me dar prazer. — Chupou seu pescoço, provocando-a nas zonas erógenas até que seus olhos se fecharam.

Tocou seu pau.

— Eu quero seu pau grande. Quero sentir você na minha boca.

Shadow gemeu, colocando a mão sobre a dela.

— Você é uma garota má, Riley.

Segurando seus ombros, saiu do balcão e ficou de joelhos.

— É justo. Quero provar cada centímetro de seu corpo também. — Ela sorriu enquanto admirava sua ereção, uma gota de pré-sêmen brilhando na ponta. Sentia-se poderosa sabendo que estava prestes a fazer um assassino implorar, o seu assassino.



CAPÍTULO

DOZE

Movendo a ponta do pau de Shadow, Riley o provou, querendo mais. Lambeu ao longo, seguindo a veia ao lado e afastou-se um pouco, colocando mais em sua boca. Gemeu quando afundou lentamente a boca em seu pau. Quando atingiu o fundo de sua garganta, olhou para ele, vendo seus lábios apertados.

Afastando sua boca, começou a acariciar para cima e para baixo.

— O que está errado?

— Não quero gozar ainda. Você sabe quanto sexy é ver seus lábios ao redor do meu pau?

Para atormentá-lo ainda mais, engoliu novamente, provando-o, desejando que gozasse por causa de seu toque.

Shadow passou os dedos em seu cabelo, apertando sua mão em punho para segurar a cabeça. Sentiu a força de sua mão quando começou a bombear em sua boca, batendo em sua garganta com cada movimento.

De repente, se afastou, balançando a cabeça.

— Eu quero sua boceta na minha boca. Quero você sentada no meu rosto.

Sempre conseguia o que queria e em questão de segundos, tirou sua calça e estava deitado no chão frio.

— Quero que você coloque um joelho aqui e outro ali.

Balançou a cabeça.

— Não.

— Vou segurar seus quadris enquanto você monta meu rosto. Não vou desistir. Para com isso, baby. Se você me amasse, me deixaria comer sua boceta.

Riley não sabia por que estava nervosa. Por ser uma mulher acima do peso, não se arriscava a fazer a posição sessenta e nove. Até se lembrou das piadas cruéis de um antigo namorado sobre isso, dizendo que iria sufocá-lo se eles tentassem. Mas sabia que Shadow não desistiria até que conseguisse o que queria, então mesmo que estivesse nervosa, ficou sobre a sua cabeça, de frente para os pés.

Suas mãos se moveram para baixo, para a curva de seu traseiro e ele a puxou ainda mais para que sua boceta ficasse diretamente sobre seu rosto.

— Você está parecendo com uma menina virgem agora, querida. Toda nervosa, mesmo que você e eu saibamos o quanto eu amo comer esta boceta.

Abriu seus lábios e a língua tocou seu clitóris, fazendo-a ofegar e após seu toque, esqueceu completamente que não queria isso.

— Chupe meu pau, baby.

Envolvendo seus dedos ao redor de seu pau, cobriu a parte superior, levando-o a sua boca, movendo a cabeça para cima e para baixo. Mais de seu cremoso pré-sêmen vazou e fechou os olhos, apreciando o seu gosto enquanto o chupava. Ele era dela e adorava tudo.

Comeu sua boceta, lambendo seu clitóris, chupando-o e colocando a língua dentro dela. A fodeu com a língua e voltou a provocar seu clitóris mais uma vez.

O prazer era insano, totalmente sujo, especialmente quando começou a acariciar sua bunda, lembrando-a de como era ter o seu pau ali.

Começou a se mover contra sua boca, incapaz de ficar parada enquanto brincava, levando-a mais e mais perto do orgasmo a cada segundo.

Seu pau, ainda duro, encheu sua boca e chupou profundamente, querendo cada parte dele.

Queria que gozasse, que enchesse sua boca com sua libertação para que pudesse engoli-lo, provando-o, a unindo a seu homem.

Enquanto se contorcia, começou a empurrar seu pau para cima, fazendo-a ter mais dele e ela não negou.

Suas lambidas e chupadas se tornaram mais frenéticas enquanto se aproximavam do clímax.

Riley gritou quando Shadow a fez gozar primeiro. O choque de seu orgasmo balançou seu corpo. Engoliu mais de seu pau, sua necessidade selvagem dirigindo suas ações. Ele a segurou firme, prolongando seu orgasmo.

Lentamente, ele a tirou de seu orgasmo quando encontrou seu próprio. Empurrou e seu pau inchou um segundo antes de seu esperma inundar sua boca.

Engolindo, lambeu seu pau até que tentou se afastar, incapaz de segurar mais.

Uma onda de satisfação imensa inundou suas veias, acalmando a sua libido furiosa. Saboreou essa sensação pós-orgástica.

Shadow levantou-a e moveu-a para que pudesse sentar-se sobre suas pernas. Estavam no chão de sua sala de armas, mas era um momento silencioso e íntimo, apenas dos dois. Segurou seu rosto e sorriu.

— Sabia que poderia deixá-la tão perversa como eu. Tem a boceta mais bonita que eu já vi, quero que saiba.

— Não deveria me provocar com isso.

— Eu não resisto. — Passou o polegar sobre seu lábio inferior.
— Era apenas metade de um homem até que a conheci. Posso ver isso agora.

— Deve ser amor. — Ela sorriu. — É o primeiro homem a me algemar a um aquecedor e me fazer chupar seu pau no mesmo dia.

Shadow riu e adorou o som que ele fez. Passando a mão em seu peito, começou a se sentir um pouco preocupada.

— Você acha que algo ruim aconteceu com seus amigos?

— Eu não sei. Com a bagunça que vi, duvido. Não sei por que eles não ficaram por perto. — Esfregou os olhos e ela segurou seu rosto neste momento.

— Seja o que for, lidaremos com isso juntos. Eu prometo.

Sorriu.

— Você é o amor da minha vida, mulher. Quem teria pensado que iria me apaixonar por uma garota que gosta de perseguir as pessoas?

Ela riu.

— Investigar, não perseguir e apenas fiz isso com você.

Vendo que precisava de uma distração, ela moveu-se sobre seu corpo, empurrando-o para se escarranchar em sua cintura. Seu pau ainda estava flácido, mas sabia como deixá-lo todo animado novamente.

— Quero que você para de pensar e se concentre em mim.

— Você tem toda a minha atenção, baby.

Segurando suas mãos, colocou sobre seus seios. Sabia o que passaram na vida, experimentando alguns dos mesmos pesadelos e decepções em suas infâncias. Encontrar um ao outro era uma dádiva de Deus e sabia que ambos entendiam o valor de ter alguém para amá-los incondicionalmente.

— Você me pegou, Shadow. Não importa o que aconteça, ficarei ao seu lado nos bons e maus momentos. Irei apoiá-lo e farei de tudo para cuidar de você.

— Está ficando toda melosa. O que aconteceu com minha vizinha durona?

— Ainda sou sua vizinha pé no saco. Apenas quero que saiba que não está mais sozinho. E nem eu estou. — Beijou seus lábios e seu pau começou a inchar. Ela sorriu.

O amor que sentia por este homem a surpreendia às vezes, mas sabia que seu amor era do tipo que durava toda a vida.



Uma semana depois

— Você a comprou? — Perguntou Shadow, olhando para Boss.

O dono do Killer of Kings não tinha sequer um arranhão nele. Shadow estava fodendo Riley quando recebeu a ligação de que Boss e Killian estavam bem e vivos.

O que o irritou foi o fato dele não ter ideia do que os dois homens estavam fazendo ou por que sumiram. Boss era um filho da puta e a maneira como acabou com todos esses homens o surpreendeu.

Na maioria das vezes queria matar Boss por suas interferências, mas quando chegou a usar o código negro, ficou preocupado. Killer of Kings não era nada sem Boss.

Cada homem que trabalhava para ele sabia que era o melhor no que fazia e Shadow não queria perdê-lo.

— Claro que comprei. Não apenas fiz isso, como estou lhe dando a maior loja, sem ter que pagar aluguel, Riley. — Disse Boss.

— O que?

— Falei inglês, não falei? — Perguntou Boss. — Pensei que gostaria desse investimento. Eu me livrei daquele bar sujo, porra. Gosto de vir a esta praça e esse lugar estava arruinado. Acontece que também gosto de seus biscoitos açucarados, Riley. — Piscou.

Isso tudo era novidade para Shadow, que simplesmente sorriu, chocado com o que Boss deu a Riley. Era perfeito.

Entregou-lhe as chaves.

— Há um decorador no antigo bar esperando por você. É um grande espaço. Diz que pode concluir a confeitaria e a loja dentro de um mês. Tenha o que desejar e não deixe que a impeça de fazer o que tiver vontade.

A boca de Riley estava aberta em choque enquanto pegava as chaves, olhando para elas por um momento. Shadow riu quando se jogou sobre Boss e naquele momento, viu a ternura no rosto do homem.

Se não estivesse olhando, não teria acreditado.

— Vá. Não tenho o dia todo dia, porra.

Boss ligou naquela manhã e ordenou que fosse até a antiga confeitaria de Riley. Shadow nunca esperava por isso, mas viu o que significava para sua mulher.

— Ela é uma boa mulher. Precisa manter o tipo de mulher que cozinha por perto. Na minha linha de trabalho, uma torta de chocolate cura todos os problemas. — Disse Boss.

— Vai me dizer o que aconteceu?

— Não precisa se incomodar com isso, Shadow. Uma caçada a Killer of Kings era esperada. Acho apenas que não sabiam com o que estavam lidando. Muito embora foi bom ter os meus homens prontos para me ajudar. Isso foi... valeu a pena.

— Onde você e Killian foram? Estávamos todos preocupados.

Boss sorriu e foi um sorriso malicioso.

— Nós fomos fazer uma visita a alguns amigos, Shadow. Sabe que há câmeras dentro dos meus edifícios. Gravam e veem tudo. Temos que ter a certeza de que ninguém mais tenha a ideia de tentar acabar comigo. Tomo conta de uma organização de assassinos que faz o serviço bem feito. Não fujo de ameaças. Nunca

o fiz. Fico e eu luto. Vamos apenas dizer que qualquer outra pessoa que pensasse que poderia vencer me abatendo, foi avisado.

Shadow estendeu a mão para o cumprimentar e Boss a aceitou.

Deixando o líder do Killer of Kings, entrou e viu Riley sorrindo e batendo palmas. Virou-se quando o viu, correndo e se jogando em seus braços. Riu quando a girou no ar.

— Eu amei. Isso é tão incrível. Não posso acreditar que não preciso me preocupar com nada. Posso ter a confeitaria que sempre quis. Tudo que sempre sonhei.

— Você começou este sonho, Riley. Não se esqueça disso. E foi o seu árduo trabalho que preparou o caminho. Nós viveremos este sonho juntos, baby. Cada sonho, vamos sonhá-lo juntos. — A colocou de pé. — Quero me casar com você.

— O que?

— Você me ouviu. Quero que nós tenhamos uma vida juntos, colocar uma aliança em seu dedo e passar o resto da minha vida amando-a. Seremos uma família de verdade. Puta merda, talvez possam adotar algumas crianças. Sei o quão incrível é Riley e sei como sou sortudo por você me escolher.

— Eu não concordei em me casar com você ainda.

Levou os lábios até os dela, sentindo-a se derreter contra ele.

— Você irá.

— Você é sempre tão confiante?

Shadow passou o polegar pelos lábios, balançando a cabeça.

— Apenas estou certo de uma coisa. Não posso viver sem você, Riley. Nem agora, nem nunca. Quero te dar o mundo e acordar com você todos os dias.

Lágrimas encheram seus olhos e quando correram por suas bochechas, ele as enxugou.

Levantou uma sobrancelha.

— Minha declaração de amor eterna deveria deixá-la feliz.

— Isso me faz feliz, Shadow. Muito feliz. — Agarrou sua camisa, balançando a cabeça. — Sim, eu vou casar com você. Sim, nós podemos ter uma família e adoraria acordar ao seu lado pelo resto de nossas vidas.

Se não tivessem uma audiência, teria feito amor ali, mas como não era possível, segurou a mão de Riley enquanto ela lidava com o homem que decoraria seu novo negócio.

Nunca nem por um segundo sonhou que teria a chance de encontrar o amor ou ser feliz. Riley era sua vida agora e qualquer que fosse o futuro que tivessem juntos, estava ansioso para compartilhar com ela.

Agora e para sempre, ele a amava.

FIM

Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!
Seja esperta (o).

